

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUÍSTICA APLICADA

Francisco Fred Lucas Linhares

**PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO DE SUBJETIVIDADES EM
PRÁTICAS DISCURSIVAS INSTITUCIONALIZADAS:
ENTRE A DISCIPLINA, A PERFORMATIVIDADE E A BIOPOLÍTICA**

NATAL - RN
2011

FRANCISCO FRED LUCAS LINHARES

**PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO DE SUBJETIVIDADES EM
PRÁTICAS DISCURSIVAS INSTITUCIONALIZADAS:
ENTRE A DISCIPLINA, A PERFORMATIVIDADE E A BIOPOLÍTICA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem, sob a orientação da Dra Marluce Pereira da Silva.

NATAL-RN
2011

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Linhares, Francisco Fred Lucas.

Processos de constituição de subjetividades em práticas discursivas institucionalizadas: entre a disciplina, a performatividade e a biopolítica / Francisco Fred Lucas Linhares. – 2011.

000 f. -

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Natal, 2011.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marluce Pereira da Silva.

1. Lingüística aplicada. 2. Subjetividade na literatura. 3. Análise do discurso literário. 4. Gêneros literários. I. Silva, Marluce Pereira da. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 81'33

FRANCISCO FRED LUCAS LINHARES

**PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO DE SUBJETIVIDADES EM
PRÁTICAS DISCURSIVAS INSTITUCIONALIZADAS:
ENTRE A DISCIPLINA, A PERFORMATIVIDADE E A BIOPOLÍTICA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem, sob a orientação da Dra Marluce Pereira da Silva.

Aprovada em 04 de agosto de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Professora Dr^a. Marluce Pereira da Silva
(Orientadora)

Professor Dr. Marcos Antônio Costa (UFRN)
(Examinador Interno)

Professora Dr^a. Silvana de Souza Nascimento (UFPB)
(Examinadora Externa)

Agradeço e dedico este trabalho

Às forças que conspiraram favoravelmente para seu fim;

Ao CNPQ, pelo apoio financeiro;

À minha querida avó, pelo cuidado;

À minha querida mãe, pelo amor;

A meu avô, pelo homem que é;

Às minhas tias maternas, pelos sorrisos;

Às minhas irmãs, pelos contrastes;

A meus sobrinhos, por me fazer querer um mundo melhor;

Aos meus/minhas amigos(as)-irmãos/irmãs Álamo, Anchieta, Elânia, Karen, Karla e
Isabelle;

Aos amigos e amigas Pedro, Clara, Tainá, Joseph, Abimael, Priscilla, Tânia e Aline;

Ao amigo Peterson, que me proporcionou outras visões;

Aos amigos e amigas que tenho construído no IFRN, em especial, Andreza, Olívia,
Kátia, Ineuda e Violeta;

À Manu, pelo silêncio mais significativo que conheço;

À Danielle, pela força exemplar;

À Janaína, pela presença em meio ao ser(tão) de vozes;

À Julianny, pela parceria nos anos de graduação;

À professora Cellina, pela atenciosa leitura no período de qualificação;

À professora Silvana, pelas contribuições à pesquisa;

À professora Maria da Penha, pelas oportunidades;

Ao professor Marcos, pelo exemplo;

À professora Marluce, pelas orientações, pela paciência e pela cumplicidade quase
materna;

Aos meus alunos e minhas alunas, que no contato diário me fazem crer que estou no
lugar certo.

Muito obrigado!

ESCOVA

Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos algum vestígio de antigas civilizações que estariam enterradas por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos. Comecei a fazer isso sentado em minha escrivaninha. Passava horas inteiras, dias inteiros fechado no quarto, trancado a escovar palavras. Logo a turma perguntou: o que eu fazia o dia inteiro trancado naquele quarto? Eu respondi a eles, meio entressonhado, que eu estava escovando palavras. Eles acharam que eu não batia bem. Então eu joguei a escova fora.

Manoel de Barros

RESUMO

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa de abordagem sócio-histórica, com procedimentos etnográficos. Tem como temática práticas a constituição de subjetividades em relações interdiscursivas entre os discursos propalados pela Medicina Legal com práticas discursivas de futuros(as) profissionais da educação. Em decorrência desse objeto de investigação, estabelecemos como questão central: em que medida práticas discursivas produzidas pela Medicina Legal produzem sentidos em enunciados de alunos e alunas do curso de Pedagogia da UFRN, de forma a constituir subjetividades pautadas pelo transtorno, pela anormalidade e pela doença? Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar práticas discursivas institucionalizadas que constituem subjetividades de gênero e sexualidade pautadas por efeitos de sentidos que traduzem as sexualidades dissidentes como transtorno, perversão e anormalidade. Como ferramentas teórico-analíticas atualizamos, principalmente, algumas reflexões de Michel Foucault concernentes à temática do *biopoder* e da *disciplina*, algumas teorizações advindas dos estudos *Queer* e noções da Análise do Discurso de linha francesa, como o *discurso*, *memória discursiva* e *interdiscurso*. Os resultados desta pesquisa demonstram que as subjetividades são constituídas em um processo que alia dizeres de práticas médicas, *científicas*, ao dizer de nossos(as) colaboradores(as), em uma relação interdiscursiva. Assim, as subjetividades se constituem pautadas pela anormalidade, pelo transtorno, pela medicalização das condutas e dos desejos. Ainda, percebemos o atravessamento de condutas biopolíticas e disciplinarizadoras nesse processo de constituição de subjetividades, por meio de sanções e possíveis prejuízos que esses indivíduos anormais causam à sociedade, justificadas tanto pelos discursos da Medicina Legal, quanto dos(as) colaboradores(as) da pesquisa.

Palavras-chave: Subjetividade, Gênero, Sexualidade, Discurso e Interdiscurso

RESUMEN

Esta es una pesquisa de naturaleza cualitativa de abordaje socio-histórico, con procedimientos etnográficos. Tiene como temática prácticas a constitución de subjetividades en relaciones interdiscursivas entre los discursos propalados por la Medicina Legal con prácticas discursivas de futuros(as) profesionales de la educación. En consecuencia de ese objeto de investigación, establecemos como cuestión central: ¿en qué medida prácticas discursivas producidas por la Medicina Legal producen sentidos en enunciados de alumnos y alumnas del curso de Pedagogía de UFRN, de modo a constituir subjetividades pautadas por el trastorno, por la anormalidad y por la enfermedad? En ese sentido, el objetivo de este trabajo es analizar prácticas discursivas institucionalizadas que constituyen subjetividades del género y sexualidad pautadas por efectos de sentidos que traducen las sexualidades disidentes como trastorno, perversión y anormalidad. Como herramientas teórico-analíticas actualizamos, principalmente, algunas reflexiones de Michel Foucault concernientes a la temática del *biopoder* y de la *disciplina*, algunas teorizaciones advenidas de los estudios *Queer* y nociones del Análisis del Discurso de línea francesa, como el *discurso*, *memoria discursiva* e *interdiscurso*. Los resultados de esta pesquisa demuestran que las subjetividades son constituidas en un proceso que alía el lenguaje de prácticas médicas, *científicas*, al habla de nuestros(as) colaboradores(as), en una relación interdiscursiva. Así, las subjetividades se constituyen pautadas por la anormalidad, por el trastorno, por la medicalización de las conductas y de los deseos. Todavía, percibimos el cruce de conductas biopolíticas y disciplinadoras en ese proceso de constitución de subjetividades, por medio de sanciones y posibles perjuicios que esos individuos anormales causan a la sociedad, justificadas tanto por los discursos de la Medicina Legal, como de los(as) colaboradores(as) de la pesquisa.

Palabras clave: Subjetividad, Género, Sexualidad, Discurso e Interdiscurso.

SUMÁRIO

1	Introdução	10
1.1	Estado da arte	14
1.2	Metodologia: trilhando caminhos	18
2	Lentes de observação: ferramentas teórico-analíticas	26
2.1	Disciplinarização dos corpos, das condutas e dos desejos	30
2.1.1	O poder de soberania	30
2.1.2	Panopticons contemporâneos: condutas disciplinarizadas	31
2.2	Performatividade de gênero: a atualização de gestos anormais em espaços de tempo	37
2.3	Biopolítica: pensando a partir da hipótese repressiva	41
2.3.1	Biopolítica: o poder sobre a vida e para a vida	42
2.3.2	Pensando a relação entre Política e Medicina	45
2.4	A subjetividade em questão	46
3	Efeitos de sentido	48
3.1	Interdiscursividade: os discursos que ecoam no tempo	49
3.2	Da disciplinarização das condutas e dos desejos	59
3.3	Para o bem estar e segurança sociais	63
3.4	Da atualização de gestos anormais em espaços de tempo	67
4	Considerações Finais	72
	Referências	75
	Anexos	

1 Introdução

Esta pesquisa foi sendo montada aos poucos, num trabalho de bricolagem, numa colagem entre tramas de nossa vida enquanto pesquisador, enquanto cidadão comum... Com dilemas, paradoxos, problemas e incertezas para tentar resolver.

Logo no início, pensamos em desenvolver uma pesquisa que envolvesse tão somente as práticas discursivas do contexto escolar, notadamente relacionadas à constituição de identidades “anormais”, e as relações de gênero que naquele contexto se davam. Assim, elaboramos um projeto de pesquisa preocupado com questões relativas aos discursos que circulam no cotidiano da escola a ser escolhida como foco de nossas investigações. Esse projeto tinha como objetivo, por exemplo, investigar a existência ou não do atravessamento dos discursos oficiais, entendidos como os Parâmetros Curriculares Nacionais, nas práticas pedagógicas dos e das docentes, especialmente as orientações acerca do educar para/na diversidade. Devido à elaboração desse trabalho, tivemos o nosso primeiro contato mais próximo com estes documentos oficiais, ou seja, conhecemos os bastante celebrados “Temas Transversais”.

Pareceu-nos crucial, para que esse debate se propagasse e propiciasse mudanças emergentes, um projeto que envolvesse uma dos espaços seminais da sociedade: o contexto escolar. Isso porque é na escola que aprendemos muito do que vamos carregar por toda uma vida, já que os discursos produzidos nesse contexto não ficam presos aos seus muros, eles se presentificam em todas as práticas sociais das quais fazemos parte, principalmente porque esse lugar é tido como um “espaço caracteristicamente enquadrado como contexto de construção de saberes” (MOITA LOPES, 2002) e é nessa direção que suas práticas produzem seus discursos concebidos como verdades absolutas, influenciando nossa forma de apresentar e representar o mundo e os outros. Na escola, aprendemos a preferir, a escolher (LOURO, 1997).

É essa a visão de escola, entendida como espaço sociocultural e da diversidade, que é apresentada pelos documentos oficiais, como as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998). As Orientações Curriculares, por exemplo, produzem em seus discursos sentidos de que a escola não é um lugar neutro, homogêneo e universal, uma vez que envolve sujeitos heterogêneos, os quais “se constituem como tal a partir de uma trajetória histórica, por vezes com visões de mundo, valores, sentimentos, emoções, comportamentos, projetos de mundo bastante peculiares” (BRASIL, 2006, p.219), que produzem e sempre vão produzir diferenças. Ela é espaço para a produção e reprodução

de “tensões, conflitos, preconceitos”. (BRASIL, 2006, p. 219), também “produz toda uma dinâmica cultural que institui visões de homem, de mulher, de mundo e de sociedade” (BRASIL, 2006, p. 219) e dessa maneira “Cada espaço e cada tempo na escola constituem uma linguagem de dizer às pessoas/sujeitos ali presentes o que elas devem ser e fazer” (BRASIL, 2006, p. 219). O sistema educacional é uma maneira política de cultivar ou de transformar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo (FOUCAULT, 2001).

No entanto, mesmo envolvidos pela discussão do projeto inicial, tivemos a oportunidade de conhecermos, por indicação de um estudante de Medicina, um universo discursivo completamente novo para nós, pelo menos de forma mais “científica”.

Conhecendo meus interesses em investigar práticas discursivas relacionadas a questões de gênero e de sexualidade, certo dia, esse amigo apresentou-me a um livro de Medicina Legal. Ocorreu então um primeiro contato com a publicação de 2004, estudada por ele no semestre, na disciplina acadêmica Medicina Legal.

O capítulo dessa publicação, Medicina Legal (FRANÇA, 2004), que era estudado, especificamente para uma avaliação na universidade versava sobre “Os transtornos da Sexualidade”. De início ficamos curiosos, e, a cada passo da leitura, talvez furiosos, ao problematizarmos uma série de enunciados, alguns dos quais serão analisados nesta dissertação. Pudemos, obviamente, entender que se trata de uma rede discursos atrelados a determinada formação discursiva. Mas mesmo assim, aquele texto lido nos deixou inquieto. Os efeitos de sentido que certos enunciados sugeriam causavam-nos a sensação de que havia algo “estranho”, uma vez que, na contramão de discursos, inclusive alguns da “área médica”, os discursos da Medicina Legal parecem sustentar certos “padrões comportamentais” no domínio do transtorno, da doença e da anormalidade.

Ficamos preocupados, estavam sendo formados profissionais, da área da saúde obviamente, e esses profissionais poderiam e podem fazer circular e funcionar esses efeitos de verdade que também podem justificar muitos discursos de preconceito e discriminação em nossa sociedade, principalmente se pensarmos no papel social que um médico tem hoje no Brasil, um *expért* acerca da vida humana. Nos propósitos desta dissertação, buscamos mostrar também como circulam essas práticas discursivas em espaços institucionais específicos, como a universidade.

Mas nossa inquietação não se voltou apenas para os futuros profissionais de saúde. Ficamos pensando que essa maquinaria discursiva que faz funcionar “esse setor” da Medicina Legal poderia também fazer funcionar alguns discursos que circulam na escola, aquela mesma escola motivo de minhas preocupações iniciais, suposto “espaço da diversidade”.

Como já advertimos, nossa pesquisa foi se moldando às práticas discursivas com as quais fomos convivendo e assim sendo modificada à medida que uma nova inquietação surgia. Pensamos e decidimos, então, analisar como e se na Universidade, notadamente no curso de Pedagogia, que se propõe formar os futuros professores e professoras de séries iniciais, os discursos de patologização e medicalização da sexualidade e do gênero são reverberados pelos discursos desses futuros profissionais.

Assim, nossa inquietação geral se justifica pelo motivo de existirem inúmeros documentos oficiais que garantem o respeito à diversidade cultural, sexual e gênero e, contudo, na contramão desses discursos de “aceitação das diferenças”, talvez discursos de (in)tolerância, mantêm-se práticas discursivas que justificam e solidificam ordens discursivas da mais pura produção de restos humanos. Consideramos que os discursos produzidos por certos setores da Medicina Legal oferecem esse risco, de modo a atravessar as práticas discursivas produzidas e circulantes em diversos setores da sociedade.

Dessa forma, interessou-nos ouvir alunos(as) que há pouco ingressaram no curso de Pedagogia porque serão eles(as) também serão responsáveis pela condução das condutas de certas “práticas educativas” em um futuro próximo. Para tanto, é preciso problematizar de que forma esses alunos e essas alunas apreendem os sentidos de práticas discursivas presentes na almejada ou talvez aparente diversidade cultural, de sexualidade e de gênero orientada, inclusive, pelos documentos oficiais, os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Então, temos como objeto de investigação as práticas discursivas institucionalizadas que constituem subjetividades de gênero e sexualidade pautadas por efeitos de sentidos que traduzem as nomeadas sexualidades dissidentes como transtorno, perversão e anormalidade. Entendemos por práticas discursivas institucionalizadas as que estão relacionadas não apenas aos discursos que circulam na universidade, mas também as práticas discursivas analisadas documentalmente, no capítulo “Transtornos da Sexualidade” (FRANÇA, 2004). Para isso, investigamos possíveis relações

interdiscursivas entre os discursos propalados pela Medicina Legal com práticas discursivas de futuros profissionais da educação.

Em decorrência desse objeto de investigação, estabelecemos como questão central: em que medida práticas discursivas produzidas pela Medicina Legal produzem sentidos em enunciados de alunos(as) do curso de Pedagogia da UFRN, de forma a constituir subjetividades pautadas pelo transtorno, pela anormalidade e pela doença?

A partir da análise dos discursos dos(as) colaboradores(as) da pesquisa, indagamos:

- ✓ De que modo as subjetividades, consideradas *anormais* pelas práticas discursivas Médico-legais, são constituídas pelos discursos dos(as) colaboradores(as) da pesquisa?
- ✓ Em que medida percebemos o atravessamento do discurso Médico-legal como um dispositivo medical biopolítico de segurança e controle da população atualmente?
- ✓ De que modo práticas discursivas institucionalizadas contribuem para naturalizar ou (re)afirmar discursos de verdade que assinalam o "diferente", "normal" o “transtornado” como categorias essencializadas?

Tais questões propostas nos conduzem a definir como objetivo principal:

- ✓ Investigar e discutir em que medida práticas discursivas produzidas pela Medicina Legal produzem sentidos em enunciados de alunos(as) do curso de Pedagogia da UFRN, de forma a constituir subjetividades pautadas pelo transtorno, pela anormalidade e pela doença.

E, como objetivos específicos:

- ✓ Analisar práticas discursivas que contribuem para naturalizar ou (re)afirmar discursos de verdade que assinalam o "diferente", "normal" o “transtornado” como categorias essencializadas;
- ✓ Problematizar, a partir da análise dos discursos dos(as) colaboradores(as) da pesquisa, em que medida percebemos o discurso Médico-legista como um dispositivo medical biopolítico de segurança e controle da população atualmente;

- ✓ Discutir de que modo as subjetividades, consideradas *anormais* pelas práticas discursivas Médico-legais, são constituídas pelos discursos dos(as) colaboradores(as) da pesquisa.

1.1 Estado da arte

A pesquisa em Linguística Aplicada tem crescido bastante nos últimos anos. Vários são os programas de pós-graduação em que se desenvolvem pesquisas dessa área do saber, dentre os quais destacamos o Programa Interdisciplinar em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o Programa em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília, o Programa da Universidade de Taubaté, além do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp e o Programa ao qual pertencemos, o Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. As pesquisas desenvolvidas nesses Programas, como têm afirmado alguns estudiosos da área (CELANI, 1998; MOITA LOPES, 2004, 2010), mobilizam teorias das mais diversas áreas do saber, configurando o que se tem denominado de pesquisas transdisciplinares.

Assim, a Linguística Aplicada tem mantido contato direto com a Antropologia, a Sociologia, a Linguística, a Psicologia, com outras Ciências Humanas e Sociais. O que, por vezes, gera desconfiança quanto à validade dos estudos, preocupação essa já bastante superada devido ao crescente fortalecimento da área não apenas no Brasil, como em todo o mundo.

Entendemos essa transdisciplinaridade muito mais do que um simples diálogo à distância, como creem alguns. Segundo Celani (1998), busca-se operar uma justaposição de saberes, que têm como fio condutor a linguagem e suas implicações, dadas as especificidades de cada área. Então, a Linguística Aplicada, especialmente em algumas vertentes, define como objeto de estudo a linguagem e seu uso em práticas reais e em contextos reais. O que implica pensar que as pesquisas no campo da LA têm tomado outros focos de atenção, senão aquele conhecido contexto da escola e da sala de aula, melhor dizendo, o contexto do ensino/aprendizagem de língua (quase sempre estrangeira) (SIGNORINI, 1998).

Não significa assim, que esse tipo de pesquisa tenha sido superada ou que deva ser superada. Mas que outros focos, outras práticas discursivas tem produzido significados sobre o que somos, sobre quem somos. Práticas discursivas que merecem uma atenção especial justamente por muitas vezes solidificar práticas que produzem dor e sofrimento humano. Como já dissemos, a LA parece buscar uma humanização, uma busca por compreender o homem em suas várias possibilidades de viver e de ser.

Recentemente, notícias como as seguintes revelam e comprovam que a escola é um espaço em que não apenas estão envolvidos aspectos de aprendizagem, especialmente de disciplinas curriculares (notícia 1) e que há resquícios de práticas discursivas patologizantes de sexualidades tidas como *anormais* (notícia 2):

Notícia 1

Uma pesquisa sobre homofobia nas escolas aponta despreparo dos professores para lidar com um tema presente do dia a dia dos estudantes. A escola dificulta que o aluno assuma sua posição homossexual e o conhecimento sobre a existência da homofobia no ambiente escolar é maior entre alunos do que entre professores.

A pesquisa foi realizada com recursos do Ministério da Educação (MEC) e apresentada nesta terça (23) durante o seminário “Escola sem homofobia”, promovido pela comissão de Legislação Participativa da Câmara dos Deputados. (Disponível em:

<http://cenag.uol.com.br/noticias_ler.php?id=NDEwNw>

Acesso: 24/11/2010)

Notícia 2

Tratamento para "reverter" homossexualidade vira moda na Argentina

Buenos Aires, 24 dez (EFE).- A proliferação dos chamados tratamentos de "restauração sexual" que pretendem "reverter" a prática homossexual acendeu a luz de alerta no Instituto Nacional contra a Discriminação (Inadi) da Argentina, o único país latino-americano que reconhece o casamento igualitário. (Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2010/12/24/tratamentos-para-reverter-homossexualidade-vira-moda-na-argentina.jhtm>> Acesso em : 24/12/2010)

Além disso, essas notícias confirmam a necessidade de repensarmos as práticas sociais das quais fazemos parte, as quais também construímos. Por isso, entendemos que nossa pesquisa pode contribuir para esse repensar e esse transformar social. Entretanto, pesquisas que mobilizem temáticas como a que estamos levantando não são, ainda, facilmente encontradas, especialmente em Linguística Aplicada. Já que em muitos programas de pós-graduação em Linguística Aplicada ou Estudos da Linguagem no Brasil ainda se mantém a prática de pesquisa em ensino e aprendizagem de línguas, e áreas correlatas.

No entanto, podemos encontrar algumas pesquisas que se aproximam do que estamos desenvolvendo no PPGEL/UFRN. Aqui, ressalto os trabalhos inseridos na Linha de pesquisa Linguagem e práticas Sociais, e alguns projetos voltados para a temática da diversidade de gênero, sexualidade e de raça são originários do projeto “Discurso, Identidade e Memória” sob a coordenação da professora Marluce Pereira da Silva. Desse modo, dissertações e teses desenvolvidas e em desenvolvimento têm problematizado a constituição de subjetividades e identidades com foco na questão das políticas de identidade em diversos contextos, evidenciando, em especial, o papel da linguagem, enquanto uma prática social.

Como exemplo, podemos citar a dissertação apresentada por Tavares (2010) junto ao Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem/UFRN, sob o título “O masculino em revista: mídia, discurso e modos de subjetivação afetivos-sexuais”, em que se discutiu a constituição de masculinidades na mídia brasileira, notadamente nas revistas *Men's Health* e *Universo Masculino*. A partir de um repertório teórico-metodológico que inclui teorizações foucaultianas, da Análise do Discurso de linha francesa, bem como dos Estudos Culturais, entre outros aparatos teórico-metodológicos, o autor discute como, na contemporaneidade, a linguagem midiática tem constituído modos de subjetivação masculinos. Assim, percebemos a preocupação com outras esferas de produção de significados, de construção de saberes e de verdades. Preocupação essa entendida como problematização, como inquietação.

Uma outra pesquisa, que tematiza a linguagem com uma prática social, e entendida por nós como “modelo” desse novo fazer LA, é a realizada por Castro (2010). Em seu estudo, desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, “*Representações de Identidades de Gênero e de Sexualidade nos Discursos de*

Professores de Educação Infantil”, a pesquisadora objetivou compreender que representações identitárias têm professores e professoras do ensino infantil acerca das temáticas relacionadas à sexualidade e ao gênero, assim com a construção da identidade de gênero e sexualidade dos próprios(as) professores e professoras.

Na área das Ciências Sociais, destacamos a tese de doutorado de Pelúcio (2007), intitulado *Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos. Nessa pesquisa, a autora busca compreender como o modelo preventivo da aids acabou atravessando as condutas das travestis, o que, segundo suas ideias, acabou ressignificando as condutas homoeróticas, transformando-as em patologizadas. Muito dos argumentos sustentados pela autora são por nós defendidos nesta dissertação.

Ainda na área das Ciências Sociais, destacamos os trabalhos desenvolvidos pela professora antropóloga da Universidade Federal da Paraíba Silvana de Souza Nascimento que, atualmente, desenvolve pesquisas a partir da linha “Gênero e Sexualidade”, a qual se propõe a analisar os múltiplos modelos de gênero e sexualidade, além de elaborar reflexões teórico-metodológicas para a produção de etnografias sobre travestis, homens, mulheres, prostitutas, entre outros.

Na UFRN, também, é importante reconhecer a relevância das pesquisas desenvolvidas por uma das mais respeitadas pesquisadoras em estudos de gênero no Brasil, a professora Berenice Alves de Melo Bento. Além dos projetos desenvolvidos, das orientações em andamento, das publicações constantes, a professora Berenice fundou, na UFRN, um espaço para a produção de saberes acerca dos estudos de gênero, o Núcleo Interdisciplinar em Estudos de Diversidade Sexual, Gênero e Direitos Humanos. A tese de doutorado da professora Berenice Bento, publicada com o título *A reinvenção do corpo* (BENTO, 2006), constitui-se para nós como um modelo de pesquisa, além de se constituir como uma importante ferramenta teórica em se tratando dos estudos *queer*.

Em outras áreas, como a Educação, pesquisas com a temática da sexualidade e do gênero são bastante desenvolvidas. No Brasil, especificamente, podemos citar como pesquisadora Guacira Lopes Louro, reconhecida com várias contribuições no trato de questões referentes a de sexualidade, gênero, educação e teoria *Queer*. Guacira Lopes atualmente atua como professora convidada no Programa de Pós-graduação em

Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Já orientou pesquisas como: *Sexualidades na escola em tempos de AIDS* (SILVA, 1999); “*Onde está a sexualidade?*” *Representações de sexualidade num curso de formação de professoras* (BALESTRIN, 2007). Atualmente, orienta a pesquisa, iniciada em 2010, desenvolvida por Friedrichs, *Ser star: a educação que fabrica corpos femininos*.

Outro pesquisador importante para os estudos acerca das temáticas da sexualidade e do gênero é o professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Luís Paulo da Moita Lopes. Nesse caso, Moita Lopes nos é especial. Primeiro porque, como já percebemos, traz contribuições valiosas para os estudos da Linguística Aplicada contemporânea, sempre com publicações que tentam esclarecer, talvez definir, os limites e objetivos dessa área de estudos da linguagem (MOITA LOPES, 2002; 2004; 2006; 2009).

Como pesquisas que atestam esse engajamento com as temáticas centrais desta dissertação, destacamos as seguintes, orientadas atualmente pelo professor Moita Lopes: *A performance identitária de um professor homoerótico em sala de aula* (SILVA, dissertação em andamento); *Performances identitárias em uma escola militar* (RAYMUNDO, dissertação em andamento); *A construção discursiva da feminilidade em uma revista para meninas* (OLIVEIRA, tese em andamento.)

Nesse breve itinerário por alguns programas de Pós-Graduação no Brasil e suas pesquisas (em andamento e concluídas), percebemos que as contribuições para esta pesquisa advêm das mais diversas áreas, bem como as temáticas de pesquisa em LA têm sido cada vez mais repensadas e ampliadas para além dos muros escolares.

Por isso, ressaltamos a importância de nossa pesquisa, uma vez que entendemos o contexto escolar como espaço da diversidade e entendemos que os(as) professores(as) em formação constituem um importante aspecto para o desenvolvimento de políticas educacionais que repensem as práticas discriminatórias. Além disso, ressaltamos que a análise de documentos ditos científicos, como o texto “Transtornos da Sexualidade” (FRANÇA, 2004), propicia-nos desconfiar desses discursos de verdade que ao longo do tempo tem constituído gêneros e sexualidades *anormais*.

1.2 Metodologia: trilhando caminhos

Esta pesquisa pisa um solo líquido, por isso imerge em busca de entender o objeto em sua inteireza, sem retirá-lo assepticamente (por mais que fosse possível) dos fluidos que o constituem. Busca. Situada sob os paradigmas daquilo que Bauman tem denominado de Modernidade Líquida (BAUMAN, 2001). A produção de saberes nas humanidades durante uma longa tradição científica, contudo, se desenvolveu nas bases da modernidade sólida.

Estimulados pelos avanços ditos científicos, os saberes positivistas buscaram, nas ciências da Natureza, métodos e lógicas para compreender e analisar os fenômenos sociais, psicológicos e econômicos (VEIGA-NETO, 2002). Assim, começam a se *solidificar* os terrenos da ciência, com o Positivismo e o Empirismo Lógico, por exemplo. Esse processo de solidificação desconsiderou aspectos que hoje são compreendidos como indissociáveis dos objetos e das questões de pesquisa. Porque foi caracterizada pela aceitação não problematizada da razão, da consciência, do sujeito soberano, do progresso e de sua história (VEIGA-NETO, 2002). Dessa maneira, os modos de produzir saberes se pautaram em uma lógica da quantificação, da observação supostamente neutra além de repetitiva e utilizando esses métodos chegaríamos a uma racionalidade, uma realidade verdadeira, exterior, a que, via senso-comum, não teríamos acesso. Na Modernidade Sólida, a verdade estaria em algum lugar a nos desafiar.

Mas essa modernidade foi derretida, ou melhor, vem sendo derretida, principalmente nas Ciências Humanas. E na contramão dos discursos que solidificaram as epistemologias, escorrem, fluidos, os líquidos da nova modernidade.

Assim, inscrevemos nosso trabalho no campo de estudos da Linguística Aplicada, pois a partir do seu caráter transdisciplinar (SIGNORINI, 1998), indisciplinar/mestiço/híbrido (MOITA LOPES, 2006), transgressivo (PENNYCOOK, 2006) e, porque não *líquido*, podemos vislumbrar as questões relacionadas ao objeto escolhido usando um novo par de óculos sociais (MOITA LOPES, 2006), o qual interage com práticas discursivas que dissolvem barreiras e que pensam a língua como produtora de realidades, sendo múltiplas, não unificadas. Se antes se pensava (e pensa-se) que a língua/linguagem representava o mundo, hoje ela apresenta, constrói, inventa essas verdades e realidades as quais pensávamos serem dadas *a priori*. Questionar, problematizar é preciso.

É dessa maneira que o modo de fazer pesquisa em Linguística Aplicada se aproxima do que outras Ciências Humanas e Sociais estão fazendo. A aproximação

entre a LA e pensadores como Foucault está possibilitando a produção de instabilidades e desconstruções. Entretanto, esse relativismo epistemológico não deve ser confundido com relativismo ético (VEIGA-NETO, 2002). Essa desconstrução (que parece ter recebido um valor pejorativo) não se dá, pelo menos não deveria, de forma irresponsável como um “vale-tudo”, pelo contrário. Trata-se de operar uma desconstrução para, a partir daí, operar uma (re)construção. Mas que contemple agora possibilidades, modos marginais, e que cada vez mais colabore na diminuição do sofrimento humano (MOITA LOPES, 2004).

Vivemos, portanto, uma dupla humanização da Linguística Aplicada: ao mesmo tempo em que dialoga com a área dos estudos sociais e humanos, subsidia a criação de paradigmas que vislumbrem o humano em suas várias possibilidades de ser e de viver. Inclusive porque, seguindo orientações da liquidez moderna, não há um lugar privilegiado a partir do qual se possa enxergar melhor a realidade. Em aulas de Língua Portuguesa, por exemplo, é imprescindível desenvolver a competência comunicativa, linguística e enciclopédica dos alunos, mas também é necessário que se trilhem caminhos que levem mais longe como o acesso ao conhecimento de forma crítica e ao exercício da cidadania, até porque o eixo curricular dessa área pode ter como referência a língua em funcionamento com a atuação de sujeitos em relações intersubjetivas e coletivas (BRASIL, 1998).

Nosso problematizar estaria, logo no princípio, em perceber que atentar para a não opacidade das palavras e dos discursos é estar vigilante para a não naturalização das mais diversas relações sociais que produzem desigualdades, que têm levado a intolerâncias (como a homofobia), à evasão escolar, ao baixo desempenho em sala de aula, entre outros resultados que carecem de urgentes reflexões e mudanças, frutos de uma modernidade que solidificou e tentou explicar as relações humanas pelo viés de paradigmas intolerantes. Muitos preconceitos, em uma aula de português (e obviamente não apenas nesta), podem ser questionados e redescritos e a operação de derretimento de certos valores pode continuar. O que nos impele a pensar que muito do que pensamos sobre nossos atos, se é que pensamos, deve ser continuamente visto, revisto e problematizado.

Tendo os estudos culturais como perspectiva a partir da qual, também, ancoramos essa pesquisa, há implicância em pensar que não possuímos uma metodologia especial que possamos reivindicar como nossa. Sendo assim, elaboramos

uma sequência metodológica básica para a coleta e análise dos dados. E, dessa forma, abrimos a possibilidade de utilizarmos distintas estratégias metodológicas, a depender dos objetivos estabelecidos, do contexto e das problematizações que aconteceram ao longo da pesquisa, a fim de produzir conhecimentos referentes às práticas sociais, práticas essas intempestivas.

Para alcançarmos os objetivos definidos, recorreremos a uma pesquisa de natureza qualitativa de abordagem sócio-histórica, com procedimentos etnográficos, tais como: questionário, grupo de discussão, diário de campo e a produção de uma narrativa ficcional produzida em sala de aula.

Por isso, é interessante observar que no estudo dos fenômenos sociais não existe uma única possibilidade de técnicas para compreender e abarcar o objeto, uma vez que os próprios objetos são híbridos, só um referencial teórico-metodológico também híbrido pode (tentar) compreender a sua totalidade. Assim sendo, empregaremos, para nossas análises, algumas concepções da Análise de Discurso francesa, tais como *discurso* e a noção de *interdiscurso* e de *memória discursiva*, bem como a noção de *subjetividades*, *disciplina* e *biopolítica* advinda dos estudos foucaultianos e de *gênero* e *sexualidade* consideradas pelos estudos feministas pós-estruturalistas e pela teoria *Queer* (SCOTT, 1995; BUTLER, 2008).

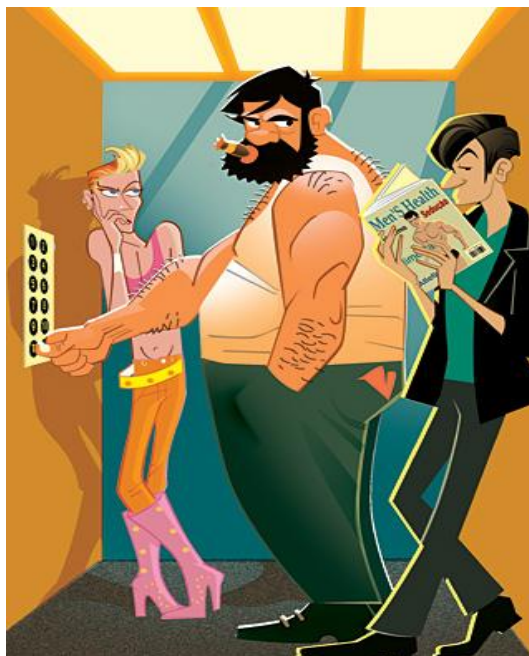
Como critério para a geração dos dados, optamos por trabalhar em uma turma de primeiro semestre do curso de Pedagogia da UFRN, 2010.1, do turno vespertino que estava cursando a disciplina Leitura e Produção de Textos I. Solicitamos a autorização do professor da turma, para, no tempo de sua aula, podermos desenvolver nossa proposta de pesquisa. Após a autorização, tivemos nosso primeiro encontro, no qual explicamos, de forma geral, nossa pesquisa e convidamos os alunos e alunas para serem os colaboradores desta. Assim, com a aceitação da turma, pudemos dar início ao trabalho de geração de dados.

Como mote para o início da busca pelos posicionamentos dos(as) colaborados(as), pedimos que escrevessem uma narrativa breve, proposta pedagógica sugerida na revista VEJA NA SALA DE AULA¹, ano 01, n.2, com publicação em julho de 2006, p. 66, delineada a partir da combinação de imagens e enunciados lingüísticos.

¹ Esta proposta de atividade da Revista Veja na Sala de Aula já foi tomada como materialidade para a elaboração, pelos pesquisadores Cássio Eduardo R. Serafim e Marluce Pereira da Silva, do artigo “Saia justa na escola: gênero, sexualidade e práticas de exclusão. Apresentado no I Colóquio Discurso e Práticas Culturais - I Dipracs(UFC, 2009)

Nosso objetivo nesse primeiro encontro e nesse primeiro instrumento de coleta foi o de incitar uma discussão, em que pudéssemos entrever o posicionamento desses(as) alunos(as) diante da problemática levantada pela sugestão da revista Veja.

A proposta foi a seguinte:



Saia justa. De repente, quebra o elevador que transporta um machão, um gay e um metrossexual. O silêncio começa a tornar-se constrangedor. Como será a conversa entre eles? Dê asas à imaginação, recorrendo a todos os estereótipos a que você tem direito.

Durante o período de duas aulas, cerca de uma hora e meia, os(as) estudantes construíram um texto assim como solicitado pela proposta. Em anexo, os textos selecionados para nossa pesquisa podem ser encontrados. É importante observar que selecionamos os textos cujos enunciados traduzem efeitos de sentido que julgamos constituir estereótipos, ou seja, aqueles estereótipos produzidos por discursos que

construíam subjetividades pautadas pelas práticas discursivas do preconceito, da piada e do riso. Essa escolha por textos jocosos se explica, também, por entendermos, com base em Foucault, que os discursos que fazem rir podem ser os mesmos que fazem matar, simbolicamente, por práticas de exclusão; ou fisicamente, se pensarmos nos vários atentados sofridos por esses indivíduos “engraçados”.

Os enunciados em que observamos, principalmente, a questão da performatividade de gênero foram produzidos, em sua maioria, na narrativa elaborada em sala pelos(as) colaboradores(as), a fim de que atendessem à solicitação da revista *Veja na Sala de Aula: Saia justa. De repente, quebra o elevador que transporta um machão, um gay e um metrosssexual. O silêncio começa a tornar-se constrangedor. Como será a conversa entre eles? Dê asas à imaginação, recorrendo a todos os estereótipos a que você tem direito.*

Como podemos observar, o comando da proposta de atividade orienta que os alunos narrem a cena do elevador a partir da construção de estereótipos, o que de certa maneira propicia a constituição de subjetividades “artificiais”. E isso, de alguma maneira, poderia gerar um impasse metodológico, no sentido de que não deveria analisar esses enunciados como os outros, produzidos de maneira espontânea.

Contudo, entendemos que, mesmo em se tratando de artificiais, esses estereótipos são produzidos via uma memória discursiva coletiva do que seja um gay, um metrosssexual e heterossexual, isto é, a produção dessas personagens na narrativa passa por efeitos de sentidos que refletem a representação que se tem acerca desses indivíduos. Com isso, afirmamos que não há, nesta dissertação, uma “culpabilização”, ou uma denúncia contra os(as) colaboradores(as). Mas que os estereótipos construídos em suas narrativas podem traduzir discursivamente como esses indivíduos são percebidos em suas performatividades.

Essa narrativa produzida em sala se tornou o instrumento por meio do qual demos continuidade à coleta e construção dos dados, uma vez que, em um segundo momento, que também ocupou um espaço de duas aulas, cerca de uma hora e meia, discutimos algumas questões relativas não apenas ao texto que escreveram, mas também relacionadas à própria proposta da *Veja na Sala de Aula* (2006). A discussão foi gravada em áudio, com a devida autorização dos participantes. Durante esse tempo da discussão coletiva, fizemos perguntas as quais estavam elaboradas, numa espécie de entrevista

semi-estruturada, e outras que fomos construindo ao longo do processo da roda de conversa.

Esse foi um momento de muita riqueza “riqueza” no tocante à geração dos dados. Mesmo tendo formulado algumas questões prévias, a roda de conversa foi tomando caminhos por vezes inesperados. Assim, outras questões foram surgindo e abrindo espaço para novas discussões, como questionamentos acerca da travestilidade e da transexualidade, que não atravessavam a produção sugerida pela revista *Veja* (2006). Por esse motivo, ao pensarmos sobre que sexualidades dissidentes iríamos discutir nesta dissertação, decidimos e optamos por trazer também o recorte da travestilidade e da transexualidade.

Alguns momentos dessa roda de conversa não foram transcritos, uma vez que a sala não oferecia uma boa acústica, o que não nos permitiu ouvir com clareza para operarmos uma transcrição fidedigna. No entanto, boa parte desse momento está transcrito e pode ser encontrado em anexo.

Um outro instrumento de geração de dados utilizado por nós foi o questionário. Esse questionário nos foi entregue respondido, por 17 alunos(as), no dia em que tivemos nosso segundo encontro, data em que também discutimos a produção escrita deles(as), a narrativa proposta pela revista *Veja* (2006). Importante destacar que os questionários formam assinados com o nome oficial de cada aluno e aluna, mas, por questões éticas, utilizaremos as palavras “colaborador” e “colaboradora” para identificá-los ao longo do texto.

No questionário, propusemos questões relativas à produção escrita, à formação acadêmica e ao futuro como profissional da área da educação. Entendemos que o questionário nos possibilitou uma maior “entrega” dos(as) colaboradores(as), uma vez que houve um certo tempo, o espaço de quatro dias, e uma certa distância, de nós, pesquisadores, e dos(as) colegas de turma para que respondessem. Algumas questões que propusemos tiveram respostas básicas, como “sim” ou “não”. Essas respostas não estão sendo consideradas na construção dos dados e sim são consideradas respostas mais extensas e mais explicativas.

Para buscarmos a relação de interdiscursividade entre os enunciados da Medicina Legal e os enunciados do(as) colaboradores(as), analisaremos as práticas discursivas produzidas por um documento em específico: o capítulo “Transtornos da Sexualidade”, da publicação *Medicina Legal* (FRANÇA, 2004). Assim, a leitura e

análise desse documento constituem um mecanismo essencial para os resultados desta pesquisa, uma vez que os enunciados analisados a partir deste documento serão observados em sua relação interdiscursiva com o discurso dos(as) colaboradores(as). Optamos por analisar, especialmente, na busca da relação de interdiscursividade, os trechos do capítulo que se referem à homossexualidade, à transexualidade e à travestilidade.

Para uma melhor compreensão, nossos dados de análise foram classificados mediante as seguintes categorias: *condutas disciplinarizadas; para o bem estar e segurança sociais; a atualização de gestos anormais em espaços de tempo e os discursos que ecoam no tempo.*

Metodologicamente, é importante definirmos nosso papel enquanto analistas do discurso: seguindo rumos arqueológicos propostos por Michel Foucault, não tentamos com esta dissertação construir verdades absolutas, nem reivindicar uma voz de autoridade diante do que estamos fazendo. Mas, sim, de ser uma voz a mais, uma interpretação a mais para a compreensão do homem, na sua relação com a linguagem e a produção de verdades que inferiorizam determinadas subjetividades.

É assim que as práticas sociais de linguagem devem ser analisadas, localizando suas tecnologias e os diversos lugares separados encorpados no que o analista deve perceber. Deixamos claro, por fim, que não estamos adequando um objeto a uma teoria. Essas lentes teórico-metológicas nortearão uma forma de observar e criar esse objeto, no sentido que entendemos que os objetos de pesquisa não estão prontos, definidos e acabados à espera de um detalhamento científico, mas são moldados e redefinidos enquanto objetos de ciência.

2 Lentes de observação: ferramentas teórico-analíticas

É interessante observar como podem circular socialmente discursos de certa forma “antagônicos”. Ainda como dissemos na primeira parte do trabalho, movem-se, por exemplo, discursos de igualdade e para a igualdade, como os preconizados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e dos inúmeros grupos sociais de apoio às “minorias”, mas diluem-se também discursos de intolerância, de violência, perigosamente camuflados sob a sombra da Ciência, como algumas publicações da Medicina Legal, notadamente a que estamos analisando neste trabalho (FRANÇA, 2006).

Tentaremos atualizar em nossa dissertação alguns suportes teórico-analíticos desenvolvidos por Michel Foucault em (1988; 1999; 2001; 2009; 2010) vários momentos de sua vida intelectual, nas mais diversas pesquisas desenvolvidas pelo pensador francês. Dreyfus e Rabinow (2010) afirmam evidenciar três temáticas metodológicas nas investigações de Foucault: a primeira, afirmam os estudiosos, seria “a passagem para as práticas culturais e poder”; a segunda temática estaria relacionada à análise de “rituais meticulosos de poder, centrados em certas práticas culturais que reuniam saber e poder” (DREYFUS & RABINOW, 2010, p. 42); a terceira é a biopolítica, conceito que “reúne as várias tecnologias políticas do corpo, os discursos das ciências humanas e as estruturas de dominação que foram articulados nos últimos 250 anos (DREYFUS & RABINOW, 2010, p. 42).

Para nossa pesquisa, algumas concepções da rede de teorizações de Foucault nos interessam de imediato, uma que vez nos nortearão para olharmos para os dados em análise, como a Disciplina, o Biopoder e a Subjetividade.

Como tentamos elucidar ainda em nossa introdução, os discursos de verdade que circulam socialmente produzindo verdades em torno dos sujeitos, no caso específico acerca da sexualidade e do gênero, levam-nos a perceber, e Foucault nos argumenta de forma bastante criteriosa, que têm por base, além de outros, esses dois mecanismos de poder – e de saber e verdade. Assim, cabe retomar um pouco das teorizações foucaultianas concernentes à problemática do “poder”.

Indagado sobre sua produção intelectual, Michel Foucault (FOUCAULT, 2010) define que sua preocupação central é o estudo do “poder”, embora se costume negar que o filósofo tenha construído uma teoria acerca do “poder”. Dreyfus & Rabinow (2010) argumentam, com base nos escritos de Foucault, que este estudioso construiu uma rede analítica de compreensão do “poder”, uma vez que para se compreender o poder de

modo a construir uma teoria, dever-se-ia pensá-lo a partir de um ponto de surgimento, para reconstruir sua gênese, o que para Foucault não funciona. Funciona, sim, entender o “poder” como multicentral e de relações abertas, numa *Microfísica*. O poder, segundo suas teorizações, não pode nem deve ser entendido como uma coisa, uma mercadoria, uma posição ocupada ou uma recompensa. Por isso, é preciso detectar de que modo ele opera.

Segundo Dreyfus & Rabinow (2010),

A recusa de Foucault para elaborar uma teoria do poder advém da compreensão de que a teoria só existe e é inteligível quando é estabelecida contra e entre práticas culturais articuladas. (p.267)

Desse modo, Foucault (2010) afirma que busca fazer surgir a superfície em que poder e saber, poder e verdade são interfaces, uma vez que nossa sociedade a cada dia produz efeitos de verdade, e esses efeitos não podem ser deslocados do poder e de seus mecanismos. Desse modo, é importante frisar que poder e saber não são idênticos, mas sim “estruturas” correlatas. Para Dreyfus & Rabinow (2010), muito dos esforços intelectuais de Michel Foucault objetivaram:

[...] revelar os mecanismos concretos que produziram essa realidade, enquanto descreve minuciosamente as máscaras transparentes sob as quais esse mecanismos se escondem. (p. 267)

Se pensarmos nos discursos médicos, notadamente os médico-legais, poderemos entrever certos efeitos de verdade que se instauraram acerca das sexualidades ditas dissidentes. Em um dos momentos da nossa discussão, notamos que esses efeitos produzem, ou auxiliam de alguma forma a produzir subjetividades “transtornadas”:

Pesquisador: O gay começa o diálogo, mas acontece uma coisa justamente interessante: o machão pede silêncio. Como é que vocês explicam isso?

Colaboradora 1: É como se fosse um instinto de defesa!

Ao serem questionados e questionadas acerca da produção escrita, estratégia metodológica já explicada, a narrativa ficcional, começam a surgir explicações pelas escolhas de construção dos diálogos e das características das personagens participantes da cena do elevador. Em alguns casos, notamos a presença do “machão” como silenciador da situação, por exemplo. Alguns excertos retirados das narrativas ficcionais elaboradas por nossas e nossos(as) colaboradores(as) da pesquisa serão apresentados e analisados mais adiante. Convém lembrar que da cena pensada pela revista *Veja* (2006), participam três personagens: um *gay*, um *metrossexual* e um *machão*. Nos trechos abaixo, temos apenas a fala do “machão”:

Ex1 – Cala a boca viado de uma figa!

Ex2 – Calem a boca suas bichinhas, não vêem que eu estou aqui? Por que agem assim?

Ex3 – Se vamos ficar muito tempo aqui não sei, só sei que quanto menos você falar melhor será.

Inquiridos sobre essa posição de o “machão” ser o silenciador da situação, temos como resposta a sequência linguística “É como se fosse um instinto de defesa”. A noção de defesa da sociedade é um dos princípios básicos da Medicina Legal, e assim sendo, podemos perceber por gestos de leitura e interpretação que os enunciados da maquinaria discursiva médico-legista produzem sentidos através dos tempos, numa produção de sentido interdiscursiva entre saber e poder.

Além dos aspectos mencionados acerca das teorizações foucaultianas, cabe ressaltar que para Foucault (2009) a noção de poder não se resume à soberania estatal, nem a uma instituição ou estrutura, como o exército, a polícia e a justiça, ou a própria Medicina Legal. Para o teórico francês, se assim pensarmos, localizaríamos o poder com muita facilidade, nos Aparelhos de Estado. Ainda para essas formulações teóricas de Michel Foucault (1979), o poder não é privado, privilégio ou essência de ninguém, encontra-se eternamente em uma batalha travada diariamente, que atravessa todo o corpo social, perpassando indefinidamente sociedade civil e Estado. Assim, a rede de micropoderes, que nos ordena comportamentos, performatividades, movimentos e gestos, não deriva do poder Estatal de dominação burguesa, mas é por ela reiterado.

Além disso, o poder e suas relações não são simplesmente identificáveis porque partem dos mais variados lugares sociais, partem da *Microfísica do Poder*. Esses lugares sociais, numa eterna disputa de poder, não resumem essas relações a uma função negativa e repressiva, pelo contrário, essas relações são muito mais sofisticadas, uma vez que possuem estratégias produtivas, merecedoras de nossa atenção. Como por exemplo, o poder/saber que produz o indivíduo e a população como entidades normais e saudáveis, por meio de tecnologias de normalização e de sujeição à força da disciplina.

Em nossa sociedade, existem incontáveis relações de poder, simétricas e assimétricas. Se o Estado, por exemplo, mantém, de certa forma, o poder, é porque consegue manter uma série de estratégias e táticas que “cercam” - mas sempre com a possibilidade de práticas de liberdade - cada um de nós. Assim, as ferramentas analíticas e teóricas que Foucault (1979; 1999; 2010) utilizou, e que hoje buscamos atualizar, têm por objetivo problematizar e entender os métodos e dispositivos que cada “instituição” põe em circuito e fazem construir verdades sobre o que somos e quem somos. Entendemos que esse poder institucionaliza a verdade, em um processo de profissionalização dela: julgando, condenando, diagnosticando, corrigindo e matando.

Ainda, segundo teorizações de Foucault (1979; 1999; 2010), percebemos que existem, sim, relações extremas de poder. Mas assim sendo tratam-se de relações de dominação, muito menos que de poder, uma vez que para a manutenção de uma relação de poder deve haver a resistência. Mas a dominação não é a essência do poder (DREYFUS & RABINOW, 2010). É justamente por existir a resistência que o poder daquele que “domina” tenta se manter sempre mais forte, com mais astúcia, isto é, nas relações de poder, abre-se sempre a possibilidade de resistir.

2.1 Disciplinarização dos corpos, das condutas e dos desejos

2.1.1 O poder de soberania

Em seu curso *O Poder Psiquiátrico* (FOUCAULT, 2007), proferido no ano de 1977, Michel Foucault traça uma análise acerca dos poderes de soberania e disciplinar. O poder de soberania, segundo as teorizações foucaultianas (2007), constituía-se na base da coleta-despesa. Dessa forma, o soberano recolhe produtos, colheitas, objetos

fabricados, armas de força de trabalho, coragem; ainda recolhe tempo, serviços e, vai, não devolver o que recolheu. Talvez porque, afirma o estudioso, a relação de soberania se sustenta por uma anterioridade fundadora, isto é, o poder de soberania é pautado pela justificativa de um direito divino, um juramento de fidelidade, uma ajuda, uma proteção, uma entrega dos corpos sem direito, necessariamente ao um retorno do soberano. Foucault chega a afirmar que o reverso da soberania é a guerra.

De forma geral, esse poder de soberania não produz um indivíduo, uma vez que não atua numa singularidade somática, mas nas multiplicidades que, para Foucault (2009) estão acima das individualidades corporais, como a família, isto é, a relação de soberania aplica um poder político no corpo, mas não na tentativa de fazer uma individualidade surgir.

Contemporaneamente, podemos notificar a existência das relações de soberania ao observarmos a relação que mantemos com a *justiça*, com o que comumente se chama *poder judiciário*. De certa forma, parece-nos válido ressaltar a coexistência desse poder, uma vez que os discursos da medicina legal também se constroem na relação com discursos de *justiça*.

Com o passar do tempo, transformações históricas foram acontecendo. As sociedades monárquicas, onde imperava o poder de soberania, foram, gradativamente, transformando-se em sociedades disciplinares, uma vez que novas instituições, as quais tinham por foco central o poder disciplinar, como as fábricas, os hospitais, as casas de correção. Foi dessa forma que o poder disciplinar foi se enraizando em nossa sociedade.

Assim, embora percebamos que socialmente existam resquícios das relações entre soberanos e súditos, num trabalho de coleta-despesa, melhor seria, numa arte de exploração, em nossa dissertação, problematizaremos as práticas discursivas dos(as) discentes de pedagogia a partir, notadamente, da noção de poder disciplinar, associado muitas vezes a um outro tipo de poder: o *Biopoder*. Concepção teórica que ainda abordaremos no decorrer do texto.

2.1.2 Panopticons contemporâneos: condutas disciplinarizadas

Em *Vigiar e Punir*, Foucault (2009) apresenta como modelo de poder disciplinar o *Panopticon* de Bentham: um amplo terreno com uma torre em seu centro, e com celas em níveis diferentes em sua periferia. Para cada cela, duas janelas, para entrada da luz e

para vigilância. O detento não tem qualquer contato com prisioneiros vizinhos, nem com qualquer inspetor, a menos que esse queira, obviamente. Essas celas funcionam como pequenos teatros, onde cada ator está vizinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível (FOUCAULT, 2009). Isso significa que seus gestos estão em permanente apresentação ao público, auditório esse formado pelos guardas, do alto da torre.

Para Foucault (2009) o sucesso desse modelo *Panopticon* deve-se ao fato de o detento estar eternamente em um estado indutivo de objetividade, de permanente visibilidade, uma vez não tem como saber se há ou não guardas dentro da torre; deve, então, se comportar como se estivesse sendo observado a todo instante. O que gera um automatismo, uma perfeição do modelo de disciplinarização: mesmo que não haja guardas na torre a observar os prisioneiros, o aparelho continua a funcionar. O indivíduo acaba se tornando seu próprio guardião.

Esse modelo do *panoptismo* não se presta apenas ao controle dos indivíduos, mas atua como laboratório para sua transformação, (DREYFUS, RABINOW, 2010). Do alto da torre, experiências podem ser feitas, comportamentos podem ser observados, os resultados são facilmente notados e tabulados. O mesmo modelo é visto em escolas, hospitais. Segundo Foucault, esse modelo de vigilância constante produz saber, poder, controle dos corpos e do espaço. Para Dreyfus & Rabinow (2010, p. 248), o *Panopticon*

É um mecanismo de localização dos corpos no espaço, de distribuição dos indivíduos uns em relação aos outros, de organização hierárquica, de disposição eficaz de centros e canais de poder. [...] Sempre que há necessidade de situar indivíduos ou populações em uma rede, onde podem se tornar produtivos e observáveis, a tecnologia do panoptismo pode ser usada.

O modelo disciplinar do *Panopticon* vai efetuar o controle sobre os corpos, em grande medida, devido à organização eficaz do espaço. São as técnicas de uso da estrutura arquitetônica que vão permitir o funcionamento do poder nesse espaço e não um modelo arquitetônico que represente esse poder.

Para exemplificar essa questão da disciplina e sua relação com o espaço, Michel Foucault (2001) traça uma série de análises históricas acerca dos pestilentos e dos leprosos. A cidade em quarentena e a colônia de leprosos foram importantes “soluções” encontradas pelas autoridades no século XVII para o controle das doenças, controle

exercido pela estrita organização do espaço. A cidade inteira era dividida, o movimento pelo interior do espaço urbano era minimamente observado, apenas autoridades e miseráveis, responsáveis pela retirada dos corpos, podiam circular por esses espaços “infectados”. O alerta era constante, a ponto de haver perda de propriedade privada caso houvesse alguma morte no lugar, uma vez que deveria haver a purificação do lugar por parte do “poder público”. A ordenação das cidades na tecnologia da quarentena tentava conter uma desordem, o caos provocado pelo surgimento de uma peste. Por sua vez, os leprosos, segundo as pesquisas de Foucault (2001), eram separados, excluídos e estigmatizados dos espaços em comum com outras pessoas, a não ser que essas pessoas também fossem leprosas, formando uma massa populacional indistinta.

Tanto a colônia de leprosos, como a cidade de quarentena são exemplos de tecnologias em que o espaço estava a serviço do poder, o que acabou acarretando leis de proibição de movimentos e até mesmo perdas de propriedades.

Em uma coerente leitura do pensamento de Foucault, Dreyfus & Rabinow (2010, p. 251) concluem o seguinte:

Cada definição legal de espaço e cada modelo arquitetônico ofereciam modalidades, cada vez mais sofisticadas e complexas, de exercício de poder. Evidenciavam que o poder havia se imposto e, desse modo, a base para a expansão dessa imposição.

Esses espaços complexos, organizados, monitorados foram sendo operacionalizados desde o início do século XIX. Foram, assim, surgindo os asilos psiquiátricos, penitenciárias, casas de correção, hospitais, entre outros mecanismos disciplinares espaciais.

O *Panopticon* vem atuar, portanto, como um esquema de poder de constante vigilância de seus habitantes. Contudo, ocorre uma inversão de visibilidade: enquanto no regime monárquico, o soberano era o alvo de todas as atenções, de toda a visibilidade, com o modelo *panopticon*, as instituições de *biopoder* tem naqueles, antes observados e discriminados, o objeto de sua visão, ou seja, os “anormais” passaram a ser o alvo constante de vigilância, mais tarde, de punição.

Dreyfus & Rabinow (2010) resumem a ideia do *Panopticon*, detalhada por Michel Foucault (2009, p. 252) em *Vigiar e Punir*:

O Panopticon é, então, uma tecnologia exemplar do poder disciplinar. Suas principais características são: sua habilidade em tornar a disseminação do poder eficaz; tornar possível o exercício de poder como uma força de trabalho limitada, ao menor custo; disciplinar os indivíduos, agindo sobre suas almas e exercendo o menos possível a violência aberta; aumentar ao máximo a visibilidade daqueles que lhe são submetidos; envolver, em seu funcionamento, todos aqueles que entram em contato com o aparelho de poder.

Seguindo adiante com os passos das teorizações de Foucault (2009) resumidamente, esse modelo ideal do *panoptismo*, aliado a outras tecnologias, arquitetônicas e morais, colaborou para o surgimento de diversas “casas” de disciplinarização. Dentre elas, Foucault destaca as penitenciárias. Nesses espaços, os indivíduos “culpados” deveriam ser conhecidos em suas individualidades, para serem também classificados de acordo com o tipo de crime cometido. Nesses espaços, não apenas se punia o detento, como a partir do surgimento de diversas disciplinas científicas, buscou-se corrigir e reabilitar esses indivíduos. Para Foucault, nasce assim a figura do delinquente. Um sujeito, que a partir das sanções, era dividido entre saberes médicos e saberes legais. “Sob a bandeira da normalização, o saber foi trazido para a batalha.” (DREYFUS & RABINOW, 2010, p. 256).

De forma geral, Foucault (2009) argumenta que o poder disciplinar - penetrado na sociedade do século XVI, sobretudo nos séculos XVII e XVIII - no século XIX torna-se a forma geral desse poder sináptico. Assim, vem em seu último nível tocar os corpos, atravessando seus gestos, seus comportamentos, suas performances. É esse poder da disciplina que faz calar e faz falar. É esse poder disciplinar que permite ou não os movimentos de corpos no espaço do desejo, da sexualidade, impondo regras, padrões e artifícios, de poder e de saber, aos indivíduos. Como afirma o próprio Foucault (2001, p. 58), “Todo sistema disciplinar, creio, tende a ser uma ocupação do tempo, da vida e do corpo do indivíduo.”

Se o poder de soberania se apropriava de uma parcela da produção, de uma parte do tempo, de um fragmento de vida dos indivíduos, o poder disciplinar o captura completamente. Há uma inversão de visibilidade e de centralidade. Enquanto no poder de soberania o poder era centrado na figura do rei, melhor dizendo, encarnado na imagem do rei e por isso estava concentrava todo poder em suas mãos; no poder

disciplinar, esse centro político não existe, assim como não existe uma única figura que o encarne.

Resumidamente, vamos comentar que Foucault (2009) ressalta que esse poder disciplinar atua por meio de dispositivos disciplinares, os quais categoriza em três: o primeiro desses dispositivos, o autor vai chamar de *Olhar Hierárquico*, o segundo, denomina de *Sanção Normalizadora* e o terceiro, *exame*. O Olhar Hierárquico diz respeito à eterna vigilância, formulada a partir do *panoptismo*. Esse olhar parece garantir o automatismo das condutas, no sentido de que os vigiados se mantêm sempre alertas para as possíveis punições e tentativas de correção. A Sanção Normalizadora atua como a punição do sistema disciplinar. Uma punição em que se busca adestrar os indivíduos, comparando, diferenciando, hierarquizando, homogeneizando essas pessoas, ou seja, normalizando-as (FOUCAULT, 2009).

Em nossa sociedade, é importante destacar a importância da escrita na produção e manutenção da disciplina, o que Foucault nomeia de caráter panóptico da disciplina. Esse *dispositivo Panóptico* funciona de forma invertida ao dispositivo da masmorra, em que o indivíduo era trancado, privado de luz e escondido, isto é, no *panoptismo*, o indivíduo é submetido à claridade, à observação permanente embora continuasse trancafiado. Como diz Foucault (2009), nesse dispositivo do poder disciplinar, “a visibilidade é uma armadilha”. (p.190).

Assim, tecnologias como o *Exame*, o terceiro dispositivo disciplinar formulado por Foucault, são imprescindíveis para a criação, classificação das subjetividades anormais, ubuescas (FOUCAULT, 2001). Obviamente, estamos atualizando alguns escritos de Foucault, nesse caso, atualizamos o que Foucault discute sobre os “exames psiquiátricos” da segunda metade do século XX, portanto, recentes documentos.

Esses exames parecem pôr em funcionamento os dois outros dispositivos disciplinares, uma vez que põem os indivíduos em observação e análise permanentes para depois classificá-los, tratando-se de um controle normalizante. Por isso, é possível dizer que o exame está entre a objetivação e a subjetivação: “[...] ele manifesta a sujeição dos que são percebidos como objetos e a objetivação dos que se sujeitam” (FOUCAULT, 2001). Os exames têm ainda a possibilidade de além de ser uma técnica de poder, ser uma forma de produção de saber. Os indivíduos *anormais* são ao mesmo tempo efeito e objeto do poder e do saber. Nos exames, além das características já

pensadas por Foucault, podemos destacar a centralidade da linguagem na constituição das subjetividades anormalizadas pelo poder medical e jurídico.

Foucault resume que o Exame “[...] tem por função dobrar o autor, responsável ou não, do crime, com um sujeito delinquente que será objeto de uma tecnologia específica.” (FOUCAULT, 2001, p. 27).

Os agentes desses exames, os médicos, para Foucault serão ao mesmo tempo médicos e juízes. Para ele, um exame tem por finalidade

[...] encontrar no sujeito analisado um certo número de condutas ou de traços que tornem verossímeis [...] a formação e o aparecimento da conduta infratora propriamente dita (FOUCAULT, 2011, p. 27).

E em tom, aparentemente mais exaltado, Foucault conclui sobre essa questão:

E não venham me dizer agora que os juízes que julgam e que os psiquiatras apenas analisam a mentalidade, a personalidade psicótica ou não dos sujeitos em questão. O psiquiatra se torna efetivamente um juiz; ele instrui efetivamente o processo, e não o nível da responsabilidade jurídicos indivíduos, mas no de sua culpa real. (FOUCAULT, 2001, p. 28).

De formas específicas, em nossa sociedade o *panoptismo* continua a sua vigilância (e sua punição): os leprosos e pestilentos simbólicos são cada vez mais produzidos por uma série de conceitos, diagnósticos, pareceres “científicos”. São consultórios, escolas, quartéis e uma série de instituições a anotar, desenhar, observar os gestos, os comportamentos, as performatividades para, a partir disso, produzir pareceres e diagnósticos, melhor seria, produzir subjetividades *transtornadas*. A escrita, ou o próprio poder disciplinar,

[...] implica uma ação punitiva e contínua sobre as virtualidades de comportamento, que projeta atrás do próprio corpo algo como uma psique. (FOUCAULT, 2001, p. 65).

No poder disciplinar, numa eterna ótica de vigilância, o indivíduo está assujeitado, observado, olhado de perto, tendo seus gestos, suas performatividades, muitas das vezes nem realizados, monitorados e esquadrihados. E ainda ao contrário

das cerimônias e rituais com que se garantia a continuidade do poder de soberania, o poder disciplinar, ou a própria disciplina, é um exercício contínuo, gradual e progressivo. E esse exercício, muitas vezes virtual, vai tentar garantir a manutenção e o aperfeiçoamento da disciplina, a ortopedização das condutas e o engessamento dos desejos.

Argumentamos que os discursos da Medicina Legal atualizam, no século XXI, essa série de análises históricas empreendidas por Michel Foucault (2009). No entanto, ateremo-nos a traçar uma análise do atravessamento do poder disciplinar nos enunciados linguísticos provenientes das narrativas produzidas pelos(as) colaboradores(as) da pesquisa. As narrativas, convém lembrar, são produto de uma orientação publicada pela Revista Veja na Sala de Aula (2006).

2.2 Performatividade de gênero: a atualização de gestos anormais em espaços de tempo

Uma importante noção teórica que tem direcionado nosso olhar diante dos discursos analisados, ao longo da dissertação, é a *performatividade de gênero* (BULTER, 2008), no sentido de problematizarmos práticas discursivas de “ridicularização” dos gêneros e das sexualidades sobre o que temos chamado de sexualidades dissidentes. Primeiramente, precisamos entender que o sistema binário - termo utilizado pelas teorizações *queer* para a maquinaria discursiva de produção de discursos heteronormativos e biologizantes - aprisiona-nos enquanto sujeitos de sexos opostos, produzindo individualidades a partir das genitálias que possuímos.

Nesse sentido, o gênero parece refletir clara e *naturalmente* a oposição feita socialmente entre homens e mulheres, entre masculino e feminino. Assim, a natureza seria a construtora das sexualidades, expondo os corpos de acordo com suas supostas disposições naturais. O gênero é entendido dessa forma como algo dependente e produto das determinações naturais, biológicas, anatômicas dos corpos.

Contudo, seguindo orientações dos estudos de Butler (2008), o gênero deve ser pensado de maneira independente do sexo. Mas para isso a própria noção de gênero poderia se tornar vaga. Como então pensar essa noção? Pensá-la a partir das reiterações, dos atos das normas de gênero. Por que apenas dessa forma, o gênero existe.

Assim, o gênero adquire configuração inteligível de acordo com as roupas que vestimos, dos gestos, dos olhares. Como sinais exteriores, essas marcas postas em ação dão visibilidade ao estabilizar um corpo (BENTO, 2006).

Essas contínuas repetições agem como citações, sendo que cada ato é uma verdade estabelecida para os gêneros, “tendo como fundamento para sua existência a crença de que são determinados pela natureza” (BENTO, 2006, p. 90). Para Butler (2008), essas repetições de verdades para os gêneros criam uma a-historicidade e sedimentam normas de gênero.

Seriam, portanto, essas repetições estilístico-corporais entendidas como ficções corporais impositivas, solidificadas ao longo do tempo e que surgem como condição *natural* dos corpos em sexos, que denominamos de *performatividade de gênero*. Percebemos, assim, que a performatividade não é um ato isolado, particular, mas sim, reiterações de normas estabelecidas. “Essa repetição estilizada formará o cimento das identidades de gênero” (BENTO, 2006, p. 92). É, ainda, válido salientar que, para as teorizações de Butler (2008), o corpo tem, sim, uma existência material. No entanto, essa existência é regulada discursivamente. Esse corpo funciona como um processo de estabilização ao longo do tempo de modo a criar o efeito de fixidez, que chamamos matéria.

As teorizações *queer*, acusadas de radicalidade, chegam a afirmar que o sexo é generificado, isto é, produto da performatividade de gênero. Então, pensar e aceitar esses postulados teóricos implica pensarmos o corpo não como matéria a ser descrita, mas sim como matéria a ser constituída de sentidos. Pensamos em nossa dissertação, o corpo não como uma entidade material, nem pré-discursiva, como um caderno à espera das palavras. Mas pensado como um produto de batalhas travadas entre o sexo, o gênero – uma nova variável introduzida pelas teorias *queer* aos estudos da subjetividade - e o desejo.

Ademais, de acordo com Almeida (2008), é mister observarmos com cuidado a distinção entre performance e performatividade. Seguindo veredas teóricas *queer*, devemos deixar claro que, ao pensarmos em performance, estamos pensando um corpo pré-existente, à espera de receber significados, como a metáfora do caderno que utilizamos anteriormente; se pensarmos em performatividade, problematizamos a própria ideia de sujeito corroborando com postulados teóricos acerca da subjetividade pensados por Michel Foucault (2009; 2001), por exemplo.

Ao pensarmos dessa maneira, invertemos um processo considerado e reificado com bastante frequência em nosso cotidiano: a rotulação das sexualidades a partir das performatividades de gênero. Quando “desmascaramos” uma rede de discursos pretensamente ontológicos, ou seja, quando afirmamos que os atos corporais - incluindo obviamente a linguagem, no sentido de práticas sociais – são invenções sociais, repetidas, mas sem significados prévios, desestabilizamos verdades tidas como quase universais.

Valendo-nos das teorizações de Judith Butler (2008) podemos, ousadamente, traçar um cruzamento entre a função (da escrita) panóptica (FOUCAULT, 2001) e a interdição de certos movimentos - a esses certos movimentos é o que estamos nomeando de performatividade de gênero. Antes mesmo de o corpo *pavonear*, as palavras de ordem, circunscritas a práticas discursivas heteronormativas, não parecem ter outra função senão a de antever as performatividades desqualificadas, repetições corporais “descontextualizadas”, por seus desenhos corporais, e em antevendo, a interdição é feita e o corpo e seus atos, entendidos como citações pelas teorizações *queer*, são amarrados nessa rede de discursos “dominantes”. O cruzamento que estamos tentando traçar diz respeito às proibições constantes, aos julgamentos constantes, às “sanções”, simbólicas e físicas, a que estão submetidas performatividades estigmatizadas.

Vejamos o seguinte trecho de nossa roda de conversa:

Pesquisador: O gay começa o diálogo, mas acontece uma coisa justamente interessante: o machão pede silêncio. Como é que vocês explicam isso?

Colaboradora: “Acho que ele (o machão) não quer nem escutar a baboseira que o outro vai começar a dizer.”

Pesquisador: “O que para ele é considerado baboseira?”

Colaboradora: “As vezes a conversa do machão é sobre o quê? Mulher, cerveja e futebol. [...] Então se um homem querendo puxar conversa sobre outras coisas, já incomoda.”

Colaboradora: “Acho que a própria linguagem que os gays utilizam...”

É interessante observar, no trecho referido acima, o atravessamento do poder disciplinar: a colaboradora, ao justificar o pedido de silêncio na situação do elevador - pedido feito pelo “machão” da história - afirma que conversa de “machão” é sobre

mulher, cerveja e futebol, referenciando a uma memória discursiva, em que as produções de subjetividades masculinas em nossa sociedade se pautam por certos valores considerados sacralizados e demarcadores dessas subjetividades. No caso do homem brasileiro, principalmente, pelos gestos de leitura que tecemos, os símbolos da mulher, do futebol e da cerveja parecem solidificar e justificar uma masculinidade hegemônica. Essa masculinidade é produzida por um discurso disciplinar das famílias, das escolas, e de várias instituições portadoras de discursos de verdade.

Aliado a esse poder disciplinar, cristalizam-se no imaginário popular, como percebemos no relato analisado, performatividades de gênero. Ao homem, são direcionados itens que demarcam e criam subjetividades pautadas pelo prazer e detenção de poder, entendido de forma unilateral e pouco produtivo. Percebemos, então, que as performatividades de gênero, construídas discursivamente, criam a ideia de uma pré-existência, um lugar pré-definido a que nossos corpos têm de se adequar.

Mas, qual a relação da temática de nossa dissertação com a questão da performatividade de gênero? Devemos pensar a partir do seguinte enunciado produzido pelo documento da Medicina Legal já analisado, em suas relações interdiscursivas, em nossa pesquisa:

Se este instinto se equilibra dentro de padrões de normalidade, teremos o ideal. Todavia, vez por outra, surgem distúrbios, transtornos, perversões e alterações da identidade sexual capazes de comprometer a segurança das pessoas e o equilíbrio da sociedade (FRANÇA, 2004, p. 229).

Ao se utilizar do verbo “comprometer”, o autor destaca uma ação para o indivíduo perigoso. Assim, para que se “comprometa” a segurança, o indivíduo deve agir, deve fazer seu corpo significar, deve ter atitudes de uma pessoa perigosa. Se atentarmos, o que torna um indivíduo perigoso são suas atitudes diante da sociedade, são seus atos performativos de oferecimento de risco aos outros. Então, se são as atitudes, as ações que comprometem o equilíbrio e a segurança da sociedade, estamos nos referindo ao gênero. O que, de certa forma, parece criar um percalço teórico até mesmo diante do título do capítulo analisado por nós: “Transtornos da Sexualidade”. O que estamos querendo dizer, mais claramente, é que o texto não parece tratar de “problemas” relativos à sexualidade, mas sim ao gênero.

Significa pensar também que discursos científicos, como propalados pela Medicina Legal, retroalimentam discursos das mais variadas esferas de circulação discursiva. Os ditos discursos científicos, notadamente aos que estamos no referindo, produzem sentidos que sustentam um imaginário repleto de preconceitos e estigmatizações. Mais especificamente, ao manter uma relação de sinonímia entre sexo e gênero, os discursos da Medicina Legal parecem estar presos a práticas discursivas que andam na contramão de discursos, inclusive, tidos como lei, como oficiais. Além disso, não há clareza, em analisando os enunciados do documento médico legal, da fronteira que separa sexo e gênero.

2.3 Biopolítica: pensando a partir da hipótese repressiva

As teorizações de Michel Foucault em *A história de sexualidade I – A vontade de saber* – (FOUCAULT, 1988) destinam-se em grande medida a pensar, melhor dizendo, a buscar genealogicamente o que ele denominou de *Hipótese Repressiva*.

Foucault (1988; 1999) afirma que, segundo os que defendem tal hipótese, o sexo tornou-se século XIX assunto privado, discreto e motivo de vergonha. Sendo, no máximo, motivo para reprodução e perpetuação da espécie humana. Além disso, para os que aceitam a *Hipótese Repressiva*, o surgimento do capitalismo teria sido o responsável por esse confinamento da sexualidade, uma vez que deveria se guardar todas as energias para a produção industrial. A tese de Foucault contra a *Hipótese Repressiva* não tenta desmentir a importância do capitalismo ou explicar outras leis da história, mas sim apresentar, mostrar a importância emprestada à sexualidade na nossa civilização. Por isso, talvez, acreditemos que falar abertamente sobre sexo tem sido entendido como um desafio à ordem do silêncio e da repressão.

Foucault (1999; 1988) não parece negar que exista repressão. Mas ele a entende sob outro prisma, isto é, compreende as relações de repressão e dominação como uma das formas de relações de poder, assimétricas nesse caso e sem possibilidade de resistência. Quando Foucault argumenta (1988) contrariamente à *Hipótese Repressiva*, busca demonstrar que durante séculos as sociedades ocidentais criaram mecanismos, estratégias, para fazer o sexo falar, mesmo que “silenciosamente”.

Segundo Foucault (1998), a *Hipótese* está ligada a ideia que pensa o poder como constrangimento, proibição e negatividade, ideia completamente negada por esse autor, como já apresentamos em nosso trabalho. Nesse sentido, as forças do poder distorcem a formação de um saber, suprimem desejos. Temendo a verdade, o poder deve silenciá-la. Assim, pensar o poder como repressão implicaria pensar em uma verdade do discurso. Então, quando uma voz transgressora se levanta e proclama uma verdade, o poder é, supostamente, desafiado. Como exemplo desse poder entendido como negativo, Foucault lança mão da noção “jurídico-discursiva” (DREYFUS & RABINOW, 2010). Para essa concepção, o poder é proibitivo, é repressivo e exige a obediência, é a lei que exige submissão.

Além disso, para Foucault (2010) a posição do intelectual universal é umas das responsáveis em se pensar dessa forma. Este se julga exterior ao poder, já que produzindo o saber, consegue se manter longe das tramas discursivas do poder. Contudo, as razões para se pensar assim são históricas, dado o surgimento da Monarquia e do Estado, período em que a lei era a linguagem oficial. A lei justificava o monarca para ele mesmo e para seus súditos, por exemplo. Essa série de razões históricas parece ter criado uma máscara, sob a qual se solidificou a *Hipótese Repressiva*.

Esses discursos que construíram e solidificaram a *Hipótese Repressiva* também são os mesmos, ou parecem ser os fundadores da Biopolítica. Os poderes que mascaram a *Hipótese* têm por função controlar a vida, a conduta das pessoas. No entanto, muito mais do que simplesmente tocando-as individualmente, mas controlando grandes massas, grandes grupos humanos.

2.3.1 Biopolítica: o poder sobre a vida e para a vida

O *Biopoder* pode ser pensando a partir de dois polos centrais. Um deles, já discutido em nosso trabalho, trata-se do poder disciplinar e suas técnicas de docilizar os corpos e as condutas. Um outro, que discutiremos mais detalhadamente nesta parte, refere-se a rede de discursos científicos que capturou os indivíduos em uma grande massa, a espécie humana.

No curso *Em defesa da Sociedade* (1999), notadamente na aula de 17 de março de 1976, Michel Foucault traça uma análise histórica do poder do soberano perante os súditos para tentar compreender o que ele denominou racismo de Estado. Argumenta que o soberano deteve o direito de *fazer morrer e deixar viver*, tornando o súdito neutro de sua própria existência. Assim que nos séculos XVII e XVIII, viu-se aparecer uma série de técnicas de poder voltadas para o corpo, para homem enquanto indivíduo, o que explicaria sua separação, vigilância, seu alinhamento. Os corpos foram esquadrihados, medidos, olhados de perto, vigiados, treinados e punidos. Esse homem-corpo fora alvo da disciplina. Podemos dizer que esse homem/mulher-corpo foi transformado(a) em homem/mulher-transtornado(a). É nesse hiato da disciplina, que parecem nascer, do contato entre a Criminologia e a Psiquiatria, as práticas discursivas da Medicina Legal.

São homens e mulheres, subjetividades, que foram, e o mais preocupante, são capturados por uma rede de técnicas de fazer morrer em nome de sua sexualidade estranha e bizarra. Os modos de subjetivação foram e são concebidas como desviantes, fora dos padrões de aceitabilidade, uma vez que os olhares social e científico não reconhecem, muito mais do que no sentido de aceitar, essas sexualidades dissidentes.

Denominar a homossexualidade e transexualidade como distúrbios, perversão, como doença a ser tratada, parece traduzir algumas das práticas discursivas que se materializam em certos atos de discriminação que, a todo o momento, são percebidos em práticas sociais.

Práticas discursivas como essas, alimentadas tanto por discursos *científicos* como por discursos do *senso comum*, parecem criar um acordo tácito para que muitas pessoas se sintam à vontade e agridam, por meio de insultos verbais e práticas simbólicas, esses sujeitos *estranhos* que, parafraseando Bauman, deixam turvo o que deveria ser claro, confuso o que deveria ser coerente (BAUMAN, 1998).

Em *Os Anormais*, Foucault aponta que a perversão “[...] permite costurar uma na outra a série de conceitos médicos e a série de conceitos jurídicos” (FOUCAULT, 1999, p. 43); e a noção de perigo “[...] permite justificar e fundar em teoria a existência de uma categoria ininterrupta de instituições médico-judiciárias.” (FOUCAULT, 1999, p. 43), ou seja, o discurso da Medicina Legal, e tantos outros discursos científicos, atravessam os corpos e suas condutas, porque não pensar a performatividade, transformando-os em “indivíduos perigosos” (FOUCAULT, 2001). Como podemos

perceber, as expressões linguísticas *perigo* e *perversão* parecem produzir efeitos de sentido que lançam esse indivíduo para a categoria dos transtornados.

Contudo, em que medida homossexuais e transexuais se encaixariam nessas categorias? Em que medida seus corpos denunciam e proliferam o perigo iminente tão fortemente denunciado por práticas discursivas que perpassam mecanismos discursivos que compõem textos da Medicina Legal, em especial o de Transtornos da sexualidade (FRANÇA, 2004)? Por que a sexualidade de um indivíduo pode causar tamanho desconforto ao ponto de “comprometer a segurança das pessoas” (FRANÇA, 2004, p.229)?

Percebemos, por meio de gestos de leitura, que os discursos que circulam nas práticas da Medicina Legal tratam-se da defesa de um ponto de vista que pensa as sexualidades turvas como “[...] capazes de comprometer a segurança das pessoas e o equilíbrio da sociedade” (FRANÇA, 2004, p. 229), isto é, há uma mudança de foco. E é o que Foucault, na já citada aula do curso *Em defesa da Sociedade*, define. Há uma mudança, de certa forma, a partir do fim do século XVIII, quando acontece uma das grandes transformações do direito político. Passa-se do “[...] fazer morrer e deixar viver” ao “fazer viver e deixar morrer.” (FOUCAULT, 1999).

Não mais uma investidura sobre os corpos, enquanto indivíduos, não mais a doença enquanto entidade que afetava um corpo, como a disciplina. Mas uma política da sociedade, da espécie. Uma biopolítica. Foucault (1999, p. 289) assim a define:

[...] a nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos conjuntos que são próprios da vida [...].

Se fôssemos seguir uma leitura de ordem cronológica da obra de Foucault sobre a biopolítica – publicações entre os anos de 1974 e 1979 -, poderíamos traçar a relação entre a biopolítica e cinco temas centrais de suas discussões: a Medicina, a Guerra, a Sexualidade, a Segurança da sociedade e Racionalidade econômica (NETO, 2010). Assim, percebemos que esses temas centrais possuem um forte vínculo entre si. Deteremo-nos a esboçar, por meio de nossas análises, a relação entre os discursos médico-legais, a sexualidade, o gênero e a segurança da população.

2.3.2 Pensando a relação entre Política e Medicina

A relação entre política e Medicina pode ser analisada sob dois aspectos: o primeiro deles seria a absorção, por parte do Estado, da medicina, numa estatização desses saberes. Nessa primeira concepção de política e sua relação com o discurso médico, temos a tradicional ideia que alia poder e Estado, limitando as práticas e o exercício do poder às instituições que pertencem ao Estado.

O segundo aspecto, o que mais nos interessa, diz respeito ao processo de formação da autoridade medical, isto é, como nas relações de poder, que atravessam as relações sociais, o médico adquire uma posição de autoridade, uma autoridade política. Como o médico, ao criar o corpo como uma entidade anátomo-política, ganha status de expert acerca da vida humana? Não uma vida e um corpo ordenado pelo Estado, mas o estudo do corpo humano investido de política, transformado, por tecnologias de poder, em corpos modelos e suporte de seu exercício. Essa anátomo-política revela como o poder político se ancora nos corpos. Analisando essa relação estreita entre política e corpo, podemos entender o papel decisivo que a medicina passa a exercer, determinando as formas e as normas a partir das quais o corpo humano será e é constituído.

É interessante reiterar e esclarecer melhor que o poder medical é atravessado por essas duas perspectivas, ou seja, o poder medical tanto exerce um papel crucial na configuração disciplinar dos corpos individuais, quanto, ao ser estatizado, participa e retroalimenta a biopolítica, de forma que o Estado passa a se encarregar da manutenção da saúde social.

Assim, Foucault (1999) ainda argumenta que esse novo poder, o *Biopoder*, se instalou junto a processos como a proporção de nascimento e de mortes, de taxas de fecundidade, de tentativas de extinguir epidemias e endemias. Resume o estudioso:

Em suma, a doença como fenômeno de população; não mais como a morte que se abate brutalmente sobre a vida – é a epidemia – mas como a morte permanente, que se introduz sorratamente na vida[...]. (FOUCAULT, 1999, p. 291).

Percebemos, dessa forma, a “importância” de práticas discursivas como as da Medicina Legal, que tratavam e tratam a população na tentativa de higienizar os corpos, mas, talvez, no grande intuito de proteger a grande massa populacional dos riscos

iminentes que uma sexualidade dissidente pode trazer. É por esse viés que podemos imaginar que vivemos em nossa sociedade medicalizações de corpos e de condutas.

É dessa maneira que a sociedade começa a se ordenar, regular, condicionar, de acordo com as “orientações” e “conselhos” determinados pelo poder medical. Por isso talvez, as práticas discursivas médicas não estejam restritas ao hospital, mas em vários espaços, aparelhos disciplinares, que configuram nossas comunidades, como a escola e a prisão.

Percebemos que as tecnologias políticas não podem ser facilmente correlacionadas com instituições particulares, no sentido de serem essas instituições polos distribuidores e fabricantes de “poder”. Contudo, quando essas tecnologias de poder encontram lugar em uma instituição específica, quando atuam nessas instituições é que o *biopoder* começa a funcionar (DEYFRUS & RABINOW, 2010). Embora as relações de poder sejam imanentes às instituições, poder e instituição não são idênticos.

A ideia, assim sendo, permite-nos pensar que o poder atravessa essas instituições e as faz, como engrenagens, como motores, funcionar. Assim como faz funcionar todo o circuito discursivo. Portanto, insistimos, poder e instituição não devem ser lidos nesta dissertação como termos equivalentes.

2.4 A subjetividade em questão

Michel Foucault, em *A Hermenêutica do Sujeito* (2008), cujas temáticas apontam para os volumes finais de *Historia da Sexualidade*, parece indiciar mudanças de trajetória filosófica. Até então, estamos nos referindo ao primeiro volume do *História da Sexualidade* (1988), os temas centrais de seu pensamento haviam sido o poder e o saber, formas que por muito tempo objetivaram os indivíduos. Essas novas teorizações foucaultianas agora incluíam uma nova indagação: por meio de que práticas nos tornamos sujeitos? Para Foucault (1988), somos informados de que a constituímos-nos enquanto sujeito a partir, também, da sexualidade, ou seja, essa sexualidade é um dos modos históricos pelos quais nos tornamos sujeitos.

Assim, essa mudança temática no pensamento de Foucault, o que para muitos não passa de contradição teórica, vai demarcar um novo domínio, uma nova perspectiva a partir da qual o pensador vai refletir sobre os processos de subjetivação. Foucault vai encontrar nesses processos uma vigência milenar que envolve as formações discursivas

da episteme moderna e ao mesmo tempo dos dispositivos de poder da sociedade onde estamos inseridos (Cardoso Jr., 2005).

Segundo Foucault, esses modos de subjetivação são históricos e se desenvolvem como *práticas de si* que, mesmo vigorando dentro de práticas de poder e de poder são testemunhos da descontinuidade histórica e correspondem, portanto, a grandes focos de problematizações, ou seja, toda experiência que concretiza uma subjetividade vai englobar formas historicamente determinadas de subjetivação, de experiências de *si*. Para Foucault, no entanto, essas experiências de si não devem ser pensadas como possibilidades restritas diante do poder e do saber, mas são justamente pontos de fuga, modos de resistência às práticas de saber e de poder.

Hélio Rabello (2005, p. 344) conclui sobre essa questão:

Toda subjetividade é uma forma, mas essa forma é simultaneamente desfeita por processos de subjetivação; enquanto a forma-sujeito é captada pelos saberes e poderes, a subjetivação é um excesso pelo qual a subjetividade mantém uma reserva de resistência ou de fuga à captação de sua forma.

Relacionando a questão da subjetividade a uma temporalidade, vamos, pois, cindir com a ideia da subjetividade fixa, estanque, cartesiana ou até mesmo uma subjetividade associada a uma inconsciência. Além disso, cabe pensarmos que a noção de subjetividade está imbricada a um corpo e dele não se desliga, numa *estética da existência*.

O professor Hélio Rabello (2005, p. 345) nos define melhor esta questão:

[...] se a subjetividade é como, como definimos acima, uma expressão de nossa relação com as coisas, através da história, então, o modo mais imediato pelo qual essa relação se expressa é o corpo, entendido não apenas como corpo orgânico, mas também como corpo construído pelas relações com as quais encontra em sua existência.

Desse modo, a noção de subjetividade, enquanto práticas históricas e na relação com corpo, advinda dos estudos foucaultianos constitui uma importante ferramenta teórico-analítica de nossa dissertação.

3 Efeitos de sentido

O modelo de dissertação que pretendemos elaborar tenta dinamizar o processo de análises dos dados, imbricando-os desde a construção do corpo teórico-metodológico deste texto, isto é, tentamos, ao longo da tessitura mais teórica sempre apresentar, de forma um tanto assistemática, nossos dados. Contudo, mesmo já tendo apresentado algumas análises de dados, de forma piloto, entendemos que se faz necessária uma maior sistematização desse processo de leitura e interpretação discursiva.

Outrossim, é interessante observar que a “separação” dos dados em categorias nos permite organizar e sistematizar melhor a série de interpretações tecidas. Assim, alguns enunciados podem se repetir em categorizações diferentes e serem observados, obviamente, a partir de lentes de observação distintas.

Sendo assim, procedemos, então, a uma série de análises, estão organizadas nas seguintes categorias: 1, *Os discursos que ecoam no tempo*; 2, *Das condutas disciplinarizadas*; 3, *A atualização de gestos anormais em espaços de tempo*; 4, *Para o bem estar e segurança sociais*.

Os enunciados em análise estão enumerados de forma crescente. Esclarecemos que a sigla (DF), acompanha por uma enumeração, diz respeito aos enunciados provenientes do documento médico (FRANÇA, 2004) e significa *discurso fundador*.

Mais uma vez, esclarecemos que as análises realizadas não buscam desvendar verdades nos enunciados, mas perceber efeitos de sentidos possíveis, possíveis a partir de uma temporalidade e de uma historicidade específicos.

Para tanto, utilizaremos, sobretudo, algumas ferramentas analíticas advindas da Análise de Discurso de linha francesa, bem como algumas teorizações foucaultianas e dos estudos Queer.

3.1 Interdiscursividade: os discursos que ecoam no tempo

Os discursos de poder e saber que circulam socialmente e produzem subjetividades a partir normalizações, sansões biopolíticas, reverberam e justificam como verdadeiras práticas discursivas como as da Medicina Legal, produzindo efeitos de verdade.

Essas reverberações no tempo, em um tempo discursivo, é o que podemos chamar de interdiscurso, ou seja, aquilo que é dito antes, em outro lugar, de maneira

independente. Também podemos chamar de memória discursiva (GREGOLIN, 2003) essa teia de significados que atravessa a história e demarca na superfície do enunciado as marcas de um passado discursivo, mas um passado incrustado no presente, como uma pérola que se forma a partir dos sentimentos os quais se depositam para formar “o todo”. Assim, a interpretação dessa rede de interdiscursos não pode ser limitada à decodificação de signos nem ao desvendamento de sentidos externos ao texto. Trata-se das duas coisas ao mesmo tempo:

[...] leitura de vestígios que exibem a rede de discursos que envolvem os sentidos, que leva a outros textos, que estão sempre à procura de suas fontes, em suas glosas, em seus comentários. (GREGOLIN, 2003, p. 61).

O interdiscurso nos oferece vozes que atravessam a forma como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. Então, o dizer não é uma propriedade particular. O dizer não é nosso. As palavras significam na ordem da história e da língua. O dito em outro momento também afeta as nossas palavras (ORLANDI, 2002).

Sendo assim, as análises que produzimos são interpretações possíveis. E teoricamente, orientadas pela Análise de Discurso de linha francesa, uma vez que ela “se propõe a construir escutas que permitam levar em conta esses efeitos e explicar a relação com esse saber que não se aprende, que não se ensina, mas que produz seus efeitos.” (ORLANDI, 2002, p. 34).

Tentaremos “montar” essa rede de interdiscursos recorrendo, principalmente, a algumas discursividades fundadoras (adiante no texto, DF), como a seguinte:

(DF-1) [...] trata-se, pois, de uma inversão psicossocial, uma aversão e uma negação ao sexo de origem, o que leva esses indivíduos a protestarem e insistirem, numa forma de cura por meio da cirurgia de reversão genital, assumindo, assim, a identidade de seu desejado gênero. (FRANÇA, 2004, p. 235).

Chamamos atenção para a recorrência da materialidade linguística acima mencionada. Reiteramos sua presença no texto por entender que se constitui como um importante enunciado, como já a definimos, uma discursividade fundadora.

A observação do interdiscurso nos permite filiar o dizer do médico legista a uma rede discursiva, a uma memória, na busca de identificar sua historicidade, desvelando seus compromissos nas relações de poder, isto é, na trama discursiva que pareceu e parece produzir durante séculos subjetividades anormais e transtornadas. Observemos este fenômeno em alguns enunciados.

Em (DF-1) as explicações sobre a transexualidade sugerem que se trata de *transtorno* psicossocial. Na realidade, o enunciado parece tratar de uma inversão dos padrões sacralizados pelas práticas discursivas heteronormativas, para isso destacamos a sequência *inversão psicossocial*. Seria ainda uma negação ao sexo de origem, o sexo dado *a priori*, o sexo, ou se preferirmos, uma sexualidade ontológica. Como se o sexo/sexualidade fosse a única verdade sobre quem somos.

Os discursos que se atravessam (DF-1) reafirmam, talvez, que as subjetividades parecem ser produzidas mediante as genitálias, explicada por Butler (2008) pela noção de ordem compulsória. Assim, e continuando a leitura de (DF-1), mesmo que se faça uma cirurgia de mudança de órgão sexual, o indivíduo sempre vai estar preso ao que *verdade é*.

Buscando explorar e analisar uma possível relação de interdiscursividade - entendida como sendo um “processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é conduzida a incorporar elementos preconstituídos” (BRANDÃO, 2004) - , entre o discurso médico-legista e o discurso dos(as) futuros(as) pedagogas, indagamos, nos questionários, a esses(as) estudantes como eles(as) imaginavam que seria a reação deles(as) diante de um aluno que desejasse ser chamado por um nome entendido socialmente como de mulher. Vejamos algumas respostas:

- (1) Sendo sincera, eu iria estranhar um pouco o fato de alguém não estar satisfeita com seu gênero. Bom, eu acredito que ia tentar ao máximo seguir seu desejo, mas não sei se ia conseguir chamar um homem pelo nome de mulher, não por preconceito, mas pelo simples fato de não conseguir ligar o nome feminino à imagem masculina.

Em (1), ao *ser sincera*, ou seja, numa busca por uma verdade essencial, a aluna de pedagogia se posiciona de modo a *estranhar*, uma vez que algo foge ao padrão aceitável, o fato de um aluno ser chamado por um nome feminino. E, ao dizer que não iria conseguir chamar *um homem* por *nome de mulher*, percebemos, por gestos de

leitura, que o discurso da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2008) constroi subjetividades pautadas pela dicotomização dos sexos, e dos gêneros, isto é, os sujeitos que fogem à “lógica aceitável” turvam os sentidos, ao ponto de, quem sabe, produzir insegurança à sociedade, ou de produzir, no mínimo, instabilidade.

E com esse argumento que defende a tese de que as sexualidades dissidentes podem comprometer a seguridade social, é apontado pelos discursos da Medicina Legal. Vejamos novamente:

(DF-2) Se este instinto se equilibra dentro de padrões de normalidade, teremos o ideal. Todavia, vez por outra, surgem distúrbios, transtornos, perversões e alterações da identidade sexual capazes de comprometer a segurança das pessoas e o equilíbrio da sociedade. (FRANÇA, 2004, p. 229).

Em outra resposta a mesma questão de nosso questionário (sobre a utilização de *nomes sociais*², nome com o qual travestis e transexuais se reconhecem e são reconhecidos pela sociedade), um(a) colaborador(a), afirma o seguinte:

(2) Reagiria com repugnância, pois seria sinal de que a pessoa não se assume como é. Não lhe daria nomes pejorativos e somente evitaria comunicação.

Neste segmento (2), percebemos efeitos de sentido que parecem traduzir a ideia já bastante pactuada socialmente, do homossexuais, transexuais como aqueles seres causadores de repugnância, como um sujeito prestes a contaminar, e assim oferecer riscos à sociedade. Além disso, a utilização do verbo *ser* indica mais uma vez a essencialização das subjetividades.

Em (2) podemos analisar o uso da expressão *nomes pejorativos*. A adjetivação que a colaboradora da pesquisa faz dos nomes sociais solicitados pelos e pelas

² Segundo notícia veiculada pelo Globo.com, em 04/04/2010, nove estados brasileiros obrigam que as escolas reconheçam em cadernetas, chamadas e certificados o nome social de travestis e transexuais. No estado do Espírito Santo, por exemplo, a Resolução CEE/ES nº. 2.735, publicada no Diário Oficial do dia 20 de maio de 2010 define que o nome social será incluído entre parênteses, ao lado do nome civil. O aluno deve ter mais de 18 anos ou ter autorização de pais e responsáveis e fazer uma solicitação por escrito. Além dos órgãos relacionados à educação, outros permitem o uso do nome social.

transexuais parece indicar efeitos de sentido negativos, isto é, o apelo para um indivíduo requerer um nome diferente do que é registrado em cartório já explica a desqualificação, evidenciada pelo termo *pejorativos*. Buscando um fio discursivo para entender o uso desse adjetivo, podemos tentar reconstruir a partir do fato de que travestis e drag queens muitas vezes utilizam nomes jocosos, provocativos, alguns até pejorativos para sua vida de “arte”.

Ainda em (2), vamos chamar atenção para o uso do vocábulo *somente*. É preciso dizer novamente que os(as) colaboradores(as) estão em um curso de formação de professores(as). Formando-se em uma profissão na qual a discussão em torno da pluralidade cultural parece ser extremamente necessária, por inúmeras questões. Sendo assim, a expressão *somente* convoca-nos a pensar acerca do papel desse(a) profissional que, potencialmente, deveria estar aberto(a) ao diálogo. Tal termo, utilizado de forma a silenciar sobre a questão da escolha e dos usos dos nomes sociais, pode ser traduzido como a manutenção do império heteronormativo, como o silenciamento, como a invisibilização dessas sexualidades dissidentes.

Ainda assim, vejamos uma aparente relação interdiscursiva entre (2) e o que indica a Medicina Legal, em (DF-1):

(DF-1) Trata-se, pois, de uma inversão psicossocial, uma aversão e uma negação ao sexo de origem, o que leva esses indivíduos a protestarem e insistirem, numa forma de cura por meio da cirurgia de reversão genital, assumindo, assim, a identidade de seu desejado gênero. (FRANÇA, 2004, p. 235).

A leitura de (2) e (DF-1) sugere que os sujeitos parecem estar presos a uma subjetividade fixa, estanque e constituída ontologicamente, ou seja, a ligação entre sexo biológico, gênero e desejo é percebida em sua forma compulsória (BUTLER, 2008), qual seja: pênis/homem/heterossexual, vagina/mulher/heterossexual. Notamos esses efeitos de sentido, principalmente, nas sequências *não se assume como é* (2); *uma negação ao sexo de origem* (DF-1) e *reversão genital* (DF-1). As expressões *sexo de origem* e *reversão*, especialmente, indiciam esse processo de construção de subjetividades pautado pela lógica que associa gênero/sexualidade ao órgão genital, entendido, portanto, como o elemento discursivo-corporal que demarca e esclarece as diferenciações entre homens e mulheres.

Corroborando com esse discurso, uma participante da pesquisa afirmou sobre a homossexualidade:

(3) Eu entendo como um desvio da lei natural dos seres humanos.

Em (3), podemos perceber, novamente, efeitos de sentido que constroem subjetividades a partir de uma matriz essencialista, notadamente em *desvio da lei natural*, isto é, existe um caminho natural a ser seguido, um padrão pré-estabelecido ao qual não se pode negar e seguir contrariamente.

Tentando montar essa rede de interdiscursos, vejamos outros segmentos, que tratam da suposta inversão sexual, o “homossexualismo”. Então, França (2004, p. 234), assim define o *homossexualismo* para a Medicina Legal:

(DF-3) Para nós, o homossexualismo, por si mesmo, é a prova indiscutível de uma personalidade anormal, pelas profundas modificações da conduta e da afetividade.

Um(a) de nossos(as) colaboradores(as), na resposta ao questionário, assim se posiciona sobre a homossexualidade:

(4) Entendo o homossexualismo como mais uma das expressões da “questão social” e percebo os homossexuais como vítimas do processo de desestruturação familiar que ocorreu nas últimas e que ganha mais força a cada dia que passa, devido a desvalorização dos princípios familiares.

Outra colaboradora afirma:

(5) De acordo com os princípios cristãos o homossexualismo é visto como “errado” é pecado. Percebo que essa visão me influenciou, pois até hoje ainda não me libertei da “aversão” a tal comportamento! Apesar de não excluir ou isolar homossexuais do meu círculo de amigos, continuo não vendo como algo certo e normal e também não me vejo de forma alguma reproduzindo esse comportamento.

Em outro trecho, o legista assinala que

(DF-4) Há, nesta inversão sexual, uma gradação variável desde os indivíduos verdadeiramente afeminados até os que têm aparência viril. (FRANÇA, 2004, p. 234).

Embora já tenha sido demasiadamente analisado que o sufixo *-ismo* remonta à ideia de patologia, de transtorno e que a própria Psiquiatria já não mais considere essa nomenclatura³, é importante dizer que a Medicina Legal continua a nomear a “homossexualidade” a partir do uso do sufixo *-ismo*. A análise discursiva que podemos fazer dessa manutenção da nomenclatura parece indiciar que as práticas discursivas da Medicina Legal mantêm incrustadas ideias de patologização, e, talvez, medicalização.

Em (DF-3), o autor sugere, ao utilizar a expressão *indiscutível*, que os homossexuais são a prova de que existe anormalidade. Mais uma vez podemos entender que as práticas discursivas que atravessam o discurso da Medicina Legal estão pautadas em um binarismo, em que, de um lado estão os aceitáveis e do outro os inaceitáveis. Os normais e os anormais. Os enunciados lingüísticos também indiciam sentidos de que os *anormais* apresentam *mudanças de conduta e de afetividade*. Ressonâncias de discursos que produzem subjetividades homossexuais como incapazes de estabelecer relacionamentos estáveis, assegurados por sentimentos, que não sejam simplesmente o desejo sexual latente e incontrolável, como sugerem essas ressonâncias.

Em (DF-4), o autor nomeia o *homossexualismo* como “inversão sexual”, isto é, existe, portanto uma forma correta de ser, uma versão aceita e não problematizada. Ideia proveniente, talvez, do binarismo que nos aprisiona, isto é, das práticas discursivas que apresentam e constroem o mundo a partir da diferenciação sexual em dois segmentos, em dois sexos: homem e mulher. Quem se afasta dessa lógica binária acaba por ser renegada à margem, acaba sendo rotulada como “anormal”, “diferente”, “transtornado”.

Em (4) e em (5), os(as) colaboradores(as) mantêm a utilização do sufixo *-ismo*, que, como já afirmamos, tem sido insistentemente substituído pelo sufixo *-dade*. Essa substituição de sufixos é, inclusive, uma luta que os grupos LGBTTT têm travado insistentemente para que mude, como já está aceito e transformado em vários setores da

³ Desde 1973, a Associação Psiquiátrica Americana (APA) removeu a homossexualidade da classificação dos transtornos mentais. Em 1990, a homossexualidade também foi removida da Classificação Internacional de Doenças (CID), publicação da Organização Mundial de Saúde. Em 1991, a Anistia Internacional passou a considerar a discriminação contra homossexuais uma violação aos direitos humanos.

própria área médica. Como não pensar em uma relação interdiscursiva entre (DF-4), (3), (4) e (5)?

Não é demais observar que o uso desse sufixo vai ser utilizado para demarcar outros “transtornos da sexualidade” (FRANÇA, 2004): travestismo, homossexualismo e transexualismo.

Chamou-nos atenção o seguinte enunciado

(6) Sim, acredito que a cura para a homossexualidade, para transexualidade e lesbianidade esta em Jesus Cristo.

Em (6), apesar de a colaboradora estar se posicionando de maneira “politicamente correta”, ao utilizar o sufixo *-dade*, utiliza a palavra *cura*, que, por gestos de leitura, parecem reafirmar as práticas discursivas que constituem subjetividades anormalizadas.

Temos discutido acerca da força que o discurso “científico” médico, tem para produzir subjetividades. Assim, as relações de poder instauradas, via circulação desses discursos, produzem sujeitos anormais e doentios. Esses *discursos de verdade* produzem e fazem proliferar outros discursos que se assentam sobre os mesmos padrões de performatividades. Em outros termos, parece existir um fio discursivo que une (DF-4), (3), (4), (5), (6): os indivíduos homossexuais seriam, subjetivados nesses enunciados, como invertidos, doentes e pervertidos.

Mas queremos chamar atenção para outro aspecto de (DF-4). França (2004) diz que existem os que *verdadeiramente* afeminados, portanto mais homossexuais, até que os que são mais viris (menos homossexuais?). Se olharmos para esses enunciados a partir, também, da perspectiva dos estudos feministas pós-estruturalistas (BUTLER, 2008), operaremos desconstruções importantes.

Especialmente, podemos perceber que os discursos da Medicina Legal não produzem sentidos que distinguem sexualidade e gênero, usando por vezes, o termo gênero ou o termo sexualidade de forma indistinta. Em segundo lugar, podemos ter o entendimento de que a noção de performatividade perpassa a nomeação e a (não) aceitação dessas subjetividades desviantes. Os corpos são percebidos pelos seus movimentos nos espaços. Para Butler (2008), a performatividade de gênero diz respeito, como temos discutido, a como os corpos adquirem sua aparência de gênero, por meio de atos que são inventados e reinventados através do tempo, ou seja, aprendemos, porque

somos ensinados a ser. Nossos corpos já nascem como e com investimentos sócio-culturais e discursivos que nos direcionam para que condutas e comportamentos podemos e devemos ter. As subjetividades são antecipadas por efeitos que se supõem como causas (BENTO, 2006).

Portanto, o uso do *verdadeiramente* nos conduz, mais uma vez, a pensar que as práticas discursivas da Medicina Legal capturam os sujeitos *anormais* em essências e verdades, contribuindo para naturalizá-los, estigmatizá-los e torná-los menos inteligíveis.

Sobre os relacionamentos que se possam estabelecer entre pessoas do mesmo sexo, uma colaboradora afirma o seguinte:

(7) Acredito que não é certo pois Deus criou o homem para a mulher, mas deixou também o livre arbítrio.

Vejamos, agora, o seguinte enunciado de França (2004, p.234):

(DF-5) Há no homem, dois instintos fundamentais: o de nutrição e o de perpetuação. O primeiro assegura a conservação do indivíduo e o segundo garante a continuação da espécie.

Em (7) e em (DF-5), os efeitos de sentido sugeridos remontam aos discursos de não-aceitação de relações homoafetivas estáveis. Em criou o *homem para mulher* (7), *perpetuação* (DF-5) e *continuação da espécie* (DF-5) podemos ler esses efeitos de sentido, em que homem e mulher devem se unir para garantir a perpetuação da espécie.

Contudo, nenhum grupo parece causar tanto desconforto quanto as(os) transexuais. França (2004, p.236) assevera

(DF-6) Na verdade, o que se faz comumente nessas cirurgias é tão-só a emasculação e a castração, com aproveitamento de retalhos de pele do pênis e do saco escrotal para a confecção de uma aparente genitália feminina. Essa prática resume-se, pois, na confecção de um canal revestido de tegumento em comunicação com o reto. Em suma, uma rude mutilação e uma disfarçada oficialização para uma pseudo-heterossexualidade que – sob qualquer pretexto – tem a representação do homossexualismo.

Castrar e emasculiar um indivíduo, querendo valer-se de um suposto sexo psicossocial, parece-nos, à primeira vista, um método apressado

e simplista de resolver uma situação complexa que deita suas raízes num psiquismo alterado. Uma coisa é certa: pode-se até mudar o “sexo civil”. No entanto, ninguém poderá transformar, realmente, um sexo em outro: nem o endocrinologista, nem o juiz, nem mesmo Deus.

Os elementos linguístico-discursivos que compõem (DF-6), destacados *uma rude mutilação e uma disfarçada oficialização para uma pseudo-heterossexualidade*, confirmam nossas análises, no sentido de pensarmos que os discursos médicos legais estão atravessados pelas práticas de essencialização e fixidez das subjetividades. Termos como *mutilação*, e sua valoração depreciativa, parecem tentar criar sentidos relacionados a negativizar o processo de mudança de sexo, bem como parece indicar o termo *pseudo*, quem além de negativizar esse processo de mudança corporal, reafirma a falsidade de uma subjetividade construída com *retalhos* de pele humana.

Em outro trecho de (DF-6), França (2004) assegura que nem médicos, nem juízes, nem Deus podem garantir que a mudança de sexo seja reconhecida, porque o sexo é uma verdade sobre nós. Dentre outros elementos discursivos que compõem esta sequência, destacamos *Deus*.

Observemos o que responderam algumas das colaboradoras(es), em atendimento à questão 6 de nosso questionário:

(8) Eu ficaria triste, pois fazendo estão indo contra a vontade de Deus.

(9) Sim. De acordo com os princípios cristãos o homossexualismo é visto como “errado” é pecado. Percebo que essa visão me influenciou, pois até hoje ainda não me libertei da “aversão” a tal comportamento! Apesar de não excluir ou isolar homossexuais do meu círculo de amizades, continuo não vendo como algo certo e normal e também não me vejo de forma alguma reproduzindo esse comportamento.

Em (8), a expressão *vontade de Deus* nos permite filiar de alguma maneira o dizer da colaboradora, ao dizer da Medicina Legal (DF-6). Para os discursos médicos em questão, nem Deus poderia “transformar” um sexo em outro, justificado pela sequência *vontade de Deus*. Percebemos assim, o atravessamento de um discurso de verdade que também tem produzidos sujeitos anormais e moralmente “errados”, o discurso religioso.

Na sequência (9), a colaboradora julga saber que tem a clareza de o que discurso religioso de uma forma ou de outra contribuiu para sua visão de mundo, que a prendeu e a fez criar “aversão” ao chamado *homossexualismo*.

Atualmente, no Brasil, algumas figuras, quase *celebridades*, têm se destacado no cenário midiático. Pessoas, que envolvidas pelo discurso religioso, melhor diria, por um discurso religioso, que, de alguma forma, corrobora o que disse nossa colaboradora em (9), provocam debates, discórdias e em muitos casos pulverizam práticas de discriminação *em nome de Deus*. Poderíamos citar dois nomes apenas, mas que representam fortemente esses discursos de Deus: o pastor Silas Malafaia e do deputado Jair Bolsonaro. Este que, em um programa de televisão, proferiu declarações racistas e homofóbicas, utilizando como discursos de verdade *a palavra de Deus*. Já o pastor Silas tem insistentemente lutado contra a “causa gay” e proclamado a anormalidade do *homossexualismo* em programas de televisão, em cultos evangélicos e em outras atividades que desenvolve, sejam midiáticas ou não, empregando como discurso fundador quase sempre interpretações bíblicas. O pastor Malafaia é, inclusive, líder de um movimento que tenta impedir que a PL 122⁴ seja aprovada, tendo como objetivo somar um milhão de assinaturas que desejam, assim como ele, reprovar esse projeto de lei.

De maneira geral, buscamos analisar e apresentar possíveis relações interdiscursivas que se constroem no fio discursivo. Vimos, por meio das unidades lingüístico-discursivas, como a discursividade se apresenta em um fio histórico, cultural na produção de verdades. Nesse espaço das interdiscursividades, jogam incessantemente enunciabilidades, que constituem efeitos de sentidos permeados e atravessados entre si.

Os discursos fundadores, tomados nesta dissertação como sendo os reverberados pela Medicina Legal, se filiam, por meio de uma memória discursiva e/ou por eixos temáticos, aos dizeres dos(as) colaboradores(as) da pesquisa.

3.2 Da disciplinarização das condutas e dos desejos

Como já destacamos em outro momento desta dissertação, as sexualidades, ou melhor, o comportamento humano é frequentemente alvo da disciplinarização. O modelo do *Panopticon* se atualiza à medida que uma conduta dissente se instaura.

⁴ No Brasil, o projeto de lei da Câmara 122 de 2006, denominado no Senado como PLC 122/2006 e popularmente conhecido como PL 122, é um projeto de lei apresentado pela então Deputada Iara Bernardi (PT - SP) que visa à criminalização da homofobia. O projeto encontra-se na Comissão de Direitos Humanos do Senado Federal, sob relatoria da Senadora Marta Suplicy (PT -SP).

Os enunciados analisados nesta seção buscam apresentar como os discursos de disciplinarização parecem produzir subjetividades a partir das interdições e dos silenciamentos.

Vejamos os enunciados abaixo:

(10) - Calem a boca suas bichinhas, não vêem que eu estou aqui? Porque agem assim?

(11) - Cala a boca viado de uma figa!
[...] Nesse momento, o barbudo se vira para dar um soco no viado, este, por sua vez, se vira para desviar e o grandão acaba acertando o soco no painel do elevador[...]

(12)- Cala a boca todo mundo, essa conversa está me enchendo o saco.

Em (10), (11) e (12), podemos perceber o surgimento da sequência injuntiva “Cala(em) a boca”. Devemos esclarecer que esse pedido de silêncio é feito em um momento no qual as personagens da narrativa dialogam, especialmente a personagem “gay”, isto é, ao “gay” é pedido o silêncio. Foi comum encontrarmos textos em que a personagem “gay” inicia o diálogo, o que gestos de leitura permitiram-nos pensar que os discursos mantêm a “performatividade gay” mediante a “eletricidade” do comportamento, percebida inicialmente pelo uso tagarela da fala.

O verbo *calar*, se lido a partir das práticas discursivas de silenciamento das sexualidades e dos desejos, pode nos revelar a interferência desse poder disciplinar. O silêncio é solicitado quando uma “voz” estranha fala. Essa “voz” parece ser justamente a presença do “gay” na cena. O papel do *panopticon* parece se atualizar na figura do “machão”, que ao primeiro sinal, interdita o direito à fala do “gay”, numa tentativa de fazê-lo se “adequar” à situação.

A ideia de silêncio pode não sugerir, necessariamente, a ideia de disciplinarização. Mas defendemos que, nos casos em que as sexualidades dissidentes “surgem”, ou em muitos dos casos, esse silenciamento é uma tentativa de apagar, de exterminar, de não nomear para não deixar que os corpos tenham existência, para que os desejos e as sexualidades “desviantes” desapareçam. O “cala a boca”, de acordo com nossas leituras, sugere muito mais que o silêncio de uma voz, fisiológica. Sugere, sim, o silenciamento de condutas consideradas “anormais” pelos “machões” da sociedade.

É interessante ainda, pensar um pouco sobre a continuação da sequência linguística (10): [...] *não vêem que eu estou por aqui? Por que agem assim?*. A personagem do “machão” supõe que sua simples presença impõe respeito, pede o silêncio. O incômodo causado pela presença das outras personagens, notadamente o “gay”, chega ao ponto de não permitir que haja condições de permanência no mesmo espaço entre eles. Não é raro, por exemplo, encontrarmos situações de violências contra homossexuais sem que haja uma mínima motivação para isso – obviamente que não defendemos que devam existir motivações. Contudo, esse último enunciado revela, por meio de uma memória discursiva, o repúdio, aparentemente inexplicável, de grupos heteronormativos a grupos homoafetivos. O *panopticon* e as sanções normalizadoras atualizam-se a cada palavra, a cada ato interditado. De forma sorrateira, o silenciamento vai se configurando e “matando” as subjetividades “transtornadas”.

O *calar a boca* parece traduzir mais efeitos de sentido: na escola, por exemplo, é comum se dizer que há um silêncio em torno das temáticas relacionadas à sexualidade e ao gênero. Professores(as) se dizem despreparados para abordar tais temáticas, o que explicaria tal silêncio. Contudo, entendemos que esse silenciamento escolar faz parte da maquinaria discursiva heteronormativa de invisibilização dos sujeitos *anormais*. Silêncio aparente apenas, pois sabemos que existem, como já abordamos, aparelhos e técnicas de vistoriar as condutas, e, ao primeiro sinal de “defeito”, as sirenes simbólicas da ortopedização das performances acionam seus mecanismos de punição.

(13)Machão: - Minha nossa senhora dos elevadores quebrados? Brilho labial? Isso é falta de surra!

No enunciado (13), *Machão: - Minha nossa senhora dos elevadores quebrados? Brilho labial? Isso é falta de surra!*, destacamos “*Isto é falta de surra!*”. Não raro também, temos conhecimento de uma das formas mais comuns de materialização do poder disciplinar: a violência física. Recorrendo a uma memória discursiva, a qual nos permitiria exemplificar inúmeros casos de violência física, poderíamos citar numerosos casos em que homossexuais, lésbicas e travestis são agredidos(as) sob a chancela da “falta de surra”, para não experienciar a suas sexualidades, seu gênero, seu desejos. Para ilustrar, apresentamos um caso recentemente ocorrido no campus central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 2011:

Universitárias são vítimas de homofobia e agredidas durante calourada da UFRN

Uma universitária do curso de Administração identificada como Neira Oliveira, 22 anos, foi vítima de homofobia no fim da noite dessa segunda-feira (21), por volta das 23h, durante a comemoração da calourada da Universidade Federal do Rio Grande (UFRN), próximo ao anfiteatro e um local conhecido como paredões de som. De acordo com a estudante, tudo aconteceu no instante em que ela estava acompanhada de sua namorada e mais dois amigos, até que os rapazes saíram para cumprimentar conhecidos em um outro local.

(Disponível em:
<http://amarocavalcanti.wordpress.com/2011/02/22/universitarias-sao-vitimas-de-homofobia-e-agredidas-durante-calourada-da-ufrn/>).

As agressões físicas, os ataques simbólicos, sofridos por esses grupos dissidentes, carecem de urgentes medidas coercitivas. A *falta de surra* não deve mais ser pensada como uma *cura* para a homossexualidade, para a lesbianidade e para a travestilidade. Os efeitos de sentido que sugerem esse enunciado nos fazem atentar para ações que tentem inibir cada vez mais atos homofóbicos, sejam eles por meio de violências físicas, sejam por meio de formas simbólicas.

A “correção” das condutas ubuescas, contemporaneamente, tendo em vista os inúmeros casos de ataques homofóbicos a travestis, gays, lésbicas e transexuais, parece ser materializada na violência física. Os efeitos de sentido que sugerem as sequências seguintes podem nos dar uma amostra disso:

(14) O machão diz: - O elevador quebrou! Não se meta comigo (para os dois) porque se não vai sobrar prá vocês. [...] O machão por sua vez não quer saber de diálogo, pois conversar com esses dois só termina em briga, e continua a mexer nos botões.

(15) Uiii! que voz hein, adoro!
 - Qual é meu irmão, tá a fim de apanhar?

Tanto em (14) como em (15), elementos linguísticos do tipo *sobrar pra vocês*, *briga e apanhar* sugerem leituras relacionadas à violência física. A partir desses enunciados, e recorrendo às práticas discursivas cotidianas, entendemos que o

“apanhar”, nesses casos, não é empregado necessariamente para a função da correção. Mas muito mais para a punição, sem fins corretivos. É a autorização tática que existe socialmente em que indivíduos heterossexuais, por serem os *normais*, não podem manter relações, de qualquer ordem, com os pestilentos contemporâneos, os *anormais*. Isso porque o incômodo gerado por estes indivíduos, os ubuescos, gera inevitavelmente, seguindo a leitura de (14) [...] *pois conversar com esses dois só termina em briga, desentendimentos.*

Entenderemos ainda, esse processo da *briga* como materialização de uma *biopolítica* da população. Ateremo-nos a esta discussão na próxima seção da dissertação.

Tendo analisado as materialidades lingüístico-discursivas deste trecho da pesquisa, buscamos apresentar de que modo o panoptismo *contemporâneo* tem produzido discursos que atuam no corpo e nas ações, fabricando subjetividades a partir da lógica da normalização e do controle individual.

3.3 Para o bem estar e segurança sociais

A questão da seguridade social passa, também, pela ideia de manutenção da vida, melhor seria, perpetuação da espécie. Vejamos o seguinte enunciado, construído por França (2004, p. 229):

No relacionamento sexual do homem e da mulher, não existe apenas a satisfação da posse carnal. Há, isto sim, uma compensação afetiva que ultrapassa a simples exigência instutivo-material e que oferece significações maiores.

A partir da leitura dos enunciados lingüísticos que compõem esse trecho, a passagem citada parece apontar para práticas discursivas que traduzem sentidos para anulação ou mesmo invisibilização da existência de relacionamentos afetivo-sexuais homoeróticos, demarcado na frase *No relacionamento sexual do homem e da mulher, não existe apenas satisfação da posse carnal.*

As práticas discursivas médico-legais parecem estar assentadas no terreno da heteronormatividade, da heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2008), ou seja,

qualquer arranjo sexual ou afetivo que se estabeleça fora dos limites “aceitáveis”, além de serem desconsiderados em sua existência, podem ser colocados no domínio das patologias, dos *transtornos*. Já que perpetuação da espécie humana depende da relação de procriação mantida pelos casais heterossexuais.

Analisemos, em seguida, os seguintes enunciados:

(16)Eu já passei por uma situação numa lanchonete com um amigo meu, a gente tava conversando, aí chegou um gay e ele fez isso. E eu achei estranho. Na hora e disse “oxe, o que foi que aconteceu?”. “Viu não? Um viado véi aí?” Aí eu olhei pra ele disse: “E precisa fazer isso?”. “Home, é porque toda vida que eu olho prum gay eu fico imaginando ele beijando a boca de outro cara, aí me dá nojo.

(17)(Depois de o gay falar) O machão olha com uma expressão de nojo.

Algumas expressões desses depoimentos, (16) e (17), merecem especial atenção: termos como *viado e expressão de nojo*. Parece-nos que o termo *viado* recebe um efeito “de riso”, isto é, ao termo são agregados sentidos “de fazer rir”, aspecto comum em enunciados jocosos sobre gays. Como já chamamos atenção, esse mesmo fazer rir, faz morrer (FOUCAULT, 2001). Então, o termo *viado*, já bastante difundido e reiterado em nossa sociedade, traduz práticas simbólicas de preconceito e discriminação.

No entanto, mais interessante é tentar buscar os efeitos de sentido da expressão *nojo*. Parece-nos que tal palavra esteja carregada historicamente pelo fantasma de uma doença surgida na década de 1980, depois do período da “revolução sexual”: a AIDS. É comum a associação, ainda hoje, apesar das inúmeras pesquisas que afirmam ser a AIDS uma doença sem *grupos de risco*, entre homossexuais e a síndrome da imunodeficiência. O *nojo*, a partir de efeitos de sentido do enunciado com essa memória discursiva que relaciona homossexualidade à AIDS, estaria associado diretamente ao risco, risco de contaminação, risco de falha no sistema de perpetuação da espécie humana. Essa formação de grupos de risco, embora amplamente tenha sido criticada e rejeitada, parece permanecer no imaginário popular. Assim, surge uma repatologização da homossexualidade em termos epidemiológicos, que se mantém sob o invólucro de ideias biopolíticas da coletividade sob ameaça constante. “Fantasma de impureza em que repugnância e desejo se associam na reiteração da norma heterossexual por meios sanitários.” (PELÚCIO & MILKOLCI, 2009)

O uso do verbo *misturar*, na sequência linguística abaixo (18), tende a reforçar o ideário de repatologização das performatividades ininteligíveis:

(18) Diogo se altera exageradamente e diz: - Ei meu irmão vamos parar de viadagem aqui, eu não quero me misturar.

(19) Ei cara, você está vendo aquela figura? Gostaria de saber se ele é mesmo desse planeta. Sinto náuseas só de pensar na possibilidade de tê-lo como amigo! Não que eu tenha preconceito a homossexual, mas, pô meu, usando essas roupas não dá né! (REFERINDO-SE AO GAY) [...]

- Não quero criar nem um tipo de discussão mas que que você falou alto demais e acho que a criatura quer fazer contato. Kkkkk! [...]

- Ei homens com h, ouvi o que vocês comentaram sobre minha pessoa e não gostei nem um pouquinho! Tá!!!

- Qual foi? C vai encarar! Coisa do outro mundo!!

(20) As três pessoas dentro do elevador começaram a ficar impacientes com a demora do conserto, o gay já estava de cara feia e o machão com medo do metrosssexual se encostar nele.

De repente o metrosssexual, olhando para uma revista falou:

-Ai, que calor!

O machão pensando que essa frase tinha outro sentido e que poderia estar mexendo com ele, ele falou assim:

-Se afaste de mim para não transmitir o calor.

(21) Entrou no elevador um machão, um metrosssexual. De repente, por ironia do destino ou por azar mesmo, o elevador quebra e o silêncio começa a tornar-se constrangedor. O machão logo ficou irritado e desconfiado, se afastando o máximo possível dos outros dois e ficou apenas observando.

Nas sequências (18), (19), (20) e (21), gostaríamos de destacar as seguintes expressões: *me misturar* (18), *náuseas* (19); *encostar* e *afaste* (20) e *se afastando* (21).

A sensação de asco, revelada “amigo” da colaboradora da pesquisa, o se *misturar* revelado pelo machão parecem justificar, pelo menos em princípio, o incômodo causado pelas práticas sexuais *transtornadas*, por oferecem algum risco, seja de contaminação, seja de propor o fim da espécie, dada a impossibilidade de reprodução. Incômodo esse que nos é também revelado por práticas discursivas da Medicina Legal:

(DF-7) Se este instinto se equilibra dentro de padrões de normalidade, teremos o ideal. Todavia, vez por outra, surgem distúrbios, transtornos, perversões e alterações da identidade sexual capazes de comprometer a segurança das pessoas e o equilíbrio da sociedade. (FRANÇA, 2004, p. 229).

Nesse enunciado acima, entendido ainda como um discurso fundador, França (2004) chama atenção para os aspectos da *segurança* e do *equilíbrio* que esses indivíduos anormais podem proporcionar à população. Vejamos, então, as próximas materialidades linguístico-discursivas:

(22) De repente, por ironia do destino ou por azar mesmo, o elevador quebra e o silêncio começa a tornar-se constrangedor.

(23) E por uma obra do acaso o elevador quebra e olhando um para o outro o silêncio toma conta do ambiente.

Em várias narrativas, um aspecto chama nossa atenção: as constantes *brigas* e desentendimentos ocasionados pelo *azar do destino*. Os efeitos de sentido produzidos por esses enunciados sugerem que o contato entre gays e heterossexuais está predeterminado ao desentendimento, talvez pela intolerância entre os grupos. O termo *azar* indicia, inclusive, que ter esse contato é “falta de sorte”, como algo a ser evitado. Por isso, provavelmente, o *silêncio constrangedor* se estabeleça de imediato para manter a distância do contato entre esses grupos. Associando os efeitos de sentido de (22) e (23) a (DF-7) perceberemos que a insegurança, o desconforto e o equilíbrio, podem, dessa maneira, ser entendidos como a iminência de conflito físico e/ou verbal entre *gays* e *heterossexuais*.

A atualização poder sobre a vida, pelas leituras realizadas, parece indicar que as sexualidades anormalizadas conferem, de algum modo, o status de insegurança à sociedade.

3.4 Da atualização de gestos anormais em espaços de tempo

Como já frisamos na metodologia desta dissertação, é importante esclarecer, mais uma vez, que os dados analisados neste segmento do texto foram gerados

principalmente na narrativa ficcional, produzida a partir da solicitação da Revista Veja na Sala de Aula (2006). E em sendo assim, esses enunciados podem, por algum leitor, ser entendidos com mais artificiais do que os produzidos em uma produção discursiva “espontânea”, como parece ser o caso do questionário e o da roda de conversa. No entanto, como também já observamos, mesmo solicitados a escrever, os(as) colaboradores(as) o fazem tomando por base os estereótipos que construíram discursivamente, em sua memória discursiva. O que significa pensar que esses estereótipos fazem parte de uma cadeia discursiva em que os elementos nos permitem tecer considerações acerca de que tipo de estereótipos, entendidos por nós como subjetividades, são constituídos pelos(as) participantes da pesquisa.

A performatividade de gênero é entendida por nós em consonância com a produção intelectual de Judith Butler (2008). Para a autora, a performatividade diz respeito às inúmeras repetições corporais no tempo e no espaço, que se cristalizam e se solidificam, permitindo a legibilidade/inteligibilidade do corpo. Para nós, o que a proposta da veja nomeia de estereótipos são as performatividades clichêizadas, construídas via um essencialismo e na relação com a heterossexualidade compulsória.

Observemos o seguinte trecho, produzido na narrativa:

(24) O gay como sempre “elétrico” por natureza começa um dialogo com o metrossexual.

Vejamos o seguinte trecho retirado de nossa roda de conversa:

(25) Colaboradora: Assim, o homem gosta de se arrumar, mas o metro é aquele homem que gosta de se arrumar ao extremo, (vozes dizem: demais...) As vezes até mais que a própria esposa dele.

(26) Colaboradora: Ela (referindo-se ao que outra colega observou) disse que os metrossexuais se arrumam ao extremo, ao extremo de quê? Por que vaidade é coisa de...

Como resposta ao nosso questionário, especificamente à questão “Em práticas sociais contemporâneas, o que é, para você, um machão, um metrossexual e um gay?”, obtivemos sequências como as seguintes:

(27) Colaboradora: Um homem metrosssexual está sempre bem com a aparência, procurar estar sempre em forma. Um homem metrosssexual está sempre bem informado sobre o que é bom para a saúde, visita os salões de beleza frequentemente além de ser bastante vaidoso.

(28) Colaborador(a): Metrosssexual é o homem, também heterossexual, que se preocupa bastante com a estética e demonstra elegância nas suas atitudes.

(29) O silencio paira no ar, ate que:

-Será que vai demorar para concertarem? –perguntou Charles, o gay.

-Tá calor aqui né? Insistiu

-Vocês já notaram como é pequeno este elevador? Continuou, mesmo só.

-É. Respondeu Felipe, o metrosssexual.

-O que é que lendo nesta revista? –Charles iniciou a conversa.

-Técnicas para... –Felipe falava quando Marcos interrompeu.

-Ah, para “vei”, já é demais esta trancado neste elevador vocês ainda vão ficar com conversas de mulherzinha sobre macho? O negocio era pra ser luta, futebol. Assim, não dá. Ó ai fora ninguém percebeu que o elevador quebrou não?!

(30) A conversa transcorreu apenas envolvendo esses assuntos femininos. Emanuel, com a paciência já esgotada, tenta mudar de assunto.

E ai? Vamos jogar uma pelada amanhã?

Bernardo escandaloso como sempre, trata logo de responder:

-Ai bicha, você esta louco? Vou quebrar as minhas unhas.

Ricardo também responde:

-Tenho bronzeamento artificial marcado para amanhã.

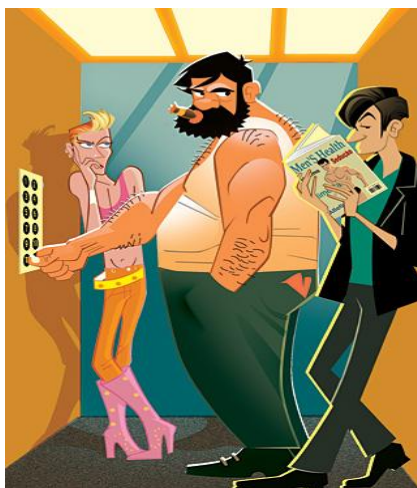
Emanuel percebendo que a conversa não iria fluir da forma que queria, diz:

-Vamos ficar em silêncio que é o melhor, o papo de vocês é muito gay e não tenho paciência para ficar tolerando isso.

Ao definir o metrosssexual como aquele alguém vaidoso, e deixar sugerido que vaidade “é coisa de mulher”, o(a) colaborador(a) da pesquisa, podemos entrever, a partir dos efeitos de sentido, utiliza-se da performatividade desses sujeitos para definir sua sexualidade. Mantendo a relação de sexo/gênero como unilaterais e circunscritas ao biologissismo, melhor dizendo, à ordem compulsória de sexo/gênero/desejo, a que critica Judith Butler (2008). Contudo, em (29), percebemos que os(as) participantes da pesquisa entendem que um homem metrosssexual pode não ser um homem gay, ou seja, há uma quebra na lógica do que se imagina para a performatividade, sexo/gênero e desejo.

Os enunciados (29) e (30), *conversas de mulherzinha* e *papo de gay*, sugerem um cruzamento discursivo entre as esferas gay e de mulher. Tecendo uma fio discursivo, histórico, não raro nos depararemos com situações, inclusive escolares, em que determinados indivíduos são insultados de *mulherzinha*. O insulto, a desvalorização desse indivíduo, é realizada, inclusive, por uma degradação anterior: a mulher(zinha) é negativizada, transformando-se em um objeto de negação e desvalorização do outro. Assim, parece uma dupla desqualificação: a dos que recebem o apelido e uma anterior, que desvaloriza a mulher.

O exercício sugerido pela revista *Veja* (2006) apela à performatividade de gênero para definir as subjetividades das personagens envolvidas na cena. Assim, foi unânime em todos os textos produzidos a identificação destas personagens como o gay (esquerda), o machão(centro) e o metrossexual(direita):



Embora em nenhuma das narrativas, temos a ocorrência de diálogos ou mesmo escritas de si em que a personagem do metrossexual confessa seus desejos e vontades sexuais, é importante observar que, por meio da construção discursiva das performatividades de gênero, que os(as) colaboradores(as) da pesquisa apontaram/rotularam a sexualidade de cada personagem da narrativa (mesmo entendendo que a metrossexualidade não seja uma “categoria” pensada para “sexualidades”). Dessa forma, percebemos, como chama atenção Judith Butler (2008), que se configura, nessas narrativas, a sustentação dos discursos que indissociam

performatividade de gênero e um suposta sexualidade. De (24) a (30), podemos pensar que há um eixo temático que une esse fio discursivo: a essencialização das performatividades.

Vejamos o seguinte trecho de uma das narrativas:

(31) -Ai que nojo! Quebrou logo agora, que saco!
 Dai vi que comigo estavam outros dois homens diferentíssimos. Pude diferencia-los pela maneira como me responderam:
 - Só me faltava essa! Elevador quebrado e ainda por cima com dois viados! Exclamou um machão, brutaemente preconceituoso.
 - Viado virgula criatura pré-histórica. Sou apenas um homem que se cuida, que sabe se vestir, que tem uma forte tendência a moda – respondeu o outro, que na minha opinião, parecia um metrossexual.

No diálogo referido acima (31), confirmamos, pois, que a associação entre gênero, performatividade e sexualidade se mantém. A sequência *com dois viados* assinala efeitos de sentido em que a “subjetividade metrossexual” é constituída a partir de seus efeitos performativos, no caso, vestir-se bem, cuidar da saúde, entre outros elementos organizados nessa esfera discursiva.

Os enunciados abaixo fazem menção à performatividade do “machão”:

(32) A situação ficou meio incomodada pois eles não falavam-se com frequência. Emanuel resolveu quebrar o silêncio e foi logo perguntando.
 -E aí? Vocês sabem dizer por quanto a merda desse elevador vai continuar parado?

(33) Nesse momento o “machão” volta a apertar o botão, mas nada acontece. O mesmo repete a ação cerca de cinco vezes seguidas cada vez com mais força. Logo depois afirma: -Porra, o elevador quebrou!

(34) Dentro do elevador o machão diz:
 -Porra, esse elevador vem quebrar logo agora!(...)

(35) Elevador quebra... Um silêncio faz-se até...
 Machão: - Iiih...! Eu sabia! Elevador é coisa de bicha! Era pra ter pego a escada...

As fórmulas *merda* e *porra*, também repetidos em outros acontecimentos que não apenas (30), (31) e (32), sinalizam a criação de uma performatividade pautada pelo

uso de certos elementos linguísticos, notadamente “palavrões”. A utilização dessas expressões ressoa discursos que constroem “homens viris”, indiciado por certas formas de linguagem que revelem pouca delicadeza e, talvez, educação, e que, no entanto, devem revelar grosseria e falta de “bons modos”. Em (35), a performatividade de “macho” é sugerida pela utilização da força física, demarcada em *Elevador é coisa de bicha! Era pra eu ter pego a escada...*, ressonâncias de discursos que “fragilizam” determinadas subjetividades.

Portanto, a questão da performatividade de gênero justifica, talvez, a ideia de que o próprio gênero generifica a sexualidade, isto é, a categoria do gênero é percebida antes do que a categoria da sexualidade. Conferindo a esta última categoria o caráter de aceitável ou não, a depender da maneira como a performatividade é lida pela atualização dos gestos em espaços de tempo e espaço.

4 Considerações finais

Escrever sobre questões relativas a gênero e sexualidade, em um programa de Estudos da Linguagem, pareceu, logo de início, uma árdua tarefa. Não só pela temática, provocativa, do nosso ponto de vista, mas pelo olhar inquieto do outro. Pelo olhar desconfiado do “o que você pensa estar fazendo?”.

Enveredamos, pois, pelos trilhos da pesquisa em Linguística Aplicada. Trilhos que, parafraseando Caio Fernando Abreu, sugeriam lugar algum e todos os lugares. Como então escolher um caminho?

Os caminhos de nossa pesquisa, mais uma recorrendo interdiscursivamente ao que dito de Caio Fernando, não coube nos trilhos desse bonde. Precisamos tomar muitos trens, muitos trilhos e errar bastante as descidas para, quem sabe, ter chegado a um ponto. Um ponto que agora parece o que desejamos desde o início. Um fim temporário para essa breve viagem discursiva, por esse brevíssimo passeio pelas tramas de um discurso que, como tentamos elucidar, parece produzir e reproduzir sujeitos transtornados, anormais, doentes, desviados, invertidos...

Durante a trajetória que percorremos e, para dar início a ele, propusemos questões. A viagem teria de nos garantir as respostas. A curiosidade nos movia a pegar cada vez mais outros e outros bondes. Indagamos, como grande questão a ser vislumbrada em nosso itinerário, se o discurso dos(as) colaboradores(as) da pesquisa reverberava de algum modo o discurso das práticas da Medicina Legal. Entre leituras e análises, chegamos à conclusão: sim. As práticas discursivas, entendidas como institucionalizadas, dos(as) colaboradores(as) de nossa investigação atualizam o discurso médico, no sentido de produzir subjetividades pautadas pela lógica da patologização, e pelo desejo de medicalização.

Os resultados de nossa jornada demonstraram ainda que os tipos de subjetividades constituídas foram sendo pautadas, principalmente, como apontaram nossas análises, pelo discurso essencialista, preconceituoso, por vezes, medicalizante e patologizante. Vislumbramos depoimentos que, por gestos de leitura, corroboram nossa ideia.

Nossos resultados, após a empreitada, apontam ainda que os poderes biopolíticos e disciplinares continuam, arditamente, a agir e produzir seus efeitos. Efeitos que constroem e consolidam verdades, tidas como universais e completamente imunes a mudanças e questionamentos. Esses poderes, em sua relação *microfísica*, atravessam os corpos, as condutas e os desejos dos indivíduos, subjetivando-os por meio de práticas

discursivas, muitas vezes, discriminatórias, violentas e silenciadoras. Percebemos, assim, que o modelo panóptico, estudado por Michel Foucault (2001) se atualiza de diversas formas: seja em práticas simbólicas, seja em práticas de efetivas punições.

As respostas aos que olhavam nossa pesquisa com certo estranhamento, por estarmos em um programa de Estudos da Linguagem, pareceu surgirem meio que naturalmente, mesmo tendo evitado o uso de termos que levem à ideia de naturalização, talvez devido ao amadurecimento acadêmico-pessoal que este trajeto pelos trilhos da pesquisa nos proporcionaram: não é via linguagem que os significados sobre quem somos ou sobre o que somos são produzidos? É ou não via linguagem que significamos o mundo? É ou não via linguagem que podemos percorrer nossa viagem na busca do sentido (às vezes perdido)? Sim, as práticas de linguagem são decisivas no processo de constituição do humano, do fazer humano. Esse fazer pode produzir estigmas. Mas esse mesmo fazer pode, e entendemos que deve evitar e reconstruir, não estigmas, mas outras possibilidades, tão inteligíveis quanto, de ser. Para viver.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Miguel Vale. **Do Feminismo a Judith Butler**. Conferência, Ciclo “Pensamento Crítico Contemporâneo”, Le Monde Diplomatique / Fábrica Braço de Prata, 5 de Abril de 2008.

BALESTRIN, Patrícia Abel. **Onde está a sexualidade?** Representações de sexualidade num curso de formação de professoras. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. **Modernidade Líquida**; tradução, Plínio Dentzien. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro, Garamond, 2006.

_____. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção Primeiros Passos; 328).

BRANDÃO, Maria Helena Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Linguagem, Códigos e suas Tecnologias (MEC/SEB, Brasília, 2006).

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CARDOSO JR, Hélio Rabello. **Para que serve uma subjetividade? Foucault, Tempo e Corpo**. Revista Psicologia: reflexão e crítica, 18(3), 2005.

CASTRO, Nilsandra Martins. **Representações de Identidades de Gênero e de Sexualidade nos Discursos de Professores de Educação Infantil**. Dissertação de mestrado, Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2010.

CELANI, M. A. A. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. In: I. SIGNORINI; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

DEYFRUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

_____. **Microfísica do poder**. 1979. Rio de Janeiro, Edições Graal.

_____. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Os Anormais: curso no Collège de France**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **O Poder psiquiátrico: curso no Collège de France**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **A Hermenêutica do sujeito: curso no Collège de France**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. Vigiar e punir. **Nascimento da Prisão**. 36. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **Estratégia, poder-saber**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FRANÇA, Genival Veloso de. **Medicina Legal**. 7. ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2004.

Friedrichs, Marta Regina. **Ser star**: a educação que fabrica corpos femininos. Tese de doutorado em andamento, Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GREGOLIN, Rosário. **Análise do Discurso**: as materialidades do sentido. São Carlos, SP: Claraluz, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

_____. Uma lingüística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como lingüística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Lingüística Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

_____. **Contemporaneidade e construção de conhecimento na área de estudos lingüísticos**. Belo Horizonte: Scripta, v. 7, n.14, p. 159 -171, 1º sem. 2004.

_____. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Orgs.). **Linguística Aplicada**: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009.

NETO, Leon Fahri. **Biopolíticas**: as formulações de Foucault. Florianópolis: Cidade Futura, 2010.

OLIVEIRA, Raquel Souza de. **A construção discursiva da feminilidade em uma revista feminista para meninas**. Tese de doutorado em andamento Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Lingüística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso**: Princípios & Procedimentos. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

PELÚCIO, Larissa. **Nos nervos, na carne, na pele:** uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, 2007.

PELÚCIO, Larissa; MILKOLCI, Richard. **A prevenção do desvio:** o dispositivo da AIDS e a repatologização das sexualidades dissidentes. Revista Latinoamericana, 2009.

PENNYCOOK, Alastair. Uma Lingüística Aplicada Transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Lingüística Indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006.

RAYMUNDO, Natália Andrade. **Performances identitárias em uma escola militar.** Dissertação de mestrado em andamento, Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Lingüística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n.2, p.71 – 99, jul./ dez. 1995.

SIGNORINI, I. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Lingüística Aplicada. In: I. SIGNORINI; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). **Lingüística Aplicada e transdisciplinaridade.** Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SILVA, Marluce Pereira da. ; Cássio E. R. Serafim. **Saia justa na escola: gênero, sexualidade e práticas de exclusão.** I Dpracs, UFC, 2009.

SILVA, Marluce Pereira da. **Discurso, Identidade e Memória.** Relatório apresentado ao CNPQ: 2005.

SILVA, Rosimeri de Aquino da. **Sexualidades na escola em tempos de AIDS.** Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

SILVA, Tiago da Silva. **A performance identitária de um professor homoerótico em sala de aula.** Dissertação de mestrado em andamento, Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

TAVARES, Edgley Freire. **O masculino em revista:** mídia, discurso e modos de subjetivação afetivos-sexuais. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.

UNIVERSITÁRIAS são vítimas de homofobia e agredidas durante calourada da UFRN. Disponível em: <<http://amarocavalcanti.wordpress.com/2011/02/22/universitarias-sao-vitimas-de-homofobia-e-agredidas-durante-calourada-da-ufrn/>> Acesso em: 22 mar. 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares... In: COSTA, Marisa V. **Caminhos Investigativos:** novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ANEXOS

NARRATIVAS

NARRATIVA 01

Homossexual: -Tomara que venha logo um responsável pela manutenção, ou melhor, que chamem logo os bombeiros, conheço um tão lindo...

Machão: -Era só o que me faltava (cuspindo no chão).

Metrossexual: -Vou perder o horário da depilação e esqueci meu celular no carro. Algum de vocês tem um que possa ligar?

Machão: -Não uso esse tipo de coisa, quem quiser falar comigo que mande carta!

Homossexual: -Que homem grosso! Olha não ligue pra ele...eu ate tenho um só não sei onde (palavra)

Metrossexual: -Olha , vamos com calma, só pedi um celular, mas obrigada pela atenção. Esta começando a ficar quente e o gel do cabelo já esta derretendo!

Homossexual: -E eu que achava que ... sou obrigado a ficar num calor desse ouvindo esse tipo de coisa...

Machão: -Sai da frente, vou tentar abrir essa porta para sair logo daqui, vocês que se entendam.

Metrossexual: -Olha a energia voltou, acho que foi somente uma pane.

Machão: -Pane é o que eu ia se ficasse mais tempo aqui...

Homossexual: Um diva como eu, não ser aproveitada numa situação dessa, é o fim do mundo...

NARRATIVA 02

No momento em que o elevador quebra, o metrosssexual está muito envolvido com a revista, o machão um pouco impaciente pois deixou o carro no estacionamento em local proibido e o gay estava pensando como seria os outros dois companheiros se fosse como ele.

O tempo passa em torno de 10 minutos. O amigo arrumadinho olha o desdém para aquele sujeito grosseiro a sua frente e para aquele toda de rosa igual a uma Barbie. Isso seria um elogio para o gay, talvez. Derepente o homem grosseiro e impaciente solta um suspiro nervoso, pois esta ficando cansado de esperar. O gay com medo do machão, puxa conversa com o metrosssexual e pergunta o quê ele faz para ficar com a pele tão limpa e cabelos tão brilhosos. Sem tirar os olhos da leitura ouve-se a voz delicada falar que se cuida e vive uma vida saudável, pratica esportes e faz limpeza de pele toda noite. O comentário do machão chama atenção do gay, quando fala para o arrumadinho que mulheres gostam de homem com H. Neste momento, ao ouvir tal insulto, ele retira os olhos da revista e pergunta o quê que ele quis dizer com isto. O machão, já muito nervoso resolve apertar todos os botões do painel do elevador. O gay cai de amores por aquele homem forte.

O tempo passa mais um pouco e a leitura daquela revista chaga ao fim. A atenção do metrosssexual passa pelos outros dois colegas. Pouco foi a conversa entre eles. Quando um toca no assunto da Copa 2010. O machão se interessa, pois sabe falar muito sobre mulher, cerveja e futebol. Um dos assuntos que atrai ao metrosssexual, a mulher e a beleza, que também chama a atenção do gay, ate por que o time é composto por homens. Deu-se então início a um debate sobre como será a Copa 2010. O grosseiro e forte fala que irá beber muito com varias mulheres e galões de cerveja. O gay avisa que ira ver todos aqueles homens belíssimos correndo e suando, homens, muitos homens. E por fim o metrosssexual que fala que ira tirar folga nos dias que não for jogo do Brasil, para cuidar do corpo e da alma, fazer relaxamento e yoga.

Assim, ate o momento que o elevador voltou a funcionar, cada um demonstrou o seu eu e ao sair Daquele lugar tão pequenino, fizeram de conta que nada havia acontecido, nada de conversa. Apenas eles mesmos, individuais. Um machão, um gay e um metrosssexual.

NARRATIVA 03

Assim que o elevador quebrou os três rapazes começaram a ficar inquietos devido a situação que começara dentro do elevador, depois de algum tempo Richarlison que esta representado pelo metrossesexual começou a dialogar com Michael representado pelo homossexual, logo em seguida Richarlison começou a conversar com Michael sobre moda e perguntou:

-Michel você gosta de moda?

-Adooooo, sempre que posso participo de todos os eventos.

Derepente Sebastião representado pelo machão começou a ficar inquieto e nervoso devido o dialogo entre os dois rapazes, com o passar dos tempos Sebastião continuava eufórico devido ao assunto que rolava dentro do elevador, e teve um momento que Sebastião disse:

-Vocês poderiam conversar esse assunto de “fresco” em outro momento?

-Os incomodados que se retirem!!! Disse os dois rapazes. O clima no elevador ficou bastante tenso e os dois rapazes não paravam de conversar sobre moda, mas quando Sebastião ascendeu um charuto e ficou olhando seriamente para Richarlison a conversa chegou ao fim. Michel ficou chateado e ##### do machão e Richarlison começou a ler uma revista. Logo em seguida elevador voltou a funcionar e o machão apertou o primeiro botão que viu pela frente e saiu, so os dois rapazes Richarlison e Michael continuaram dentro do elevador e voltaram a falar sobre moda.

NARRATIVA 04

Era segunda-feira, o dia estava muito quente, cerca de 35°C quando o elevador de uma empresa de alimentos resolveu parar. Dentro do elevador se encontrava Cadu, do tipo machão, Bob um cara super metrossexual e Leleu, um gay.

Diante do constrangimento de estar preso com personalidades tão diferentes Leleu teve a feliz idéia de começar uma conversa, onde fez a mais óbvia constatação dizendo: -Nossa! Como esse elevador esta quente!

Cadu com toda a sua simpatia replicou: -Sério?! Que curioso, estou com muito frio! Leleu diante da resposta resolveu calar-se, mas ficou curiosos pelo fato de Bob não ter se manifestado e acabou perguntando o porque dele não esta nem para a situação ao que ele respondeu: -É simples, se eu não quisesse esta nesta situação, vendo um gay e um machão implicar entre si, eu teria apertado o botão de emergência que esta ao seu lado.

NARRATIVA 05

Dentro de uma elevador quebrado estavam três homens de estilos diferentes, passaram uma hora e meia sem falar nada, estava um gay, um machão e um metrossexual.

De repente sem aguentar o calor o gay reclama que esta sem folego e não aguenta mais ficar em pé, pede licença e sentasse no chão do elevador, o machão concorda com ele e senta também, o metrossexual diz que aguenta mais um pouco, pois não quer sujar a roupa. Cada um conta um pouco de sua vida e depois o metrossexual diz que apesar de serem diferentes, todos vivem no século XXI e aceitam as diferenças.

NARRATIVA 06

As três pessoas dentro do elevador começaram a ficar impacientes com a demora do conserto, o gay já estava de cara feia e o machão com medo do metrosssexual se encostar nele.

De repente o metrosssexual, olhando para uma revista falou:

-Ai, que calor!

O machão pensando que essa frase tinha outro sentido e que poderia estar mexendo com ele, ele falou assim:

-Se afaste de mim para não transmitir o calor.

O gay que estava sério, abriu logo um sorriso minutos depois o elevador começou a funcionar e os três saíram sem que nada de maior tivesse acontecido.

NARRATIVA 07

Situações embaraçosas e preconceituosas

Existem várias formas de se construir ou acabar com os problemas sociais em geral. Um dos maiores problemas é o preconceito, apesar da mídia bater bastante nessa tecla, ainda o vivenciamos bastante, e o maior deles, atualmente é quanto a opção sexual alheia. O exemplo que citarei a seguir que aconteceu comigo relata bem isso, porisso prefiro não citar nome.

Um certo dia estava voltando do salão onde trabalho e como de costume, descia do prédio de elevador. Quando entrei não reparei com quem estava dividindo o elevador, pois geralmente são as pessoas que prestam mais atenção em mim. Derepente ouço um barulho forte e poft!. O levador quebrou, aff!.

-Ai que nojo! Quebrou logo agora, que saco!

Dai vi que comigo estavam outros dois homens diferentíssimos. Pude diferencia-los pela maneira como me responderam:

-Só me faltava essa! Elevador quebrado e ainda por cima com dois viados! Exclamou um machão, brutaemente preconceituoso.

-Viado virgula criatura pré-histórica. Sou apenas um homem que se cuida, que sabe se vestir, que tem uma forte tendência a moda –respondeu o outro, que na minha opinião, parecia um metrossexual.

Não pude deixa-los responderem tão preconceituosamente e entrei na discursão:

-Ei seu brutamente de uma figa! Choquei com vocês. Que história é essa ou de viado? Aff!, vocês que são de enjoarem qualquer pessoa. O que é que tem ter um opção sexual um pouco diferentes? Eu é que detesto gatinha como vocês... – e fui descarregando ate ser interrompida pelo metrossexual. Ele disse:

-Não chagamos a falar em nenhum momento que sentíamos nojo de algum de você e nem que era menor socialmente por ser gay.

-Concordo com você, disse o machão lá –o problema desses homossexuais é são preconceituosos.

Daí a porta do elevador se abriu, eles saíram conversando e eu fiquei com minha consciência.

-Acho que eles estão certos, fica ai a lição de responder ignorantemente alguém.

NARRATIVA 08

...O elevador quebrou, então o gay, o machão e o metrossexual olham entre si com um olhar desconfiado.

Então o gay fala: -Tá quente né?

O machão após ouvir a frase faz uma cara de nojo, enquanto, o metrossexual responde com um sorriso amarelo:

-Pois é!

Dez minutos depois, o machão tosse com intensidade e fala: -Então, ninguém aqui vai se mexer não?

O gay faz uma cara assustada e responde:

-Querido, você quer que eu mecha o que?

O metrossexual não se aguenta, enfia a cara dentro da revista que estava lendo e ri disfarçando o riso "preso".

-Merda! –Reclama com um ar de exausto o machão.

Será que vocês não compreendem o grau da situação? Estamos ferrados, presos e isolados - grita o machão.

A situação ardia, enquanto cada um chegava ao seu limite. Tão diferentes em diversos aspectos, mas os três tinham uma coisa em comum: a saia justa da situação.

Inquieto, o metrossexual fala:

-Acho que deveríamos deixar as nossas diferenças de lado e pensar numa solução. Cansados o machão fala:

-Eu vou derrubar a porta!

O gay com sarcasmo fala:

-Calma amor, não canalize tanta raiva se não você vai encher de rugas.

O machão perde o controle e respondendo:

-Sua bicha, você vai...

Com medo, o metrossexual grita:

-Dá pra vocês dois calarem a boca? E parem e fazer tanto movimento, pois to ficando todo amassado. Quando eu sair daqui ainda vou pra uma reunião de negócios. O bate boca estava esquentando, quando de repente a porta do elevador se abre e o trio sai instantaneamente correndo.

NARRATIVA 09

Situação Inusitada

Um certo dia, o elevador que carregava Emanuel- o machão do prédio, Ricardo- o marido super vaidoso da Rosana e o Bernardo- o homossexual mais escandaloso do prédio, quebrou quando estava chegando ao 5° andar.

A situação ficou meio incomodada pois eles não falavam-se com frequência. Emanuel resolveu quebrar o silêncio e foi logo perguntando.

-E aí? Vocês sabem dizer por quanto a merda desse elevador vai continuar parado?

Ricardo logo respondeu:

-Não sei, mas tem que consertar logo pois tenho hora marcada no cabeleireiro.

Bernardo gostando do assunto, logo se pronuncia:

-Bicha, você vai mudar de penteado é? Corta arrepiado, esta super na moda.

A conversa transcorreu apenas envolvendo esses assuntos femininos. Emanuel, com a paciência já esgotada, tenta mudar de assunto.

E aí? Vamos jogar uma pelada amanhã?

Bernardo escandaloso como sempre, trata logo de responder:

-Ai bicha, você esta louco? Vou quebrar as minhas unhas.

Ricardo também responde:

-Tenho bronzeamento artificial marcado para amanhã.

Emanuel percebendo que a conversa não iria fluir da forma que queria, diz:

-Vamos ficar em silêncio que é o melhor, o papo de vocês é muito gay e não tenho paciência para ficar tolerando isso.

Bernardo começa a rir e escandalosamente diz:

-Calma bicha, estresse da rugas.

Depois desse pequeno desentendimento, o elevador finalmente volta a funcionar, para a felicidade de todos, e cada um segue o seu rumo.

NARRATIVA 10

Aquele elevador era apertado de mais para três. Quem já viu um machão, um metrossexual e um gay juntos? Não poderia dar certo. Imagina-se o elevador quebrar... e não é que quebrou, e agora em que vai dar essa história.

O silencio paira no ar, ate que:

-Será que vai demorar para concertarem? –perguntou Charles, o gay.

-Tá calor aqui né? Insistiu

-Vocês já notaram como é pequeno este elevador? Continuou, mesmo só.

-É. Respondeu Felipe, o metrossexual.

-O que é que lendo nesta revista? –Charles iniciou a conversa.

-Técnicas para... –Felipe falava quando Marcos interrompeu.

-Ah, para “vei”, já é demais esta trancado neste elevador vocês ainda vão ficar com conversas de mulherzinha sobre macho? O negocio era pra ser luta, futebol. Assim, não dá. Ó ai fora ninguém percebeu que o elevador quebrou não?!

-Nossa, que grosso, tava tentando passar o tempo, puxar assunto. –o rosado reclaou.

-Já vi que é mais um preconceituoso, que não gosta de se arrumar nem para agradar a namorada, se é que tem. –o metrossexual afirmou.

-Quem é você para saber da minha vida. Se eu tenho namorada ou não isso não é da sua conta.

-E eu ate já sei porque não tem: é de mau educado, fumando no elevador, e olha o tamanho da barba que horror. –competou Charles.

-Saiba que brutalidade não é tudo, as mulheres querem homens que as trate bem, e também um cheiroso. –Felipe concluiu.

-E ate parece que se vesti rosado, e ler essas revistas vai fazer elas se atraírem por mim. –O machão entrou na conversa.

-Mas vai ajudar para que elas reparem em você. -disse o gay.

-É, e essas revistas bem retratam suas preferências se você lêsse...

Não mais que derepente o elevador voltou a funcionar. Essa conversa não faz ninguém deixar de ser como é, mas alguém saiu de lá pensativo. O que acontecerá só o tempo vai dizer.

NARRATIVA 11

Preconceitos dentro do elevador

Entrou no elevador um machão, um metrossexual. De repente, por ironia do destino ou por azar mesmo, o elevador quebra e o silencio começa a tornar-se constrangedor. O machão logo ficou irritado e desconfiado, se afastando o máximo possível dos outros dois e ficou apenas observando.

O gay ficou com uma cara de desprezo tanto pelo machão quanto pelo metrossexual. Já o metrossexual não estava nem preocupado com a situação, pois lia a sua revista de beleza masculina. O silencio começa a ser quebrado pelo gay que, incomodado com a fumaça do charuto do machão diz: -por favor, apagar esse charuto, pois a fumaça me incomoda. O machão olha com desdém para o gay e apaga o charuto sem dizer nada, pois não queria ter contato com ele.

O gay tenta se aproximar do metrossexual e procura ver a revista, pois não achou interessante porque tinha fotos de homens bonitos e fortes. Para introduzir uma conversa o gay pergunta:

-Posso dar uma olhadinha nessa revista? Achei ela muito interessante, o metrossexual dá uma gargalhada irônica e diz:

-Claro que não meu filho, estou ocupado lendo como obter um corpo musculoso e saudável. O machão já sem aguentar mais explode de raiva e diz brutaemente: -Homem que é macho não se preocupa com negócio de beleza.

Então, começa uma grande confusão entre os três, no elevador, sobre o que é ser homem ou não, mas sorte que o elevador começa a funcionar e os três saem brigando.

NARRATIVA 12

O diálogo no elevador

O gay como sempre “elétrico” por natureza começa um diálogo com o metrosssexual.

-Oi após a leitura você pode me emprestar essa revista? Porque pelo andar da carruagem este troço vai levar muito tempo para ser concertado.

-Ah, ate posso emprestar desde que o elevador não seja concertado a tempo.

E o machão fica inquieto, só pensando como ia fazer para se livrar dessa “inimigo” que estava tanto lhe incomodando. E o tempo não passava para o machão, já eram seis e cinquenta, cerca de quarenta e cinco minutos que eles estavam trancados no elevador.

De repente o metrosssexual olha para o gay e disse:

-Pegue a revista, após a leitura pode ficar a vontade e emprestar para quem você quiser.

O machão olhou rapidamente para o gay e disse:

-Por favor, leia e veja se tem alguma notinha falando de como se livrar de algo indesejado. O gay olhou bem dentro dos olhos dele e falou: -Você que se livre de mim e ainda vem pedir ajuda, essa não, se estas tão incomodado leia você mesmo.

-Calma, amigo, apenas quero saber como posso tirar a agua do meu joelho neste aperto que estamos, Já que vi que o tema da revista era soluções para causas impossíveis.

NARRATIVA 13

Gay: -Não tinha hora melhor para o elevador quebrar.

Machão: -Fica na tua bichona!

Metrossexual: -Concordo com você.

Gay: -Eu tenho uma brincadeira bem divertida para a gente brincar.

Machão: -Vão brincar vocês dois, eu estou fora!

Gay: -Já que o grandão não quer brincar então vamos conversar met.

Met foi a forma carinhosa qua a bicha encontrou para se referir ao metrossexual. Esse disse: -Você viu a reportagem que saiu na ti-ti-ti sobre Adriana Galisteu e o baraco que ela fez?

Gay: -Minimo! Vi sim, ela fechou com aquele barraco, a piriguete foi se meter com o gato dela.

Metrossexual: -pois, é.

Machão: -Conversa idiota.

Gay: - Fica na tua grandão.

Enquanto rolava esta conversa toda o machão não parava de apertar o botão, para vê se o elevador voltava a funcionar. Ai que conseguiu guando o gay disse que ele ficasse quieto na dele. O gay disse: -Ou, já voltou a funcionar?!

Machão: Graças a Deus, assim não tenhoque te aturar mais.

Gay: -Tchau meu grandão lindo!

Metrossexual: -Tchau para vocês.

NARRATIVA 14

Saia justa

De repente, quebra o elevador que transporta um machão, um gay e um metrossexual. O silêncio começa a tornar-se constrangedor, até que o machão diz:

-Pô, meu! Tá olhando o que?! Por acaso tá me achando bonito?

-Eu, te achando bonito (kkk) imagina... estou te achando maravilhoso! Ai, um homem desse pra mim –disse o gay.

Sai dessa! Eu sou espada!

-Uuuuu! É tudo que eu amo.á pra parar esse bate-boca! Vocês estão atrapalhando minha leitura –disse o metrossexual.

Me desculpe aê, meu irmão! Mas esse cara me olhando o tempo todo me tira do sério – disse o machão.

-Ah é, pois não quero nunca mais olhar pra você. Prefiro ficar cego!

O gay fechou os olhos e tudo ficou escuro no elevador. Então abre os olhos e diz com espanto:

Ai, meu Deus! Eu não acredito! Fiquei cego. Ah, senhor, me perdoe por ter dito tamanha besteira!

-Ai, meu Deus só faltava essa... faltou energia. Isso está cansando minha beleza – disse o metrossexual.

De repente o elevador voltou a funcionar normalmente para a felicidade dos três. Cada um toma um rumo diferente. E o elevador continua lá pra encontros e desencontros.

NARRATIVA 15

De repente o elevador quebrou, com isso só se ouviu:

Ahhhhh, um grito fino e alto. Havia três pessoas, seus nomes eram Serginho, Marcelo e Fred.

O silêncio pairou no ar até que uma voz fina e aguda surgiu dizendo a Serginho: você é mulherzinha é? Isso devido ao fato de Serginho ter gritado histericamente. Com isso os dois começaram a conversar sobre os sucessos da cantora Lady Gaga e os dois começaram a cantar Bad Romance, Marcelo que estava ficando irritado falou: o que é isso caramba? Dá para agirem como homens de verdade? Eles responderam: nós somos homens de verdade, apenas somos da forma que queremos ser e achamos essa forma de passar o tempo.

O silêncio voltou, e logo depois Fred estava batendo foto, mostrando suas habilidades como a dança dos fósforos, a do gafanhoto, nisso Marcelo estava com a cara mais feia do mundo, até que Fred lembrou que tinha uma garrafa de Ice Ice Ice e tequila, os três começaram a beber e quando o elevador abriu estavam saindo cantando Lá-lá-Uh-Lá-Lá-Lá-Lá-Uh-Lá-Lá What a Bad Romance.

NARRATIVA 16

O ultimo personagem a entrar no elevador foi o “machão”, em seguida ele apertou o botão com o objetivo de selecionar o andar que tinha o intuito de chegar. Após alguns segundos todos percebem que o elevador quebrou. Nesse momento o “machão” volta a apertar o botão, mas nada acontece. O mesmo repete a ação cerca de cinco vezes seguidas cada vez com mais força. Logo depois afirma: -Porra, o elevador quebrou!

Gay: -Relache amado!

Machão: -Tsc, tsc...(bufando).

Gay: -Você esta com presa querido!

Machão: -Lógico, não deu pra perceber. Além de gay é burro.

Gay: -To bege! Você é homofóbico?

Machão: -Agora, fudeu!

Gay: -Fiquei rosa chiclete coma sua atitude!

Metrossexual: -Agora so nos resta conversar

Machão: -Se ele é um gay, você é o que?

Metrossexual: -Sou um metrossexual.

Machão: -O que é isso?

Metrossexual: eu sou homem, porem sou vaidoso, gosto de me cuidar.

Machão: -Humm... sabia outro viado. Só o que me faltava, ficar preso no elevador com dois gays.

Gay: Ele não é um homossexual.

Machão: -Pra mim, tudo é a mesma bosta.

Gay: -Nossa a,a,a

Machão: -Cala a boca todo mundo, essa conversa esta me enchendo o saco.

O machão volta a apertar o botão e o metrossexual aleta que vai ser inútil.

O gay começa a cantar o hino dos gays para destruir. O machão não aguenta e da um chute na porta e o elevador volta a funcionar.

NARRATIVA 17

O Eis machão do elevador

Em uma certa noite, por volta das oito da noite entram em um elevador um gay, um machão e um metrossexual. Intrigado com um silencio interminável, o gay inicia uma conversa:

-Ai que calor, será possível que ninguém vira concertar isto? Ai ninguém merece.

O machão olha com uma expressão de nojo, o metrossexual não da atenção. O silencio predomina e o gay novamente se manifesta:

-Nossa, depois nós gays é que somos cheios de frescura!

O metrossexual:

-Aí cara, ou sei lá o quê, isso não é frescura não, as mulheres gostam disso, ta ligado?

-Frescura sim! Eu sei bem, comecei assim me disfarçando também, se assume bofe!

-Hei bibona, é errado querer ficar mais bonito?

-Não meu bem, eu tenho um cremezinho pra pele lá no meu apartamento quer, hum...

O machão diz:

-Pô cara, vocês dois aí, da pra parar de frescura ou tá difícil?

-Uiii! Que voz heim, adoro!

-Qual é meu irmão, tá afim de apanhar?

-Ai meu amor, se você falar com aquela voz de novo eu apanho com prazer.

-Meu irmão...

O metrossexual.

-Calma cara, só ta a gente aqui relaxe!

O gay, que carregava em sua bolsa uma bebida e ofereceu ao machão, ele sem ter o que fazer aceitou. Depois de beber o machão começou a expressar seus sentimentos e contou sua historia de vida, enquanto chorava. Ao abrirem o elevador, o machão estava abraçado com o gay e se tornaram best friends forever.

NARRATIVA 18

Saia justa no elevador

Em um determinado dia em um elevador, encontra-se três pessoas diferentes, um gay, um metrossexual e um machão.

Mas, de repente o elevador quebra.

O machão com cara de mal avisa:

-O elevador quebrou!

Não se meta comigo, porque se não vai sobrar pra vocês.

O gay.

-Ai meu deus, eu não vou aguentar ficar aqui por muito tempo com esses dois bofes. E começa a roer as unhas.

O metrossexual porem fica na dele, pois esta lendo uma revista de saúde masculina e se interando do que há de novo na moda.

O gay continua dando chilique com suas roupas a chamar a atenção.

O machão por sua vez não quer saber de dialogo, pois conversar com esses dois so termina em briga, e continua a mexer nos botões do elevador.

Que situação.

NARRATIVA 19

No elevador acontece uma situação inusitada, juntos, presos no elevador estão um machão, um gay e um metrossesexual. O momento é um tanto constrangedor para os três, cria-se um instante de estranheza, principalmente quando se faltam palavras. No entanto em meio ao silêncio inevitável, percebe-se olhares tímidos, então ao tentar inutilmente recorrer novamente ao botão de emergência o primeiro homem de aparência deslechada, com charuto na boca, olha para o que esta lendo uma revista e baixinho pergunta:

Ei cara, você esta vendo aquela figura? Gostaria de saber se ele é mesmo desse planeta. Sinto náuseas só de pensar na possibilidade de tê-lo como amigo! Não que eu tenha preconceito a homossexual, mas, pô meu, usando essas roupas não da né!

O outro responde:

Não quero criar nem um tipo de discursão, mas acho que você falou alto demais e acho que a criatura quer fazer contato kkkkk!!

-Pô cara! Ainda bem que tu concorda comigo achava que estava falando com as paredes. Sei lá... me desculpe a sinceridade, mas esse cabelinho, sei não!!

-Mais respeito cara, estou aqui te dando um toque e você me vem com essas, nem te conheço.

De repente, ouviu-se uma voz um tanto afeminado, mas não os confunde.

-Ei homem com h, ouvi o que vocês comentaram sobre minha pessoa e não gostei nem um pouquinho! Tá!!!

Os dois responderam:

-Qual foi?? Vai encarar! Coisa de outro mundo!!!

-Não me troco por coisa imunda.

-Mais respeito, não queremos arranjar confusão com você, só achamos que deveria ser mais discreto.

O gay responde:

Vocês dois são verdadeiros machões, deveriam respeitar a opção sexual dos outros.

-Nós respeitamos mais bem longe.

-Seus bobos! Logo hoje que eu tenho uma festa badaladíssima para ir, organizada por minhas amigas (mulheres) e estou precisando entregar duas senhas!!

-Diga, diga, diga.

-Beyonce, Shakira, mulher melância, entre outras mulheres maravilhosas.

-Ah, o elevador esta funcionando, ate a próxima.

NARRATIVA 20

“Saia (calça) justa”

Elevador quebra... Um silêncio faz-se até...

Machão: -liih...! Eu sabia! Elevador é coisa de bicha! Era pra ter pego a escada...

Gay: -Air! Bicha não...gay...bicha é o metrossexual que é mais fresco que eu e não assume...

Metrossexual: -Epa! Nada disso...Cuidar da aparência é o mais importante...Isso me mantém bem comigo mesmo... Já vocês não podem dizer o mesmo...

Machão: -Quanta merda junta! Maldita hora! Abreviar o tempo me custou isso...Preso com duas bichas: uma resolvida, e a outra em processo...Eu vou acabar chutando esta lata ate abrir...

Metrossexual: -Calma! Isto não resolve nada... Aqui na revista diz que estress com situações que não estão ao seu alcance te fazem envelhecer a pele...

Gay: -E o fresco sou eu...

Metrossexual: -cale sua boca você não sabe nem o que diz! Ao invés de fazer tanto uso da musculatura glutídea porque não vai ler um livro?

Gay: -E porque você não vai se vestir melhor?

Machão: -Eu não aguento mais vocês! Vou chutar agora para abrir!

Um silencio ecoou com um grito e...Prim! a porta abre-se e todos saem sem mais nada a dizer...

NARRATIVA 21

Saia Justa

De repente, quebra um elevador que transporta um machão, um gay e um metrossexual. O silêncio começa a tornar-se constrangedor até que Alex (o metrossexual) inicia um pequeno dialogo para passar o tempo e principalmente para esquecer a conversa nada cordial que teve no escritório com seu chefe.

-Será que demora muito para consertarem o elevador.

-Ah! Sei lá, estou tão triste por não ter conseguido a bolsa de Artes Dramáticas que não paro de roer as unhas e esperar com um fio, bem fiozinho mesmo de esperança que me liguem, enfim espero um milagre.

O homem robusto, enfim olhou para o lado e disse:

-Como é teu nome mesmo?

-Miguel, respondeu prontamente o gay.

-Ah! Miguel, esquece que as coisas se resolvem por si só, hoje pela manhã enquanto ia academia, levei a maior bronca do meu chefe por não ter conseguido uma exclusiva com o ator global, e só mesmo um milagre aí sim um milagre amigável no escritório não toma o rumo que estou pensando.

O homem robusto disse então:

-Pelo menos não estou só nesta fila. Fazem dois dias que espero um sim da minha esposa, briguei ou melhor brigamos como nunca tinha acontecido, me pego chorando no espelho, não faço mais a minha barba, não sei o que fazer.

-Como te chamas? (Alex, perguntou).

-Salvador.

-Salvador, Salvador, acho que nos encontramos na hora certa. Se o Alex topar, vamos resolver nossas vidas agora. Vou te entrevistar para mostrar, que nos homens também temos sentimentos considerados femininos, como choro, solidão, tristeza e a falta de uma companheira, o Miguel te ensina a falar as coisas certas para ela e eu o filme.

Nunca um elevador enguiçado foi tão movimentado, enquanto um suspirava, o outro ensinava como o que falar, quatro horas depois, a porta se abriu, um correu para o cabeleireiro, o outro a revista e o último foi levar seu pequeno curta. As 9:00 h da noite, o telefone de Miguel toca era Salvador dizendo que tinha dado tudo certo, ela tinha aceitado jantar e ele tinha certeza que tudo ia correr bem, logo depois é a vez de Alex, dizia que no escritório todo mundo adorou e o chefe ate tinha o promovido, que também tinha falado com Salvador e o mesmo tiraria as fotos com sua (novamente) esposa, por ultimo, chegou o tão esperado telefonema avisando que graças ao curta (curtíssimo) a bolsa era dele. Levantou num sobressalto, ligou ainda atônito para seus dois novos amigos para contar a novidade, e marcaram para se encontrar e contar os “milagres” na sexta, na mesma hora e no mesmo

NARRATIVA 22

Tudo começou na cidade de Towrsville, em um elevador quebrado no primeiro prédio da Avenida Quatro, dentro dele haviam três pessoa com vidas bem diferentes, um era gay, o outro um machão bem resolvido e o último um metrossexual. O gay não perdendo tempo puxou conversa e começou o dialogo.

Gay: -Minha nossa dois elevadores quebrados!

Machão: -Pronto, vai começar...

Gay: -Ai, eu tenho claustrofobia, acho que vou desmaiar. Piscando o olho para o metrossexual, que responde:

Metrossexual: -Ei, cara perai. O brilho labial que to usando é só para não ressecar os lábios. Não vem não eim!

Machão: -Minha nossa senhora dos elevadores quebrados? Brilho labial? Isso é falta de surra! Diz ele tentando abrir a porta do elevador, trincando os dentes.

Passado alguns minutos, com indiretas aqui, outra direta ali, o gay exclama:

Gay: -Ai eu to nervosa! A cor roxo defunto não vai combinar comigo. Please Help-me. Grita ela, já cansada com a situação.

Metrossexual: -Meu irmão, abri logo isso ai, to começando a ficar com calor e o suor vai acabar manchando minha blusa de lycra.

Gay: -Nas horas vagas sou ventilador, eim! – diz se aproximando do metrossexual, que olhando com cara de assustado se joga em cima do machão, que por sua vez, puxa o gay pelo braço, fazendo com que ele se desescore do painel de controle do elevador, deixando aparecer uma plaquinha onde estava inscrito:

“Em caso de pane, não se assuste, aperte o número cinco do painel, e o elevador voltara a funcionar”.

NARRATIVA 23

Dentro do elevador o machão diz:

-Porra, esse elevador vem quebrar logo agora!(...)

Os outros dois olham de soslaio, meio que esperando o resto da frase. No entanto o grandão se conteve. Novamente impera o silêncio. De repente:

-Ai, não acredito quebrei minha unha, logo agora que acabei de sair do salão. Como se não bastasse estou preso aqui! Calado pensou: “ainda bem que não tem nenhuma mocreia nesse elevador”.

O machão, já irritado com a situação e não se aguentando, esbravejava:

-Cala a boca viado de uma figa!

-Eu sabia que esse sujeitinho ai era um homofobrico, meu sexto sentido me disse, falou o gay.

-Sou mesmo e dai?!?

Prevendo que os ânimos iriam esquentar, o metrosssexual advertiu:

-É melhor a gente se calmar porque estamos presos e daqui não vamos sair tão cedo.

Querendo provocar o machão, o gay diz:

-Acho bom mesmo, pois não quero cansar minha beleza!

Nesse momento, o barbudo se vira para dar um soco no viado, este por sua vez se vira para desviar e o grandão acaba acertando o soco no painel do elevador, que com a pancada volta a funcionar e logo abre as portas.

Ao sair gay ainda provoca:

- Pelo menos esse excesso de brutalidade serviu para alguma coisa.

NARRATIVA 24

No sobe e desce de um elevador, entra o Paulinho um gay super simpático, o metrossexual Rogério e o Ricardão um machão ignorante e super preconceituoso. E por uma obra do acaso o elevador quebra e olhando um para o outro o silêncio toma conta do ambiente. Paulinho muito simpático tenta interagir com os outros, porém, só o Rogério retribui, o Ricardão só vira a cara com um gesto de desprezo. Por muitas vezes ele fica incomodado, porém calado. De repente o telefone de Paulinho toca, é o seu namorado, eles conversam como se estivessem sozinhos, e logo que desliga começa a gritar e cantar expressando seu sentimento de alegria. Rogério participa dividindo a felicidade com Paulinho. Ricardão mal humorado fala:

-Calem a boca suas bichinhas, não veem que eu estou aqui? Por que agem assim?

-Simplesmente porque somos felizes e não temos medo de expressar nossas alegrias e comemoramos nossas vitórias. Eles respondem.

Ricardão abre um sorriso e fala:

-Opa de vitórias eu entendo, ontem meu time ganhou de 3x0 sobe o seu maio adversário, jogando fora de casa, com o time completo e fazendo lindas jogadas.

O elevador abre os três saem, se despedindo com saudades.

NARRATIVA 25

O trio parada dura

Tudo começa com um comentário de Mauricio.

Maurício: -Ah! Que calor minha purpurina já esta deretendo. Porém os outros dois não se manifestam. Mais uma vez Mauricio fala na tentativa de dar início a uma conversa.

Maurício: -Gente será que vamos passar muito tempo presos aqui? Até a minha unha já quebrou, não aguento ficar muito tempo assim. Diogo começa a se irritar e diz: -Se vamos ficar muito tempo aqui não sei, só sei quanto menos você falar melhor será.

Como gay nunca fica sem resposta, disse: -Melhor comentar sobre purpurina e unha do que sobre mulheres, futebol e outras coisinhas medíocres que vocês homens falam como ninguém, afinal é só do que “acham” saber muito. Nilson se irrita e não deixa nem que Diogo responda, vai logo dizendo: -Ei, calma aí eu sou homem sim, mais não só falo sobre assuntos medíocres não, também me preocupo com a aparência e outras coisinha mais. Diogo altera exageradamente e diz: -Ei meu irmão, vamos para de viadagem aqui, eu não quero me misturar. Nilson logo comenta: -Você não confia no seu taco não, tem medo de se revelar é? Aposto que depois de umas e vou outras você solta a franga que tem dentro de si.

Diogo: -Eu sou macho sim! E pra provar que não solto franga alguma vou tomar sozinho a latinha de 51 que tenho no bolso.

Depois de algumas horas, Maurício completamente entediado começa a contar uma paródia que diz: Eu não nasci gay, a culpa é do meu pai.

Diogo totalmente bêbado começou a chorar e perguntou ara Maurício.

Diogo: -Meu amigo quem contou a minha historia para você? Por favor não espalha. Maurício e Nilson só faziam sorrir. Em pouco tempo o elevador voltou a funcionar, Diogo saiu arrastado por Maurício e Nilson e ainda os convidando para aum a balada gay.

ANEXO 2

QUESTIONÁRIOS

QUESTIONÁRIO

- 1)
Para você, os professores e professoras (além dos e das professoras de ciência) devem trazer discursões acerca da sexualidade e do gênero para a sala de aula? Por quê?
- 2)
Em sua formação neste primeiro semestre no curso de Pedagogia, aqui na Ufrn, teve em algum momento discursões que trataram sobre temas voltados para a diversidade sexual e de gênero? Quando? Em que disciplina? Em curso de extensão? Em palestras?
- 3)
Em praticas sociais contemporâneas, o que é, para você, um machão, um metrossexual e um gay?
- 4)
Como se entende a Homossexualidade?
- 5)
E a transexualidade: se tivesse um aluno (homem) que gostaria de ser chamado por um nome tido como de mulher, como você acreditaria que reagiria? Nomeá-lo-ia de eu forma? Por quê?
- 6)
Imagine a situação: no pátio da escola (de ensino médio) onde você trabalha, duas meninas trocam carícias (beijos, abraços). Você tomaria alguma atitude diante da cena?
- 7)
As bases religiosas em que foi criado(a), se é que tenha sido assim educado(a), “interferem” hoje em sua forma de ver o mundo? Conte um exemplo.
- 8)
Você acredita em cura para a homossexualidade, para transexualidade, para a lesbianidade?
- 9)
Já conhece os Tema Transversais, do Parâmetros Curriculares Nacionais?

RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO 01

- 1)
Sim. Considero a abordagem sobre o tema sexualidade importantíssimo para a formação e desenvolvimento de crianças e adolescentes conscientes e bem informados. Vale salientar que a abordagem deve ser adaptada a idade dos alunos em questão, pois a metodologia aplicada deve ser diferente para as faixas etárias distintas.
- 2)
Não sou do curso de Pedagogia, mas já participei de várias discussões durante o curso de serviço social. Desde o meu 1º período (2006.1) até 2009.1, mas não recordo o nome das disciplinas que abordaram esse assunto.
- 3)
Nos dias atuais entende-se como “machão”, qualquer homem heterossexual que faz questão de demonstrar virilidade em suas atitudes, inclusive na forma de se vestir, e costumam tratar as mulheres como seres inferiores.
Metrosexual é o homem, também heterossexual, que se preocupa bastante com estética e demonstra elegância nas suas atitudes.
E como “gay”, entende-se o homem que se relaciona sexualmente e amorosamente com pessoas do mesmo gênero, ou seja, homossexual.
- 4)
Entendo o homossexualismo como mais uma das expressões da “questão social” e percebo os homossexuais como vítimas do processo de desestruturação familiar que ocorreu nas últimas décadas e que ganha mais força a cada dia que passa, devido a desvalorização dos princípios familiares.
- 5)
Minha primeira iniciativa seria conversar em particular com esse aluno e deixaria claro que ele deve ser compreensivo com as pessoas que não partilham da mesma opção sexual e que ele pode ser tratado com predileções por esse fato. Então ele não deve ter o direito de escolher outro nome para ser chamado na escola, diferente de seu nome real, uma vez que os outros alunos também não tem esse direito. Essa é uma forma de prepara-lo para o convívio social e adaptação inclusive no mercado de trabalho, independente da opção sexual.
- 6)
Com certeza. Esse comportamento é inadequado ao ambiente escolar mesmo entre meninos e meninas.
- 7)
Sim. De acordo com os princípios cristãos o homossexualismo é visto como “errado” é pecado. Percebo que essa visão me influenciou, pois até hoje ainda não me libertei da “aversão” a tal comportamento! Apesar de não excluir ou isolar homossexuais do meu círculo de amizades, continuo não vendo como algo certo e normal e também não me vejo de forma alguma reproduzindo esse comportamento.
- 8)

Não, pois não se trata de nenhuma doença. Mas só pode ser superado com o comportamento adequado com a valorização dos valores familiares.

9)

Já ouvi falar dos Parâmetros Curriculares Nacionais, mas não desses temas transversais, ate porque não sou da área da Educação.

RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO 02

- 1)
Sim, porque esses assuntos devem se tornar comuns na sala e não um tabu.
- 2)
Sim, semana passada na aula de fundamentos psicológicos da educação.
- 3)
Um machão é um homem que se acha melhor e mais homem que os outros, mas que no fim das contas não é de nada, o metrossexual é um homem vaidoso, já o gay é um homem que não sente atração por mulheres, mas sim por outros homens.
- 4)
Entendo como um fato de certa forma comum, uma questão de escolha pessoal.
- 5)
Com certeza iria estranhar muito e a chamaria pelo seu verdadeiro nome, pois se ele quisesse ser chamado por outro nome deveria ir ao cartório e fazer essa troca formalmente.
- 6)
Só tomaria alguma atitude depois, iria conversar com elas e pedi que fossem mais discretas, no momento em que a cena estivesse acontecendo iria fingir que não estava vendo.
- 7)
Sim, pois sou evangélica e perante a igreja questões como aborto e homossexualidade são completamente errados e sou consciente que por esse fato também me torno contraria a isso.
- 8)
Não, pois não vejo como uma doença, mas sim como uma escolha.
- 9)
Ainda não.

RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO 03

- 1)
Sim, eles precisam ficar informados, e é um assunto que interessa a todos.
- 2)
Não houve.
- 3)
Um machão é um homem preconceituoso, ignorante..., um gay seria a opção sexual voltada para o mesmo. E um metrossexual é alguém bem resolvido com a sua sexualidade e que não tem preconceito.
- 4)
Uma opção.
- 5)
Eu iria chamá-lo pelo nome de registro. Por que na minha opinião independente da sexualidade, é certo chamar pelo nome.
- 6)
Acredito que não.
- 7)
Fui criada em um lar cristão, tenho uma base sólida no cristianismo. Porém não tenho preconceito, tenho amigas e amigos gays e que são ótimas pessoas. Acredito que não é certo pois Deus criou o homem para a mulher, mas deixou também o livre arbítrio.
- 8)
Não acredito na cura, pois não acredito que é uma doença.
- 9)

RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO 04

- 1)
Sim.
- 2)
Não.
- 3)
Gay: que quer ser mulher, metrossexual – cuidadoso, machão – homem bruto.
- 4)
Um pecado
- 5)
Eu não sei é muito complicado
- 6)
Eu ficaria triste, pois fazendo estão indo contra a vontade de Deus.
- 7)
Sim. Ex: o cristianismo ou melhor a bíblia é contra o homossexualismo, do qual creio que é pecado
- 8)
Sim, Jesus Cristo, o salvador que perdoa os pecados. E isso é um pecado que pode ser perdoado por Cristo.
- 9)
Não.

RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO 05

- 1)
Sim, Porque particularmente acredito que talvez não seja a única coisa do mundo que realmente precise de uma boa teoria antes da prática, pois na atualidade esta ocorrendo o oposto.
- 2)
Ainda não
- 3)
Um machão é um homem rústico, preconceituoso, sem cultura, um gay é um homossexual, já o metrossexual é um homem vaidoso.
- 4)
Mais ou menos, pois é um contexto muito polêmico.
- 5)
Não sei responder, porque ainda não convivi com tal situação.
- 6)
Não, pois é uma coisa normal de acordo com o contexto explícito.
- 7)
- 8)
Não porque segundo a ciência, a homossexualidade não é uma doença, então como cura?
- 9)
Não, o melhor ainda não.

RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO 06

- 1)
Sim, pois dessa forma os alunos se familiarizariam com o assunto e não teriam receio nem demonstrariam timidez ao discutirem o tema.
- 2)
Não.
- 3)
Um machão para mim, é um bruto, ignorante, um metrossexual é aquele homem que se importa bastante com a estética e um gay é aquele que gosta do mesmo sexo.
- 4)
Eu entendo como um desvio da lei natural dos seres humanos.
- 5)
Eu chamaria pelo seu verdadeiro nome, porque não me adaptaria.
- 6)
Não.
- 7)
Interferem sim, um exemplo sim é a homossexualidade, enquanto o mundo acredita e defende que seja genético eu não, acredito que seja uma desobediência a vontade de Deus.
- 8)
Sim, acredito que a cura para a homossexualidade, para transexualidade e lesbianidade esta em Jesus Cristo.
- 9)
Não.

RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO 07

- 1)
Sim, para desmitificar a abordagem do sexo.
- 2)
Sim. Aula de psicologia da educação, tratando de Freud e sua abordagem sobre a sexualidade.
- 3)
Um machão é um homem o qual tem suas opiniões próprias e não as altera mesmo com fortes argumentos convincentes. Metrossexual é um homem extremamente preocupado com a sua aparência física e intelectual. Gay é o(a) indivíduo(a), o qual tem sua opção sentimental/sexual diversa as impostas “normais” pela sociedade.
- 4)
Homossexualidade é o ato ou opção de amor ao individuo do mesmo sexo.
- 5)
Reagiria com repugnância, pois seria sinal de que a pessoa não se assume como se é. Não lhe daria nomes pejorativos e somente evitaria comunicação.
- 6)
Não, porem ficaria chateado com a falta de respeito
- 7)
Não.
- 8)
Não existe cura e sim mudança de postura.
- 9)
Não.

RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO 08

- 1)
Creio que não. Seria fugir do assunto, já se tem pouco tempo para as matérias do currículo, acrescentar mais um tomaria um tempo precioso.
- 2)
Houveram discursões sobre esse assunto, mas não como algo proposto pelo professor, surgiu o assunto, ele foi discutido.
- 3)
Machão: um homem que não cansa de afirmar que é homem, que gosta é de mulher. Alguém grosseiro, sem modos.
Metrossexual: um homem que tem extremo zelo por sua aparência.
Gay: homem que sente atração sexual por homens.
- 4)
Homossexualidade, pra mim é quando uma pessoa se atrai por pessoas do mesmo sexo que ela.
- 5)
Sendo sincera, eu iria estranhar um pouco o fato de alguém não estar satisfeita com seu gênero. Bom eu acredito que ia tentar ao máximo seguir seu desejo, mas não sei se ia conseguir chamar um homem pelo nome de mulher não por preconceito, mas pelo simples fato de não conseguir ligar o nome feminino à imagem masculina.
- 6)
Pra falar a verdade já aconteceu isso comigo. Tentei fingir que não via, pois pensei que se me pegassem olhando, eu estaria sendo preconceituosa.
- 7)
Na verdade me confundem um pouco. Sempre fui a igreja e na Bíblia prega-se, por exemplo, que o homossexualismo é pecado, mas a lei diz que é o exercício da liberdade...como resultado tenho uma opinião que não é nem da bíblia nem totalmente do lado da lei.
- 8)
Não creio que seja algo que se precise de cura. É uma escolha.
- 9)
Não. O que é?

RESPOSTA DO QUESTIONÁRIO 09

- 1)

Os professores devem estimular as discussões de todos os níveis na sala de aula. Falar sobre a sexualidade deve se tornar algo comum, principalmente em um mundo universitário onde a faixa etária de idade encontra-se entre jovens e adultos. Isto deve ser trabalhado para que não haja constrangimento. Tratar sobre a sexualidade, para mim é normal, falar sobre os temas que o envolve também. Os professores devem sim trazer discussões sobre isto.
- 2)

Uma vez na matéria Leitura e Produção de textos, o professor Nouliton falou sobre as histórias infantis e mostrou um lado não infantil dos contos. Falou sobre o tema sexual destes contos e notei, com a turma do primeiro semestre da tarde, que houve uma certa surpresa entre as garotas da sala. Talvez seja por causa da turma ter sua maioria garotas muito novas que não tenham uma desenvoltura acerca do tema. Elas ficaram assustadas e acharam o tema da sexualidade nestes contos algo errado, imaturidade de alguns alunos talvez. Entretanto o tema foi exposto pela turma da noite, pessoal mais maduro e mais consciente . tratou a sexualidade de modo natural, fato ocorrido na matéria de Fundamentos sócio psicológicos, houve debate e tudo bem interessante de falar.
- 3)

Para mim um homem machão é aquela pessoa qual não aceita as diferenças dos outros. Que foi criado em um regime rígido e por vezes ser bruto é uma forma de defesa. Sua opinião é a que vale. Ser um metrosexual é cuidar da aparência, procurar estar sempre em forma. Um homem metrosexual esta sempre bem informado sobre o que é bom para a saúde, visita os salões de beleza frequentemente além de ser bastante vaidoso, reportagens afirmam ser um novo modelo de homem. O gay é uma pessoa que escolheu conviver com outra do mesmo sexo e por vezes ainda sofrem preconceito da sociedade porém estas ideias estão sendo mudadas com o avanço das informações.
- 4)

Na minha família há pessoas homossexuais. Eu tenho amigos e amigas homossexuais. Entendo como uma escolha individual da pessoa e por ter convívio com pessoas desta maneira, não me surpreende se uma pessoa é ou não. A opção sexual vai da escolha de cada um. Enfim, entendo a homossexualidade como uma mudança genética e que já nascemos com isso, que não pode ser mudado, embora há quem diga que é psicológico.
- 5)

No primeiro momento eu iria achar estranho chamar um homem pelo nome de mulher. Mas ate que me acostuma-se coma ideia, o chamaria pelo nome que ele escolheu, pelo nome de mulher, se isso faz feliz.
- 6)

Já presenciei algumas cenas do tipo duas garotas que trocam carícias, assim como já vi homens. Entretanto, não foram em escola, no caso da questão. A minha atitude perante tal fato seria aconselha-las para prestarem mais atenção na situação ao redor onde elas se encontram. Pois, ali é uma escola, há outros meninos e meninas que talvez não entendam esse envolvimento amoroso das duas e que as posam pré-julgar de forma errada.

7)

A minha criação foi toda na base religiosa, e isso contribuiu para minha educação. Minha forma de ver o mundo é ao mesmo tempo realista e tranquila. Por um lado vejo os acontecimentos e tiro minhas conclusões e por outro lado construo minhas próprias opiniões, teorias e pensamentos. Não concordo completamente nos dogmas religiosos, mas precisamos deles para que possamos ter fé e que possamos também acreditar em um futuro melhor.

8)

A homossexualidade não é uma doença. O que é necessário é que as pessoas tenham uma orientação certa.

9)

Podemos definir os temas transversais como um conjunto de orientações escolar que objetiva a contribuição com a formação do individuo, visando uma participação como qualidade na sociedade. Incluem temas como ética, meio ambiente, saúde, cultura e orientação sexual. Expressam a cidadania e traduz detalhes da vida cotidiana.

RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO 10

- 1)
Não. Geralmente esses temas geram polêmicas.
- 2)
Sim. Na aula de Fundamentos Psicológicos na discussão do tema “identidade”.
- 3)
Um machão_um homem valentão e que costuma fazer, ou ter preconceito para com os outros.
Metrossexual_um homem que cuida muito bem do seu corpo, da sua aparência.
Um gay_uma pessoa de trejeitos femininos e que gosta de relacionar-se com pessoas do mesmo sexo.
- 4)
Entendo que a homossexualidade é a pessoa gostar de outra do mesmo sexo, e vejo como uma escolha de cada um.
- 5)
Certamente me surpreenderia, ficaria constrangida. Porque no papel do professor tenho que chama-lo pelo seu nome e trata-lo como menino.
- 6)
Na qualidade de estudante já observei esta cena, e minha atitude foi ignorá-la, porém no papel de profissional de ensino tenho por obrigação de pelo menos chamar a atenção das duas para que não se repita tal fato, pois, estão em uma escola e deve respeitar o lugar.
- 7)
Não. Apesar de ter sido educada na base religiosa posso muito bem tomar minhas próprias decisões sem ser influenciada pela religião.
- 8)
Não vejo isso como doença, vejo como escolha de cada um.
- 9)
Não.

RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO 11

- 1)
Sim, é importante para o entendimento e desenvolvimento ao suposto com as diferenças.
- 2)
Não.
- 3)
Machão _é o que pode tratar como ignorante ou falta de conhecimento e separa pelas diferenças.
Metrossexual_ seria um homem que se importa demais com sua aparência.
Gay_ é um homossexual assumido.
- 4)
Ao longo de toda a historia é uma constante e acredito que seja normal e não uma doença ou distúrbio.
- 5)
Reagiria de forma como, por espanto a principio, mas respeitaria. Chamaria pelo nome que ele(a) se intitula-se por tentar respeitar o gosto e o sexo dele(a).
- 6)
Dependendo da idade sim, pois deveriam se informar sobre sexualidade para que não sofressem preconceitos, e sobre informações validas, sobre doenças e atitudes que em publico podem vir a sofrer.
- 7)
Não. Não sou nem me considero muito religioso, mas na visão do catolicismo é completamente errado(a) a prática do homossexualismo, porém eu prefiro ser indiferente quando vejo coisas do gênero.
- 8)
Não definiria como cura e sim opção, se a pessoa deseja mudar vai mudar.
- 9)
Não.

RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO 12

1)

Em primeiro lugar, concordo que todo e qualquer professor é um cientista, seja na área da ciência humanas, exatas ou naturais. Em segundo lugar deve-se ter em conta a idade da turma e por terceiro, digo que tais discursões devem ser abordadas por professores de história e português (lopois ambas as disciplinas tocam muito nos pontos relacionados a gênero e sexualidade), e claro por professores de ciências biológicas.

2)

Na realidade não houveram discursões, no máximo alguns comentários a cerca do número de mulheres comparado ao de homens que ingressam nesse curso.

3)

Apesar de não concordar com tais termos, pois são preconceituosos, afirmo que: machão é o homem que foi criado em uma cultura em que mulher deve ser sempre casada com homem, e o que é diferente disso choca profundamente sua dignidade, não se deve confundir “machão” com covarde, pois este último é quem comete barbaridades para com seus “semelhantes”.

Metrossexual é o homem que não tem vergonha de se cuidar esteticamente, é basicamente o cara que faz as unhas, vai academia, se depila, tec.

Gay é o homem ou mulher que tem atração por um parceiro do mesmo gênero.

4)

Para ser sincero eu não entendo, não tenho preconceito, mas realmente não entendo e faço minhas as palavras de Dom Rauzito: “plug com plug não combina, tomada com tomada também não”.

5)

Eu diria que assim como ele, todos os outros colegas da sala serão sempre chamados pelo nome que consta na lista d chamada.

6)

Na posição de funcionário da instituição pediria que não praticassem tais ações, não pelo fato de serem duas pessoas do mesmo sexo, mas sim por se tratar de um ambiente escolar, também entraria em contato com os pais de ambas para checar se estão cientes desse nível de amizade dos seus filhos(as).

7)

Sim, interferem e muito, um exemplo disso é o meu não entendimento do porque ou o melhor, o que leva o individuo ao homossexualismo, questão esta difundida na igreja católica.

8)

Não, pois cura se da a algum mal, seja da alma ou do corpo, já os assuntos em questão não necessitam de cura, mas sim de aceitação, eu posso não entender o porque dessas opiniões, porem não tenho aversão.

9)

Não, io no chapisco!

RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO 13

- 1)
Sim. Como se trata de um tema muito polêmico as crianças precisam absorver o máximo de informações possíveis para poder formar uma opinião sobre o assunto.
- 2)
Não.
- 3)
Machão_homem que acredita que sua masculinidade limita-se a atitudes bruscas, que demonstre bravura, força, inabilidade e etc.
Metrosssexual_figura masculina, porem com caráter vaidoso gosta de estar sempre na moda, unhas bem cuidadas e cabelo bem tratados.
Gay_ individuo que sente atração por pessoas do mesmo sexo.
- 4)
Categoria sexual que caracteriza os homens que sente atração por pessoas do mesmo sexo.
- 5)
No momento que estivéssemos em sala de aula desfrutando da relação aluno-professor chamaria pelo seu verdadeiro “nome”. Porém fora do meu local de trabalho respeitava e poderia chamá-lo de do nome que lhe conviesse.
- 6)
A parti do momento que os excessos de carinhos se tornar-se uma situação constrangedora para os demais que assistiam a sena, eu interviria as meninas que fora da escola elas poderiam fazer o que quisesse, porém dentro da escola teria que manter a ética.
- 7)
Sim. Acredito que nenhuma religião aceite homossexuais, porém algumas “respeitam”, ou seja, não pode impedir que o indivíduo tenha algum tipo de crença.
- 8)
Acredito que a escolha da sexualidade de cada pessoa é muito relativa, pois depende dos valores de cada um. Então pode ser que algumas pessoas passem por fases que modifica das ações, isso faz com que defina suas sexualidades por períodos, ou seja, uma vez gay sempre gay. Isso independe da pessoa que o individuo esteja se relacionando na atualidade.
- 9)
Não.

RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO 14

- 1)
Não, porque os conhecimentos passados na escola ou Universidades devem ser apenas científicos.
- 2)
Não, nenhuma disciplina tratou desse assunto.
Machão: homem hetero que faz questão de ser macho e tem preconceito em relação a gays.
Metrossexual: homem hetero que é vaidoso.
Gay: homem ou mulher que gosta de se relacionar com pessoas do mesmo sexo.
- 3)
Entendo que as pessoas são livres, para fazer da sua vida o que bem entender. Uma pessoa quando escolhe pela homossexualidade não está se sentindo feliz com pessoas do mesmo sexo. Elas têm o direito de fazer isso.
- 4)
Eu pessoalmente aceito muito bem a homossexualidade, mas da forma homem que gosta de homem e mulher que gosta de mulher. Os homens que querem se transformar acho muito apapagaiado.
- 5)
Essa cena já aconteceu na Universidade, eu reagi normalmente, mas acho que certos tipos de carícias não devem ser feitos em público, inclusive homem x mulher.
- 6)
Fui criada no Catolicismo, mas quando independente não segui nenhuma religião. Não teve interferência alguma.
- 7)
Não, isso não é doença, para ter “cura”.
- 8)
Nunca ouvi falar.

RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO 15

- 1)
Sim. Independente se esse professor for de educação infantil ou não, a educação sexual deve ocorrer na sala de aula, pois esses alunos muitas vezes não recebem esse tipo de educação em casa.
- 2)
Não que eu me lembre!
- 3)
Na sociedade só existem apenas dois tipos de pessoas, homens e mulheres. Esses especificados na questão são todos homens normais com hábitos, estilos e opções diferentes.
- 4)
Um comportamento diversificado, contraditório a natureza, onde homens e mulheres possuem uma opção sexual diferenciada.
- 5)
Já tive colegas transexuais e reagi normalmente. Chamaria pelo nome que ele quisesse ser chamado. Ele é uma pessoa normal e tem direito total de escolher como quer ser chamado. Cabem as outras apenas respeitar.
- 6)
Sim. Esse comportamento frente a nossa sociedade ainda não é normal. Como numa escola ou em qualquer ambiente educacional, devemos ensinar a democracia. Tenho certeza que nem todas as pessoas desse lugar apoiariam. Eu, particularmente respeito por serem pessoas normais (homens e mulheres), mas definitivamente não apoio por considerar, errado, anti-natural e anti-bíblico acima de tudo.
- 7)
Não “interferem”, ensinam. Tenho muito prazer em ser evangélica e sou muito agradecida a Deus por isso. A igreja/religião frente a sociedade exibe um papel de ensinar e pregar a palavra de Deus. Cada um tem um livre arbítrio para seguir, acreditar e viver como quiser. Não há exemplos a serem citados, o testemunho de vida de cada pessoa é um exemplo do que a religião ou a ausência dela causa na vida das pessoas.
- 8)
Sim. Tudo o que não faz parte da natureza humana não é normal. Um comportamento como alguns destes citados na questão não é considerado normal perante a sociedade e principalmente perante a Deus. Precisa reaver seus conceitos naturais.
- 9)
Não.

TRANSCRIÇÃO DA *RODA DE CONVERSA*

Pesquisador: P.

Colaborador(a): C.

Pesquisador: o gay começa o diálogo, mas acontece uma coisa justamente interessante o machão pede silêncio. Como é que vocês explicam isso?

Colaboradora 1: É como se fosse um instinto de defesa!

P.: Defesa em relação a quê?

C1. Em defesa de o outro não ser homem como ele pensa que deveria ser.

C2. Por ele ser tão machão e dizer homem tem que ser homem e mulher tem que ser mulher.

C3. Acho que ele (o machão) não quer nem escutar a baboseira que o outro vai começar a dizer.

P. O que para ele é considerado baboseira?

C3. As vezes a conversa do machão é sobre o quê? Mulher, cerveja e futebol. (...) Então se um homem querendo puxar conversa sobre outras coisas, já incomoda.

C4. Acho que a própria linguagem que os gays utilizam.

P. Vocês trouxeram esses estereótipos para o texto, mas vocês reconhecem esses estereótipos no mundo?

C. Com certeza! (Várias pessoas)

P. E se fossem vocês naquele elevador, como é que você se imaginariam naquela conversa?

P. No caso de subtrair um dos três, quem vocês subtrairiam daquela conversa e entraria no lugar?

c. Eu tiraria o machão. Porque adoro conversar com gay e com metro. Porque ô povinho pra saber sobre saúde, beleza (mais de uma pessoa diz essa palavra), sobre moda

P. E essa questão do metrossexual, como é que vocês vêem essa questão hoje, socialmente?

C6. Assim, o homem gosta de se arrumar, mas o metro é aquele homem que gosta de se arrumar ao extremo, (vozes dizem: demais...) As vezes até mais que a própria esposa dele

C5. Eu não tenho preconceito não. É só um homem que se cuida bem.

P. Ela disse que os metrossexuais se arrumam ao extremo, ao extremo de quê? Por que vaidade é coisa de...

C7. Mulher...é isso que eu ia dizer.

P. Uma outra questão “engraçada” é que em alguns texto, acho que é 5 ou 6 texto, a unha do gay quebra: “Minha unha quebrou”. Por que esse detalhe na unha?

C9. Por que é uma preocupação feminina. Toda mulher se preocupa com unha. E como o gay tem vontade de ser mulher, acho que tipo, foi usado como uma expressão feminina.

C10. E o homem normal não. Ele rói a unha

C. É, a unha fica suja.

C. Homem normal?

C. Não, é porque assim: machão não ia falar assim (se referindo a uma piada feita por uma colega), ele ia falar com a voz grossa “ei, minha unha quebrou”.

P. Uma outra coisa que observei para marcar o machão foi o uso de palavrões. Vocês então verificam isso socialmente, o uso de palavrões?

C. É porque ele acha que só vai ser homem se tiver sendo grosseiro e mal educado.

P. Então, o que é um homem para ser vocês? No exercício mesmo com é que vocês identificaram o gay, o metro e o machão? A partir de que imagens?

C. Eu acho que está ligado ao comportamento mesmo. Para diferenciar o gay do homem a gente usa a opção sexual. (...)A forma de ver a mulher também dá para diferenciar.

C (homem): Eu acho assim. Acho que o machão é o cara que tem medo do novo. O machão é um cara que foi criado numa cultura em que mulher é para casar com homem e homem é para casar com mulher. Ponto final. E aí o novo assusta ele. E por isso ele tem essa aversão gay. Acho que é basicamente isso. (...)

C. (Mulher) Eu não concordo. Não se resume ao medo do novo. Mas porque ele tem o gosto por aquela cultura que foi passada pra ele. Realmente ele pode ter isso porque a educação mostrou isso pra ele. Mas quantas vezes um gay não saiu de uma família onde tinha mãe, pai, tudo direitinho e não reproduziram a mesma situação que eles tiveram dentro de casa?

P. E de certa forma isso já até toca um outro ponto, quando eu fui ler os textos, em algumas passagens o machão faz cara de nojo, ou cospe no chão, ou usa um palavrão de xingamento...Como é que vocês avaliam esse tipo de comportamento? Por que o machão teria esse nojo, em relação principalmente ao gay?

C. (homem) É, não sei porque isso, que o machão tem que ser o mal educado.

C. Assim, é o jeito que a pessoa tem: então ele pode sentir nojo!

C. (homem) Exatamente.

C. Eu acredito que esse comportamento é preconceituoso por ser exagerado. Não pelo fato dele não concordar com aquele comportamento. (...) É uma forma de dizer que aquela pessoa não merece respeito.

C. Assim, eu já passei por situações de pessoas serem de outras religiões, ter assim atitudes ridículas, mas isso não influenciou em nada na minha vida (...) Eu acho que vai da pessoa ser bem resolvida ou não.

P. Mas porque a ideia do nojo, a ideia do cuspir no chão? A que vocês atribuíram?

C. Eu já passei por uma situação numa lanchonete com um amigo meu, a gente tava conversando, aí chegou um gay e ele fez isso. E eu achei estranho. Na hora e disse “oxe, o que foi que aconteceu?”. “Viu não? Um viado véi aí?” Aí eu olhei pra ele disse: “ E precisa fazer isso?”. “Home, é porque toda vida que eu olho prum gay eu fico imaginando ele beijando a boca de outro cara, aí me dá nojo”.

C. é porque eles vêem o homossexualismo como uma doença. Como se aquilo fosse contagioso, quem tem que manter distância, que te, que...

C. Acho que na verdade ele tem medo. Vai que ele começa a observar e começa a gostar? Então tem que manter distância.

C. E nós, mulheres, teríamos nojo?

C. A imagem de dois homens choca mais do que de duas mulheres.

C. ... e a mulher, não, por mais que ela tenha nojo ela não vai demonstrar. A mulher é mais discreta.

c. Até pra mulher mesmo, pra ela ver dois homens se beijando, ela se sente mais constrangida. Ela imagina, “meu Deus, que desperdício” (em meio a risos)

P. Pra vocês, professores e professoras , além dos de ciências, deve tratar de discussões acerca da sexualidade e do gênero para a sala de aula?

C. Eu acho que não. O que deve ser passado para o aluno é aquilo estritamente científico. Não em relação de opção. Ele deve aprender o que é o corpo do homem, da mulher. Agora de opção, eu acho que não.

C. Eu acho assim. Eu acho que deve ser tratado, sim.(...) Porque o que a gente vê de meninas que começam a vida sexual cedo, que engravidam aos trezes anos, porque não sabe realmente como é o processo (...) que adquire doenças. Essas coisas...

C. Essa sexualidade que você tá falando é relação a quê? A opção? Então deve. De gênero, não.

P. Vocês já conhecem os temas transversais dos PCN?

C. NÃO! (Nunca ouvi falar)

P. Na aula de quê vocês acreditam que essa discussão poderia acontecer, sobre gênero e sexualidade?

C. Pra mim em nenhuma.

C. Acho que a escola é uma coisa científica, onde você aprende (muitos ruídos) uma coisa formal. Acho que tratar da opção sexual é uma coisa mais íntima, mais sua...

C. Seria importante nas aulas de ciências, né, de biologia.

C. Eu acredito que se surgir uma situação, mas assim a gente chegar e jogar isso goela abaixo, acho que não é necessário. Vai chegar um momento que eles vão começar a questionar certas coisas, aí, sim, eu acho que não pode se omitir. (...) Mas não acredito que tenha que ser uma coisa escrita e obrigatória. Essa parte de orientação sexual não cabe a nós educadores, é uma opção, mas se surgir uma situação, nada impede que a gente possa debater, que eles possam dizer o que eles pensam, que a gente possa dizer também...orientar muito consciente. Acredito que seria mais se surgisse uma situação

C. (...) eu não concordo em fazer parte da grade. Ó, assim, (...) o pai, ele deve tratar desse assunto com o filho. Desde cedo o pai tem que ter esse diálogo.

C. E muitas vezes os pais não tem essa coragem de dizer: “Meu filho, o homem com a mulher fazem isso, isso e isso.”

C. Na minha humilde opinião, se ensino religioso é optativo, pra quê colocar ensino sexual na grade?

C. Pra isso tem o médico. (No momento em que uma das alunas tentou questionar sobre a pergunta do colega dizendo que sexualidade é algo mais amplo que a mera opção sexual).

P. Gente, queria agradecer pela participação de vocês, mas nosso tempo chegou ao fim. Espero que em outras oportunidades possamos discutir melhor as temáticas e os questionamentos hoje levantados por nós.